DECEPCIONADOS COM A GRAÇA

ESPERANÇAS E FRUSTRAÇÕES NO BRASIL NEOPENTECOSTAL



PAULO ROMEIRO

Decepcionados com a Graça

Esperança e Frustrações no Brasil Neopentecostal

Paulo Romeiro

Iluminando Vidas
www.cancei.com.br



Dados Internacionais de Catalogação (CIP)
catalogado na fonte

R6642
Romeiro, Paulo
Decepcionados com a graça - esperança e frustrações no Brasil
neopentecostal/Paulo Romeiro - São Paulo: Editora Candeia: 2013

1. Igreja internacional da graça de Deus 2 Igrejas pentecostias Brasil
3. Teologia Pastoral 4. Teologia prática
5. Vida Cristã I. Título

ISBN 978-85-7352-196-2 CDD 240-260

Copyright©2005: Paulo Romeiro

Coordenação Editorial: Claudia Vaz

Revisão: Paulo C. Oliveira

Projeto gráfico e capa: BVA Editora

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Editora Candeia - www.candeia.com.br

Gostaríamos de saber sua opinião sobre este livro. Escreva para a Editora Candeia.

Dedicatória

Ao meu orientador no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Prof. Dr. Geoval Jacinto da Silva.

Caminhar juntos na elaboração da minha tese de doutorado foi um tempo de desafios e crescimento.

Agradecimentos

Aos membros da Igreja Cristã da Trindade, pelo apoio e pela paciência.

Ao pastor Sérgio Salém, pela primeira revisão dos originais. Sua participação no ministério pastoral possibilitou-me escrever este livro.

À minha esposa, Simone, e a meus filhos, A1yne e Adryel, que participaram de meu desafio de escrever uma tese e transformá-la em livro.

Prefácio

A PROSPERIDADE DA DECEPÇÃO

A teologia da prosperidade chegou ao Brasil em meados da década de 70, trazendo uma nova concepção sobre a fé. Bastava crer para ter acesso ao "céu" aqui na Terra. Saúde perfeita, excelente moradia, altos salários e poder passaram a ser acessíveis.

Mais de 20 anos se passaram e a pergunta persiste: como essa teologia conseguiu não apenas resistir ao tempo, mas ampliar sua influência e poder? "Ela é verdadeira", alguns diriam. Entretanto, como demonstra o autor, a teologia da

prosperidade carece de fundamentação bíblica, logo está longe de ser a verdade. Mas por que, mesmo assim, ela não dá sinais de cansaço? Paulo Romeiro nos ajuda a entender as razões para a longevidade desse movimento que está desfigurando a Igreja evangélica brasileira.

A criatividade sem limite de seus propagadores, reinventando-se continuamente, apresenta novidades irresistíveis àqueles que precisam agarrar-se à esperança de uma condição de vida mais digna. A intimidade de seus líderes com a televisão faz de cada culto um show muito bem produzido. A cada momento inventa-se uma nova maneira de atrair a atenção e expulsar os maus espíritos, a quem são atribuídos todos os males.

Além da intimidade com a televisão, sua sem-cerimônia ao lidar com o dinheiro impressiona. Tudo é pago, e muito bem pago. Ainda que cada movimento financeiro seja chamado de oferta, trata-se, na prática, de pagamento pela bênção. Deus foi transformado num gordo e avaro banqueiro que está pronto a repartir suas benesses para quem pagar bem, assim, o fiel é aquele que paga e o faz pela fé. Qualquer semelhança com a prática das indulgências da Idade Média certamente não é mera coincidência. Esta é a realidade de parte considerável da Igreja evangélica brasileira do início do século XXI. .

Acredito também que sua longevidade pode ser compreendida pela justificação que o movimento

neopentecostal dá ao capitalismo e sua vertente mais moderna – o neoliberalismo. Dinheiro é bênção e não maldição. Além de justificar o capital, o neopentecostalismo justifica o individualismo – a bênção é para o que tem fé, ela é inalienável e intransferível.

Diante desse quadro desanimador, Decepcionados com a graça surge como esperança. Ao abordar um grupo cada vez mais numeroso, formado pelas pessoas que se frustraram com as falsas promessas, Paulo Romeiro resgata o sentido bíblico da graça de Deus, revelando que, por mais que façamos para Deus e por mais caro que isso nos custe, sua graça é um favor imerecido – nenhum dinheiro do mundo consegue comprá-la.

Além de desconstruir a teologia da prosperidade, Romeiro apresenta elementos para uma ação pastoral que abrigue os decepcionados. Esta talvez seja uma das principais tarefas pastorais deste início de século – estender as mãos àqueles que, frustrados, já não mais acreditam que Deus se importa com eles, cidadãos de um Reino em que riqueza, poder e prosperidade não são pré-requisitos para nele serem admitidos.

Ariovaldo Ramos

Introdução

Este livro trata de esperanças e desapontamentos. Longe da

abordagem usual encontrada nos livros de autoajuda, o objetivo desta obra é analisar o conjunto de experiências de esperança e frustrações produzido por várias instituições evangélicas do segmento neopentecostal.

A princípio, pode parecer um paradoxo, já que o senso geral é de que as igrejas são espaços terapêuticos e de libertação. É verdade. A igreja é o último lugar onde se espera deparar com frustrações, compreensivelmente presentes no âmbito esportivo, político, familiar e profissional. Entretanto, elas se fazem presente na igreja, como a esperança também está nas demais áreas da vida.

Decepcionados com a graça — Esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal é fruto de minha tese de doutorado, denominada Esperanças e decepções — Uma análise crítica da prática pastoral do neopentecostalismo na Igreja Internacional da Graça de Deus sob a perspectiva da práxis religiosa, apresentada na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Trata-se de uma obra que lança um olhar analítico sobre um movimento religioso que, em virtude de seu poder de mobilizar multidões, sua presença maciça na mídia e seu crescimento acelerado, exerce extraordinário impacto na sociedade brasileira. Estamos falando do neopentecostalismo, movimento que tem preocupado as igrejas protestantes históricas, o catolicismo romano e vários outros setores da sociedade.

As peculiaridades do neopentecostalismo justificam a

pesquisa que deu origem a esta obra. Embora haja material disponível sobre o tema, a maior parte dele é produzida por sociólogos, portanto não havia até o momento uma pesquisa de orientação pastoral visando a ajudar os decepcionados do neopentecostalismo brasileiro.

No Brasil, as igrejas neopentecostais surgiram a partir da década de 1970, com destaque para a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), a Igreja Apostólica Renascer em Cristo e a Igreja Internacional da Graça de Deus, entre outros grupos.

A mola propulsora do neopentecostalismo é sua mensagem triunfalista, baseada na teologia da saúde e da prosperidade, surgida na primeira metade do século XX, nos Estados Unidos. De acordo com essa doutrina, o cristão não deve ser atingido pelas vicissitudes da vida, assunto atraente nos dias de hoje. Muito longe da exaltação da indigência, cara a certa tradição católica, sua retórica consiste em proclamar que a pobreza não faz parte dos propósitos divinos. Pelo contrário: tendo criado o ser humano a sua imagem, Deus deseja distribuir riqueza, saúde e felicidade àqueles que têm fé e a exprimem intensamente.

Sem nada a perder, mas tudo a ganhar, o fiel é incentivado a apostar tudo para que, de imediato ou em curto período de tempo, qualquer situação de revés mude radicalmente, experimentando assim o sentimento de já estar no caminho da prosperidade.[1]

Sou testemunha das transformações que marcaram e continuam marcando o neopentecostalismo. A partir de 1989, dirigi minha

atenção a um movimento denominado “teologia da prosperidade”, que se espalhou rapidamente pelo Brasil.[2] Mas foi viajando pelo país que conheci um novo tipo de cristão evangélico: o decepcionado.

Muitos saem pela porta de trás das igrejas neopentecostais decepcionados, defraudados, enganados. E também de nossas igrejas. Com muita humildade, podemos oferecer comunidades de integridade e carinho a tantos que já estão cheios da religião organizada?[3]

Atraídas à igreja com a promessa de enriquecer, curar-se e resolver todos os problemas, muitas pessoas veem suas esperanças frustradas. Apesar disso, o neopentecostalismo tem crescido em ritmo acelerado. Como explicar? Como responder as seguintes questões:

- Há diferença entre a pregação do neopentecostalismo e seus resultados?
- Quais os resultados da pregação do neopentecostalismo no Brasil? Qual a razão de seu sucesso?
- Que efeito a mensagem proclamada tem produzido entre seus adeptos? Gera esperança ou decepções? É um fator agregador ou de dispersão?

- O neopentecostalismo agrega uma prática pastoral? Produz igrejas e pessoas bíblica e emocionalmente equilibradas?
- Cumpre as promessas de uma vida terrena financeiramente abundante e fisicamente saudável, como promete a seus fiéis? Como seus adeptos reagem às adversidades da vida?

Ao longo desta obra, analisaremos criticamente as práticas pastorais do neopentecostalismo brasileiro, tendo como referência principal a Igreja Internacional da Graça de Deus, dada sua significativa

visibilidade na mídia, e outros grupos neopentecostais de destaque mencionados anteriormente. Para isso, investigaremos a procedência histórica do movimento neopentecostal; sua origem e desenvolvimento no Brasil; a influência da confissão positiva e a atuação do neopentecostalismo brasileiro.

Finalmente, Decepcionados com a graça formula propostas de prática pastoral capazes de facilitar o processo de repatriamento espiritual e de restaurar a esperança dos que se decepcionaram e ainda se decepcionam com a pregação neopentecostal. Por questões acadêmicas, os referenciais teóricos para essa pastoral de esperança são os teólogos Jürgen Moltmann e Casiano Floristán.

Moltmann, que segue a linha de Karl Barth e de Rudolf

Bultmann, é chamado o “teólogo da esperança”. Sua obra Teologia da esperança permitiu que ele fosse reconhecido como um dos grandes teólogos da atualidade. Moltmann produziu um projeto de teologia escatológica entendida como escatologia histórica.

Na contramão da teologia da prosperidade, Moltmann afirma que a única certeza que se tem em relação ao futuro gravita em torno do Cristo crucificado e ressuscitado. Essa esperança, contudo, não significa que o mal no mundo será ignorado nem evitado. Para ele, a esperança é nutrida e purificada mediante a dor, o sofrimento e a dificuldade. Mesmo que o mundo esteja envolto em trevas, a base de nossa esperança continua sendo Deus, alguém maior que o sofrimento que enfrentamos.

Casiano Floristán, por sua vez, trata da ação pastoral desde a época do Novo Testamento e da Igreja Primitiva estendendo-se ao longo da história da cristandade. Ele acredita que a ação pastoral também deve ser a ação dos cristãos. Ela precisa ser desenvolvida pela Igreja e constituir o povo de Deus em comunidade. A ação pastoral não só deve estar a serviço do Reino de Deus, o teólogo afirma, mas precisa da reflexão teológica, e esta, da ação pastoral. Com base em sua obra Teologia Práctica: Teória y práxis de la acción pastoral, formulamos a prática pastoral para ajudar a resgatar os decepcionados do neopentecostalismo.

UMA PESQUISA DE FÔLEGO

Um dos desafios da pesquisa é a vastidão do tema. Por ser um movimento dinâmico, apresenta mudanças constantes e tendências novas com significativa velocidade. Todos os dias surgem novas igrejas, novos líderes, novas ideias, novos escândalos e novas práticas – muitas das quais difíceis de detectar. Trata-se de uma característica do movimento, como veremos.

As pesquisas bibliográficas que fundamentam este livro originaram-se não apenas de materiais produzidos sobre o movimento neopentecostal, mas também por ele. Foram cartas, folhetos, cartazes de propagandas e documentos que tratam das doutrinas e dos regimentos internos de algumas igrejas, além de visitas, participações em cultos e entrevistas.

As entrevistas, realizadas com dissidentes da Igreja da Graça, da Igreja Universal do Reino de Deus e da Igreja Renascer em Cristo, revelaram um padrão nas pessoas decepcionadas. No início, ocorrem o deslumbramento, a expectativa, a entrega pessoal pela causa e a confiança despreocupada na proposta do grupo. Com o tempo, porém, vêm os questionamentos relativos à linha de pregação, à administração financeira ou a questões éticas, provocando o rompimento.

Embora todas as igrejas decepcionem, em uma proporção menor ou maior, a maioria das pessoas decepcionadas com as quais tive contato era de igrejas neopentecostais. Há relatos de desapontamentos, frustrações e até mortes provocadas pela pregação do movimento. Isso serviu de grande incentivo para

escrever este livro. Portanto, apresento nesta obra uma proposta de prática pastoral de esperança que possibilite aos decepcionados com essa mensagem triunfalista retomarem a vida cristã dentro de seu espaço cristão.

Meu desejo é que esta obra seja útil para as igrejas, capelanias, seminários ou outra instituição religiosa que trabalhe na formação integral do ser humano. Espero que ela possa ajudar também os líderes que buscam uma pastoral de acolhimento aos decepcionados pela religião, principalmente pelo neopentecostalismo.

1 Capítulo
A origem pentecostal

O neopentecostalismo tem suas raízes no movimento pentecostal, que surgiu nos Estados Unidos no início do século XX. Os adeptos do pentecostalismo passaram a enfatizar o batismo com o (ou no) Espírito Santo como revestimento de poder subsequente à conversão e com a evidência do falar em línguas estranhas. Outros dons ou manifestações sobrenaturais também passaram a fazer parte das reuniões pentecostais, como a cura física, as profecias e os dons de milagres e de discernimento,

Essas crenças e práticas baseiam-se no segundo capítulo do livro de Atos dos Apóstolos, quando os apóstolos, Maria

(mãe de Jesus) e cerca de 120 discípulos, instruídos por Jesus, reuniram-se num cenáculo em Jerusalém para esperar a vinda do Espírito Santo prometida por Cristo. No quinquagésimo dia posterior à páscoa, depois de esperarem por dez dias, a promessa de Jesus cumpriu-se. Lucas descreveu assim o evento:

Ao cumprir-se o dia de pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram
cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.[4]

Quanto à origem do termo Pentecostes, o dicionário bíblico informa:

Em Levítico 23:16, a Septuaginta empregou o termo petêconta hêmeras como a tradução do hebraico hªmishsïm yom, "cinquenta dias", referindo-se ao número de dias partindo da oferta do molho de cevada até ao início da páscoa. Ao quinquagésimo dia era a festa de pentecostes. Visto que o tempo assim escoado era de sete semanas, era chamada hagh shabhu'ôth, "festa das semanas" (Êx 34:22; Dt 16:10). Assinalava o término da colheita da cevada, que tinha início quando a foice era lançada pela primeira vez na plantação (Dt 16:9) e quando o molho era movido "no dia imediato ao

sábado” (Lv 23:11, 12a). É festa igualmente chamada hagh haqqãçïr, “festa da colheita”, de yôm habbikkürïm, “dia das primícias” (Êx 23:16; Nm 28:26). Essa festa não se limitava aos tempos do Pentateuco, mas sua observância é indicada nos dias de Salomão (2 Cr 8:13) como o segundo dos três festivais anuais (cf. Dt 16:16).[5]

Para explicar o fenômeno ocorrido em Atos 2:12 e refutar a sugestão de que estivessem embriagados, Pedro cita a profecia de Joel 2:28-32:

E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos jovens terão visões, e sonharão vossos
velhos; até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu espírito naqueles dias, e profetizarão. Mostrarei prodígios em cima no céu e sinais embaixo na terra;

sangue, fogo e vapor de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e glorioso dia do Senhor. E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.[6]

Ao longo da história, o pentecostalismo justifica as manifestações de glossolalia (falar em línguas) e outras relacionadas com fenômenos sobrenaturais citando uma variedade de textos bíblicos (At 2:16-21; 10:44-46; 19:6; 1 Co 12:10).

A manifestação dos dons espirituais não esteve restrita ao livro de Atos dos Apóstolos. O fenômeno de orar em línguas, por exemplo, tem sido constatado em grupos fora do cristianismo. [7]

A INFLUÊNCIA DE MOVIMENTOS PERIFÉRICOS

Na história do cristianismo, a busca por um contato mais íntimo com Deus passa pelo misticismo e pelo pietismo, movimentos que correm à margem da Igreja oficial. A característica principal desses movimentos é a aversão às normas e doutrinas da Igreja, pois entendem que o Espírito Santo revela tudo o que é necessário para a vida do cristão.[8]

O MONTANISMO

Foi nesse movimento que os fenômenos pentecostais encontraram ampla guarida. Liderado por Montano, ele surgiu na Frígia, Ásia Menor romana (Turquia), por volta do ano 172, [9] e teve Tertuliano como um de seus adeptos mais importantes.

Montano não tinha cargo eclesiástico e percorria os lugares acompanhado de duas mulheres, Priscila e Maximila. Por meio da voz do parácleto, manifestação profética que falava, na primeira pessoa, através das duas mulheres, promovia o que chamou “nova profecia” e conclamava as pessoas para a volta de Cristo.

Os adeptos do montanismo consideravam-se porta-vozes do Espírito. Afirmavam que o fim do mundo estava próximo e que a nova Jerusalém seria brevemente estabelecida na Frígia, para onde se dirigiam os fiéis. Como preparo para a próxima consumação, passaram a pregar um ascetismo rigoroso, o celibato, jejuns e abstinência de carne. Preocupados com o avanço do movimento, os bispos da Ásia Menor se reuniram, pouco depois de 160 d.C., e o condenaram.[10]

Referindo-se a Montano, Henri Desroche afirmou: "Jerônimo, com seu estilo habitualmente rude, qualificou Montano como 'pregador do espírito imundo, [que] com ouro, corrompeu inicialmente muitas igrejas por meio de Priscila e Maximila, duas mulheres nobres e ricas, manchando-as em seguida com a heresia'".[11]

Entretanto, alguns teólogos creem que ao excluir o montanismo a Igreja perdeu, pois o movimento, que protestava contra o crescente formalismo e mundanismo na Igreja, passou a funcionar na clandestinidade. Paul Tillich explica essa perda:

A igreja cristã excluiu o montanismo do seu seio. Contudo a vitória sobre o montanismo resultou em perda. Podemos vê-la da seguinte maneira: 1) o cânon venceu sobre a possibilidade de novas revelações. A solução do quarto evangelho de que sempre haveria novas percepções da verdade, sob a crítica do Cristo, foi, pelo menos, reduzida em poder e sentido; 2) a hierarquia tradicional triunfou contra o espírito profético.

Com isto excluía-se, mais ou menos, o espírito profético da igreja organizada, levando-o a se abrigar em movimentos sectários; 3) a escatologia perdeu grande parte da importância visível na era apostólica. A organização eclesiástica passou a ocupar o primeiro lugar. A expectativa do fim reduziu-se ao apelo aos indivíduos para que se preparassem para o seu fim pessoal, que poderia vir a qualquer momento. Depois desse período, a ideia do fim da história deixou de ter importância; 4) a rígida disciplina dos montanistas foi abandonada, substituída pelo afrouxamento crescente dos costumes. O que se passou nesta época tem-se repetido frequentemente na história da igreja. Surgem pequenos grupos com rigorosa disciplina; tornam-se suspeitos dentro da igreja; separam-se e formam grandes igrejas; em seguida, perdem o poder disciplinar original.[12]

Com a condenação do montanismo, a expectativa da volta de Cristo foi, até certo ponto, reduzida e a operação dos dons espirituais perdeu considerável espaço na comunidade cristã. Em vez de condenar a prática dos dons espirituais, a Igreja teria lucrado se a regulasse à luz das Escrituras. Todo segmento pentecostal equilibrado
e preocupado em promover a sã doutrina procurará também regular e estabelecer parâmetros bíblicos para a operação dos dons espirituais. Teólogos pentecostais como Donald Gee, Gordon Fee e Stanley Horton, para mencionar alguns, têm demonstrado esse cuidado.

Uma das maiores razões por que a operação dos dons de

enunciação inspirada é impedida, ou mesmo inteiramente suprimida, está no receio constante de errar, ou na forma de fanatismo ou de falsa inspiração. É bem fácil fazer uma lista dos vários movimentos de inspiração nas igrejas, desde o tempo do montanismo, os quais se iniciaram com a pretensão de restabelecer o dom de profecia do seu próprio lugar na Igreja, mas findaram em fracasso vergonhoso por causa dos excessos de entusiasmo, ou gradualmente cederam de novo à frieza e à incredulidade das igrejas. Onde tantos já fracassaram, ousaremos esperar bom êxito? A resposta só pode ser: "Somente pela graça de Deus". Há uma coisa ao menos em nosso favor: podemos aproveitar os erros de nossos antepassados, para não errar.[13]

Todas as manifestações sobrenaturais – sonhos, visões, revelações, experiências pessoais ou coletivas – não têm a mesma autoridade
que a Bíblia Sagrada. Esses fenômenos devem ser avaliados à luz das Escrituras, única regra de fé e prática para o cristão. Nos capítulos 12 e 14 de 1 Coríntios, a Palavra de Deus fornece as instruções necessárias para a operação dos dons espirituais com o propósito de edificar o Corpo de Cristo. As manifestações do dom de profecia devem ser julgadas pela congregação (1 Co 14:29) e tudo deve ser feito com ordem e decência (1 Co 14:40).

Assim, se em nome do avivamento e do fervor espiritual não se pode conceder espaço para a anarquia na liturgia do culto, tampouco se pode, em nome da ordem, extinguir o Espírito. A

busca de

uma prática equilibrada para o funcionamento dos dons espirituais e a fidelidade à Palavra de Deus são essenciais para o desenvolvimento do ministério cristão.

A expressão “religiões pentecostais”, portanto, busca representar todas as religiões que descaracterizaram os fatos fundadores cristãos e os substituíram pela centralidade do Pentecostes, constituindo a nova referência fundadora.

Sociologicamente, o cristianismo caracterizou-se por definir suas origens em torno das doutrinas sobre Jesus Cristo. O protestantismo remetia-se ao mesmo fato fundador através da Bíblia. Já no pentecostalismo, opera-se uma mudança radical na referência ao fato fundador. O acontecimento de Pentecostes ocupa o lugar fundamental, e as doutrinas em torno de Jesus Cristo são relegadas. Os pentecostalismos contemporâneos representam uma radicalização desse distanciamento das religiões cristãs.[14]

O PIETISMO

Este movimento nasceu na Alemanha protestante do século XVII e estendeu-se por toda a Europa, promovendo a fé pessoal em protesto contra a secularização da igreja.[15] O movimento abraçou a “teologia do coração”, baseada nos escritos de Johann Arndt, na leitura e na meditação da Bíblia e nos hinos da liturgia luterana.

O nome que mais se destacou no movimento pietista foi o de Phillip Jacob Spener (1635-1705). Ao ver a vida decadente da cidade de Frankfurt, Spener organizou os primeiros collegia pietatis, que

reuniam leigos cristãos para troca de experiências e leitura espiritual. Escreveu um clássico do cristianismo, Pia desideria, em que apresentou seis propostas de reforma da Igreja:[16]

1. Divulgação da Palavra de Deus entre o povo com maior abundância. Para ele, era o meio mais eficaz de melhorar a situação da Igreja.

2. Restabelecimento e prática assíduos do sacerdócio universal de todos os crentes. Na igreja, o pastor não detém o monopólio de falar e agir. Para poder cumprir sua missão, precisa da colaboração ativa de todos e todas.

3. Pregação insistente de que o cristianismo não consiste em conhecimentos sobre a fé, mas na prática do amor que nasce da fé.

4. Moderação nas controvérsias confessionais.

5. Reforma da formação teológica. Os futuros pastores devem ser orientados para a vivência da fé.

6. Uma nova maneira de pregar o evangelho. Os pastores devem acentuar o “cerne do cristianismo”, os frutos da fé,

mais do que a doutrina.

Devido às várias correntes pietistas presentes na Alemanha, os historiadores encontram dificuldade para identificar as origens do movimento. Antonio G. Mendonça[17] deu ênfase ao grupo dos morávios na comunidade de Herrnhut, onde se estabeleceram em 1727 a convite do conde Zinzendorf, que mais tarde tornou-se

líder e teólogo do movimento. O grupo originou-se dos hussitas da Boêmia e recusou-se a entrar para a igreja luterana, formando a própria igreja. Zinzendorf enfatizava a contemplação da cruz com bastante emoção.

Mendonça menciona outras informações importantes do pietismo que nos ajudam a estabelecer a trajetória histórica do movimento pentecostal:

O enclausuramento do crente com a sua Bíblia e a busca e o cultivo incessantes da experiência e da comunhão com Jesus levam-no à negação do mundo e ao desprezo dos prazeres da vida. Esta atitude se caracteriza positivamente pela afirmação de um valor maior, o cultivo de sua devoção, e negativamente pela consciência de que os prazeres mundanos são antagônicos aos prazeres e gozos espirituais.

Se a reforma pôs em circulação a Bíblia, foi o pietismo que introduziu no protestantismo essa característica fundamental dele, que é o apego individual à Bíblia como fonte de

devoção.
Mas, se o estudo da Escritura, sua interpretação literal e espiritualizada foi uma reação contra a institucionalização da religião e o correspondente escolasticismo, permitindo que uma aragem de profunda religiosidade estivesse sempre perpassando a fé protestante, constituiu-se também num poderoso obstáculo ao desenvolvimento da reflexão teológica. A
teologia cheira a racionalismo, racionalismo a sistematização, e esta a escolasticismo; este poderia ser o raciocínio implícito do pietismo (...)

O espírito pietista, ao desenvolver uma antiteologia, fecha as portas da reflexão, não permite que as inquietações sociais agitem a instituição. Desse modo, a instituição, assim como a vivência religiosa do cotidiano, pode pairar acima das contradições sociais.[18]

Por influência do movimento pietista, experiência e emoção tornaram-se elementos vitais para a existência da fé pentecostal. O sucesso de um culto pentecostal ainda depende de lágrimas, de alegria ou não, de fortes exclamações de júbilo, de louvores e de muito barulho. O silêncio, qualquer que seja a duração, incomoda muito em um culto pentecostal, em que é frequente ouvir a expressão “lugar de silêncio é no cemitério”.

O METODISMO

A grande contribuição para o surgimento do pentecostalismo veio, mais especificamente, do movimento metodista, fundado no século XVIII, na Inglaterra, por João Wesley (1703-1791). Seu fundador foi influenciado pelo grupo pietista alemão denominado morávios, que pregam a necessidade do novo nascimento e da conversão.

A experiência de conversão de Wesley, em 1738, mudaria totalmente sua vida.[19] Ao ouvir, em uma reunião, a leitura do prefácio do comentário do livro de Romanos, escrito por Martinho Lutero, seu coração foi "estranhamente aquecido". Essa experiência fez dele um evangelista. Wesley mesmo declarou: "Então, foi do agrado de Deus acender um fogo que, confio, nunca se apagará".[20]

Com as perseguições religiosas na Europa, muitos adeptos desse movimento migraram para os Estados Unidos. A ênfase na perfeição cristã ou na inteira santificação, ensinadas por João Wesley, mais tarde receberia outros nomes: "segunda bênção" e "revestimento de poder", por exemplo. O termo "batismo no Espírito Santo" passaria a ser usado por alguns grupos posteriormente.

Outros líderes e denominações na América do Norte seriam influenciados pelos mesmos ensinos e se encarregariam de disseminá-los. Entre estes destacaram-se Charles G. Finney,

Dwight L. Moody, A. B. Simpson, Andrew Murray e R. A. Torrey.[21]

As raízes históricas do pentecostalismo não passam apenas pela influência de Wesley e do pietismo, mas por vários movimentos religiosos: o puritanismo, George Fox e os quacres, os irmãos Plymouth
e William Booth, fundador do Exército de Salvação.[22] Em outras palavras, o pentecostalismo americano surgiu do aprofundamento da vida espiritual associado a João Wesley.

A Igreja Metodista tornara-se tão bem sucedida na América do Norte que perdeu muito do fervor espiritual presente no início do movimento. Em reação a esse declínio dentro do metodismo, surgiram vários grupos cristãos de orientação wesleyana, que
buscavam a experiência de santificação vivida pelos primeiros metodistas.[23] Donald Dayton afirma que "a constelação dessas igrejas é o elemento mais importante que prepara o terreno para o movimento pentecostal moderno".[24]

A ORIGEM DO PENTECOSTALISMO ATUAL

Foi em Topeka, Kansas (EUA), que surgiu o movimento pentecostal como é conhecido hoje. O pregador Charles Parham começou, em 1900, uma escola bíblica denominada Betel. Parham reuniu cerca de nove alunos para que estudassem juntos e sem o auxílio de nenhum livro além da Bíblia o tema do batismo no Espírito Santo.

Parham e seus alunos tinham certa ligação com o “movimento da santidade”, um grupo que tentava preservar os ensinos peculiares do metodismo de João Wesley, como a perfeição cristã e a inteira
santificação. O grupo liderado por Parham buscava evidências ou prova bíblica para o batismo no Espírito Santo.

Chegaram, então, à conclusão de que a única certeza e sinal escriturístico para o batismo com o Espírito Santo era o falar em línguas. No dia 1°. de janeiro de 1901, um moço estudante estava orando durante a noite, quando experimentou de repente a paz e a alegria de Cristo, começando a louvar a Deus em línguas. Dentro de alguns dias, toda a comunidade recebera o batismo com o Espírito Santo dessa maneira e surgiu o moderno
movimento pentecostal. Essa experiência, acompanhada por poderosos ministérios de conversões, curas, profecias etc., se espalhou pelo Texas e (em 1906) alcançou Los Angeles, onde cresceu substancialmente, passando para Chicago, Nova York, Londres e Escandinávia em meados de 1915.[25]

Um aluno de Parham, chamado William Seymour, foi convida

do a pregar em Los Angeles. As reuniões daquele pregador negro começaram a crescer. Suas pregações atraíam muita gente, e o fenômeno do batismo no Espírito Santo continuou a acontecer em grande escala. A experiência era sempre acompanhada de manifestações de línguas, profecias e orações em voz alta, que ocorriam junto com cânticos

espirituais. Seymour era filho de ex-escravos e, apesar do contexto social extremamente hostil aos negros, ele continuou a ensinar:

Apesar das constantes humilhações, desenvolveu uma espiritualidade que resultou, em 1906, num avivamento em Los Angeles. A maioria dos historiadores pentecostais crê ter sido esse avivamento o berço do pentecostalismo. As raízes da espiritualidade de Seymour jazem em seu passado. Ele afirmou
suas raízes negras ao introduzir, na liturgia, os negro spirituals e a música negra numa época em que essa música era considerada inferior e imprópria à adoração cristã. Ao mesmo tempo, ele viveu firmemente o que compreendia ser o Pentecostes. Para ele, o Pentecostes significava mais que falar em línguas. Significava amar a despeito do ódio – vencendo o ódio de uma nação inteira ao demonstrar que o Pentecostes é algo muito diferente do estilo de vida americano de sucesso. [26]

No avivamento de 1906, em Los Angeles, bispos brancos e trabalhadores negros, homens e mulheres, asiáticos e mexicanos, professores brancos e lavadeiras negras, todos eram iguais. A imprensa religiosa e a secular acompanhavam todos os detalhes. Sem conseguir entender o que se passava, preferiram ridicularizar, atacan

do Seymour: “Pode vir algo bom de um autodenominado profeta negro?”.[27]

As principais denominações também criticaram o emergente movimento pentecostal, desprezando seus seguidores devido à origem negra e humilde. Pressões sociais surgiram, tentando discriminar suas igrejas entre as organizações negras e brancas, como outras igrejas já vinham fazendo.

Tudo isso, porém, não conseguiu impedir o crescimento do pentecostalismo. De Los Angeles o movimento espalhou-se por muitas cidades norte-americanas e depois pelo mundo todo. Nos Estados Unidos, Chicago desenvolveria um importante papel na exportação
do fenômeno pentecostal para o Brasil. A cidade tornou-se uma rota missionária para três pregadores que lançariam as bases para o movimento pentecostal em solo brasileiro: Louis Francescon (fundador da Congregação Cristã no Brasil), Daniel Berg e Gunnar Vingren (fundadores da Assembleia de Deus).

Muitas igrejas foram formadas, sendo a Assembleia de Deus a maior delas. Mais tarde, o pentecostalismo tornou-se fator importante para a formação de outro grupo na América do Norte, que
também alcançaria proporções mundiais e seria conhecido como “movimento carismático”. Com ênfase no batismo do Espírito Santo
e na glossolalia, esse movimento passaria a existir em quase todas as denominações evangélicas tradicionais,[28] preparando o caminho para o futuro movimento neopentecostal.

O PENTECOSTALISMO NO BRASIL

O pentecostalismo surgiu no Brasil em 1910, com a Congregação Cristã no Brasil, e hoje representa o maior segmento da comunidade evangélica. Até os anos 1950 os pentecostais não chamavam muito a atenção. Entretanto, sua extraordinária expansão, a crescente visibilidade nos meios de comunicação e seu envolvimento com a política fizeram do movimento objeto frequente de estudo dos pesquisadores da religião.

O censo de 2000, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), confirmou o significativo crescimento dos pentecostais no país nas últimas décadas. De acordo com os dados levantados, o número de evangélicos no Brasil chegou a 26 milhões de adeptos.

Em 1991, os pentecostais e neopentecostais eram 8,1 milhões. Em 2000, esse número subiu para 17,6 milhões,[29] assim distribuídos: Assembleia de Deus com 8,4 milhões; Congregação Cristã no Brasil com 2,4 milhões; Igreja Universal do Reino de Deus com 2,1 milhões; outras igrejas pentecostais com 1,8 milhão; Igreja do Evangelho Quadrangular com 1,3 milhão; O Brasil para Cristo com um milhão;[30] e a Igreja Pentecostal Deus É Amor com 774,8 mil membros.[31]

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL – CCB

O movimento pentecostal surgiu no Brasil com a Congregação Cristã no Brasil,[32] fundada por Louis Francescon, natural de Cavasso Nuovo, na Itália. Em 1890, depois de cumprir o serviço militar, ele se mudou para Chicago, nos Estados Unidos. No mesmo ano, ouviu o evangelho por meio de Miguel Nardi, converteu-se no ano seguinte e passou a congregar, como diácono, em uma igreja presbiteriana.

Em 1907, Francescon entrou em contato com o movimento pentecostal por intermédio de um pastor norte-americano chamado William Durham, que havia recebido o batismo no Espírito Santo em Los Angeles, em 1906. Francescon juntou-se ao grupo de Durham, que anunciava a promessa do Espírito Santo.

Em 1909, por revelação espiritual, Francescon, G. Lombardi e Lucia Menna embarcaram para Buenos Aires e, em 1910, chegaram
a São Paulo. No dia seguinte, conheceram um italiano, ateu, chamado Vicenzo Pievani, que mais tarde se converteria junto com a esposa e mais nove pessoas. O batismo dessas onze pessoas marcou o que Francescon chamou de “as primícias da grande obra de Deus naquele país”.[33]

Ao longo de sua existência, a Congregação Cristã no Brasil permaneceu imutável quanto à forma de governo, à estrutura

eclesiástica e ao modus vivendi. Dentre suas principais características destaca-se a ausência de clero assalariado. Conforme seu regimento interno de 1948, “todo servo de Deus deve trabalhar para o seu sustento material. Não dependendo da irmandade, pode agir com

mais franca imparcialidade em todos os casos que se apresentarem”.

O mencionado regimento também proíbe a participação, em cultos e reuniões, de pessoas portadoras de doenças contagiosas, a leitura de material “estranho”, já que as Escrituras contêm tudo o que se precisa, individual e coletivamente, e a participação de seus fiéis em cultos de outras igrejas.

A Congregação não admite cerimônias religiosas em casamentos, tolerando-se apenas uma oração, que pode ser feita por qualquer irmão presente, quando não houver ancião, cooperador ou diácono, pois isso não faz parte do ministério. Tampouco se admitem certos costumes, como a vigília do primeiro dia do ano com cantos e orações, e outras solenidades para comemorar festas materiais.

O serviço em funerais deve ser julgado de acordo com o momento. O corpo não deve ser levado à casa de oração por constituir hábito e imitação de costumes mundanos, que não se fundamentam na fé apostólica e na Palavra de Deus.

A Congregação também não permite partidos políticos de espécie alguma. Por ser uma determinação legal, cada um é livre para cumprir seu dever de votar. Entretanto, os remidos pelo sangue do concerto eterno não podem votar em partidos que neguem a existência de Deus e sua moral. Os que ocupam cargos no ministério não devem aceitar encargos políticos. Nas dependências da igreja não é permitida propaganda nem visitação de candidatos a cargos políticos.

A igreja também não possui jornais, propaganda nem literatura religiosa. Tampouco se corresponde com os que o editam, pois "outras luzes não precisamos, nem queremos. O tempo muda sempre, porém a palavra de Deus é imutável; mudam os homens, porém o Senhor é o mesmo, eterno e fiel".

Diferentemente de outros grupos evangélicos ou pentecostais, a CCB não publica literatura nem divulga informações a respeito de sua atuação, o que dificulta uma pesquisa mais acurada sobre essa denominação.

ASSEMBLEIA DE DEUS – AD

Maior denominação evangélica brasileira das últimas décadas, a Assembleia de Deus foi fundada por dois missionários suecos, Gunnar Vingren e Daniel Berg, que vieram ao Brasil via Estados Unidos.

Gunnar Vingren recebeu o chamado de Deus para sua vida

aos
nove anos de idade.[34] Em 1896, aos dezessete anos, passou por um processo de reconversão, depois de um período afastado da fé. Em junho de 1903 ele foi atingido pelo que denominou “febre dos Estados Unidos”. Depois de passar por outras cidades norte-americanas, foi a Chicago estudar no seminário teológico dos batistas suecos.

No verão de 1909, sentiu forte desejo de receber o batismo com o Espírito Santo e com fogo. Depois de cinco dias de busca, em
uma conferência na Primeira Igreja Batista Sueca, em Chicago, ele recebeu o que buscava. Ao pregar o batismo do Espírito Santo em sua igreja, esta ficou dividida, e Vingren foi obrigado a deixar o pastorado da igreja.

Vingren foi para uma igreja em Indiana, onde foi influenciado por Adolfo Ulldin, um fiel que tinha visões, falava pelo dom de profecia e revelou vários segredos sobre o futuro de Vingren. Ele conta que foi por meio desse irmão que o Espírito Santo lhe disse para ir ao Pará, onde pregaria o evangelho para um povo muito humilde. Foi

preciso ir a uma biblioteca para descobrir que o Pará fica no norte do Brasil.

Nesse momento, Vingren já havia conhecido Daniel Berg, seu futuro companheiro de missões, pois também ele recebera o chamado para vir ao Brasil, e ambos prepararam-se para a

viagem.

No Brasil, foram recebidos por uma igreja batista.[35] Assim que aprenderam um pouco da língua, começaram a evangelizar e a
disseminar a doutrina pentecostal, principalmente o batismo no Espírito Santo com o falar em línguas.

A pregação de Vingren e Berg encontrou receptividade por parte de alguns e resistência por parte de outros. Entre os dezenove
membros da igreja batista que creram na nova doutrina estava Celina de Albuquerque, considerada a primeira pessoa em solo brasileiro a receber a experiência pentecostal. Em junho de 1911 eles deixaram a igreja batista e fundaram uma igreja denominada Missão de Fé Apostólica.[36]

Os assembleianos dividiram sua história em quatro períodos.[37] O primeiro período vai de 1911 até 1924, tendo como fatos principais a aquisição do primeiro templo, a publicação do primeiro periódico pentecostal brasileiro, denominado Voz da verdade, e o início do trabalho missionário da denominação, com o envio de José de Matos a Portugal, em meados de 1913.

O segundo período vai de 1924 a 1930 e destaca o crescimento da igreja em todo o estado do Pará. Nessa época foram instituídos o diaconato e o presbiterato na denominação.

O terceiro período vai de 1930 até 1950 e destaca a colaboração da igreja do Pará com as construções de templos nas cidades de São Luís (MA), Manaus (AM), Teresina (PI) e Porto Velho (RO).

O quarto período vai de 1950 até os dias atuais, quando acontece uma expansão ainda maior da denominação. Em 1961 o movimento pentecostal brasileiro já contava com um milhão de membros.

Por mais de quarenta anos, a Congregação Cristã do Brasil e a Assembleia de Deus reinaram absolutas no pentecostalismo brasileiro, sem se preocupar com a "concorrência". O que caracterizou essa fase do movimento, denominada primeira onda, foi a oração em línguas. Somente a partir de 1950, um segundo grupo de igrejas pentecostais
surgiria no Brasil, com ênfase na cura divina, sem, porém, desprezar o orar em línguas.

IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR

O primeiro movimento a surgir no Brasil dentro da segunda onda do pentecostalismo foi a Igreja do Evangelho Quadrangular, fundada em Los Angeles pela canadense Aimée Semple McPherson.
Aimée converteu-se em 1907, numa reunião de avivamento dirigida por um jovem evangelista pentecostal chamado Robert Semple, com quem se casou em agosto de 1908. Logo depois de sua conversão, ela foi batizada no Espírito Santo e

falou em línguas estranhas.[38]

Aimée foi missionária na China, mas retornou aos Estados Unidos depois da morte do marido e lá trabalhou com a mãe no Exército de Salvação. Depois do fracasso do segundo casamento, ela ainda passou pela Igreja Metodista Episcopal, pela Igreja Batista e, por último, pela Assembleia de Deus. Então, em janeiro de 1923, fundou a Igreja do Evangelho Quadrangular em Los Angeles.[39]

O nome "quadrangular" tem uma razão:

Pregando com base no texto de Ezequiel 1:4-28, que descreve uma criatura com quatro faces, ela [Aimée] viu naquela passagem quatro doutrinas principais. Elas eram simbolizadas no homem, no leão, no boi e na águia, e se tornaram o centro de seu ministério. Aimée disse que todos representavam Jesus: a face do homem era Jesus como Salvador; o leão era Jesus como
o batizador no Espírito Santo; o boi era Jesus, aquele que cura; e a águia era Jesus como o rei que virá. Assim nasceu a teologia e o nome de uma das principais denominações pentecostais, que ministra hoje em 55 nações do mundo.[40]

A Igreja do Evangelho Quadrangular chegou ao Brasil sete anos após a morte de sua fundadora. Campos Jr.[41] relata que o pentecostalismo já havia atingido a América do Sul quando Harold
Williams, que fora missionário na Bolívia, trouxe o

movimento para o Brasil. As atividades da igreja foram iniciadas em São João da Boa Vista (SP), em 1951, transferindo-se depois para a cidade de São Paulo.

Em 1953 Williams começou a expansão da obra usando uma estratégia diferente – as tendas de lona –, que recebeu o nome de Cruzada Nacional de Evangelização. A ênfase na cura divina funcionou como mola propulsora para o crescimento da denominação.

A principal preocupação teológica do pentecostalismo é o Espírito Santo e seus dons. A declaração de fé da Igreja

Quadrangular ilustra este reducionismo doutrinário. Ele se preocupa pouco com os grandes temas teológicos clássicos. Estão ausentes vocábulos como “trindade”, “encarnação”, “procedência do Espírito” e outros, sem se negar, contudo, as doutrinas por eles representadas. Modifica significantemente a tradicional formulação protestante da “justificação pela fé” para justificação por “arrependimento e aceitação”. Toda a ên fase cai nos quatro “ângulos”: salvação em Cristo, o batismo no Espírito Santo, a cura divina e a iminente vinda de Cristo e suas consequências.[42]

O BRASIL PARA CRISTO

Depois da Igreja do Evangelho Quadrangular, surge no Brasil a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo, a primeira igreja pentecostal genuinamente brasileira, fundada em São

Paulo, em
1955, por Manoel de Mello. A denominação surgiu a partir de atividades evangelísticas, como o programa de rádio A voz do Brasil para Cristo.

A igreja não escapou de perseguições – seus galpões foram depredados e incendiados e houve até abertura de processo por charlatanismo e curandeirismo, movido contra Manoel de Mello, que, no entanto, foi absolvido. Em 1980 a igreja inaugurou um templo com capacidade para cerca de dez mil pessoas.[43]

DEUS É AMOR

Outro movimento de forte pressão no mundo religioso, a Igreja Pentecostal Deus É Amor foi fundada pelo missionário David Martins Miranda, em 1962. Em sua autobiografia, Miranda relata como Deus lhe falou para fundar a igreja enquanto orava, de joelhos, por mais de três horas:

Todas as noites, quando eu orava ao Senhor, sentia o fogo divino do Espírito Santo, e isso para mim já era algo normal de
acontecer. Mas naquela noite eu estava me sentindo de uma maneira diferente.

Não existem palavras que possam descrever o que eu sentia naquele momento (...). Jamais uma criatura humana pode sentir algo parecido, a menos que esteja em contato íntimo

com
Deus. Lembrei-me da expressão de Jacó, que dissera: “Este lugar não é outro, senão, a morada do altíssimo” (Gn 28:10-17). Eu me maravilhava com o som que podia ouvir. Sim, naquele instante eu ouvia vários sons celestes. Aleluia! Algo glorioso acontecia. (...).

De repente, uma voz se fez ouvir acima daqueles sons diversos. Era uma voz com o som de muitas vozes, e ouvi que me dizia: “Meu servo, não temas as lutas, pois te escolhi e grande obra tenho a fazer por teu intermédio. Muitos se levantarão contra ti, mas não prevalecerão. Aqueles que forem contigo, eu serei com eles, mas aqueles que forem contra ti eu serei contra eles (Gn 12:3). Por isso, não temas as lutas e perseguições, porque grande obra eu tenho a fazer por teu intermédio. Eu enviarei povos e nações para que, através de ti, eles sejam curados por mim.” Eu não disse nada em palavras naquele instante, e mesmo que tentasse dizer alguma coisa, não conseguiria. Porém, no meu pensamento, eu perguntava: “Senhor, esta obra será realizada através da igreja a que pertenço ou através de outra?” E ele me disse: “eu darei o nome da igreja”.

Não contei a ninguém esta minha conversa especial com o Senhor; e por muito tempo ninguém soube do ocorrido entre eu e Deus num momento de plena comunhão. Continuei a buscar a Deus pelas madrugadas, pedindo a ele que me dissesse o nome da igreja, como prometera, para que eu fosse congregar nela; porque eu queria que sua promessa se

cumprisse logo em mim. Eu esperava que ele dissesse o nome de alguma igreja já bastante conhecida e abençoada. E qual não foi a minha surpresa quando, após 21 dias de oração, ele me disse o nome: Deus é amor.

Depois que recebi o nome da igreja, fui procurá-la, e fiz isso incansavelmente, mas não conseguia encontrar. Já pensava até que deveria ser uma igreja em outro estado que não o de São Paulo. Foi quando Deus me orientou, dizendo, através de divina revelação do Espírito Santo, que eu deveria fundar uma igreja e colocar-lhe esse nome. Obedecendo a ordem do Senhor, entreguei a congregação da qual tomava conta (...), e sem dizer nada a ninguém, nem ao menos ao pastor dirigente, dei início ao trabalho, de fundação de uma nova igreja.[44]

David Miranda construiu um ministério com posturas bastante radicais. Embora em seus programas de rádio dirija-se aos "irmãos católicos, espíritas e evangélicos", rejeita interação com qualquer grupo religioso. O radicalismo da denominação pode ser observado em seu rigoroso código de usos e costumes.

O regulamento interno demonstra também seu antagonismo às demais denominações cristãs. Não é permitido aos membros, por exemplo, fazer curso de teologia e outros cursos bíblicos nem aprender a tocar instrumentos em outras igrejas.

As proibições, no entanto, não estão restritas apenas ao que

vem de outras igrejas. Não é permitido aos membros possuir aparelho de
televisão; usar videocassete; tomar anticoncepcional nem usar preservativos; ingerir bebidas alcoólicas.

Ninguém pode assistir aos cultos trajando “roupas escandalosas”, short ou bermuda, a menos que se cubram com avental ou panos;
as mulheres não podem usar calças compridas, em hipótese alguma, nem cinto com mais de dois centímetros e desde que sejam de couro ou pano. Pessoas epilépticas são aceitas na ceia apenas se apresentarem atestado médico, caso contrário serão suspensas até serem libertas.

O regimento também proíbe a venda de discos, nas dependências da igreja ou em frente a ela, de outras gravadoras. Só é liberada a venda de discos da gravadora pertencente à igreja.

Desde sua fundação, a igreja cresceu aceleradamente, e hoje possui mais de oito mil igrejas em quase 140 países. Embora David Miranda tenha sido acusado de envolvimento com lavagem de dinheiro, sonegação fiscal, evasão de divisas e narcotráfico, as denúncias não foram confirmadas.[45]

Durante a segunda onda do pentecostalismo, várias igrejas tradicionais se renovaram, dando origem à Batista Nacional, fundada por

Enéas Tognini, à Presbiteriana Renovada, à Metodista Wesleyana e a
várias comunidades evangélicas espalhadas pelo Brasil.

O terreno tornava-se cada vez mais propício para a chegada e a expansão do neopentecostalismo, e a Igreja de Nova Vida, no Rio
de Janeiro, cooperou muito para inaugurar essa nova faceta da Igreja evangélica brasileira.

IGREJA DE NOVA VIDA

Fundada pelo bispo Roberto McAlister, a Igreja de Nova Vida foi o agente catalisador do neopentecostalismo no Brasil. McAlister,
canadense de nascimento, converteu-se em 1948, aos dezessete anos de idade.[46] Fez várias visitas ao Brasil até fixar residência, com a família, em 1959. Seu ministério teve início no Rio de Janeiro, por meio do rádio. O programa fez tanto sucesso que foi necessário conseguir um local para reunir os interessados.

Em 1961 foi realizado o primeiro culto na sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no centro do Rio. A partir de então, o crescimento foi constante. McAlister enfatizava a cura física e a libertação espiritual, a ponto de fixar no púlpito um cartaz com o seguinte versículo: “Ele perdoa todas as tuas iniquidades e sara todas as tuas enfermidades” (Sl 103:3).

Mais tarde, McAlister foi para a televisão. Em 1968 publicou um folheto intitulado Mãe de santo: História e testemunho de d. Georgina Aragão dos Santos Franco – a verdade sobre a umbanda e o candomblé, em que contava a trajetória de d. Georgina do culto afro para a fé evangélica. McAlister publicou vários outros livros, entre os quais

um tratado sobre demonologia intitulado Crentes endemoninhados: A nova heresia, em que refuta a ideia de o cristão ser possuído por demônios.

Até sua morte, em 1993, Roberto McAlister enfatizou a doutrina do dízimo e da mordomia cristã, a ponto de escrever um livro intitulado Dinheiro: Um assunto altamente espiritual, no qual faz a seguinte declaração:

Durante mais de 25 anos de ministério sem falhar uma única vez, tenho assumido o púlpito, com duas coisas preparadas: minha mensagem bíblica e o apelo para as ofertas. Pois eu sempre soube que nenhuma das duas pode ser improvisada, resultando quase sempre a improvisação em fracasso.[47]

Da Igreja de Nova Vida saíram os principais líderes do neopentecostalismo brasileiro, como Edir Macedo, R. R. Soares e Miguel Ângelo, fundador e líder do ministério Cristo Vive. A demonologia
de McAlister e sua visão sobre o dinheiro ganhariam, no neopentecostalismo, uma roupagem diferente.[48]

2 Capítulo
O surgimento do neopentecostalismo

A discussão sobre o neopentecostalismo é ampla e controvertida, e as opiniões sobre o tema divergem muito, de acordo com o pesquisador, com a vertente acadêmica ou com a região onde o assunto é tratado. Em relação a várias denominações cristãs, trata-se de um fenômeno recente que sempre desperta o interesse dos estudiosos e da imprensa.

Antes de iniciar nossa discussão, precisamos definir o que é o neopentecostalismo: um movimento ou uma denominação?

O Dicionário crítico de sociologia afirma que os movimentos de inspiração religiosa são também movimentos sociais e que a história de todo movimento social começa com uma fase de mobilização ou de reunião. Diz ainda que o primeiro recurso de um movimento é o carisma de seu líder, citando como exemplo o movimento de Ghandi, na Índia, que se parece com os movimentos proféticos ao longo da história.

(...) o profeta contesta, denuncia: faz parte de seu papel perseguir e excluir – depois de ele próprio ter-se excluído do grupo que agora combate. Por outro lado, quer reunir seus discípulos e fazer deles, a despeito de rivalidades ou conflitos, uma falange mais unida que os cinco dedos da mão.[49]

Já o dicionário Aurélio define “movimento” como mudança de lugar ou posição. Trata-se da mudança de viver ou de pensar de um povo; de uma agitação produzida por uma multidão que se move em diferentes sentidos; um impulso interior com a mudança de valores.

No que se refere a missões, “movimento” é um termo coletivo que se aplica a um grupo religioso, como movimento de santidade, movimento pentecostal, movimento carismático, movimento de crescimento de igrejas, movimento de igrejas em células *etc.*

A “denominação”, por sua vez, apresenta linha doutrinária própria e estabelecida, realiza sínodos ou convenções em que as lideranças são geralmente escolhidas por voto. Trata-se de um grupo religioso estabelecido em que normalmente o esforço da maioria se concentra em torno dos mesmos projetos, tanto de cunho evangelístico, missionário como social.

Em uma denominação, os diferentes templos mantêm certa semelhança litúrgica, musical – em geral adotam o mesmo hinário – e literária, que reflete a posição doutrinária do grupo. Muitas vezes, até a arquitetura do prédio e a cor são iguais em todos os templos, como ocorre com a Congregação Cristã no Brasil. Já no século XVIII usava-se o termo “denominação” como “designação neutra de comunhões religiosas”, isto é, organizações eclesiásticas.[50]

Ao analisar os diferentes segmentos do neopentecostalismo, observamos que eles apresentam liberdade de crença e pregação doutrinária. As igrejas que o compõem agem de forma independente em todas as áreas. Na Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo, por

exemplo, Valnice Milhomens promove a guarda do sábado, ação que a maioria das igrejas neopentecostais rejeita.

A prática de cair para trás em um momento de oração ou ministração é comum em muitos grupos, mas não é aceita pela Igreja Universal do Reino de Deus. Nesta, apenas os maus espíritos derrubam as pessoas, por isso devem ser exorcizados.

Ainda que algum grupo possa apresentar uma ou mais práticas de uma denominação, elas não são suficientes para classificá-lo como tal. Assim, o neopentecostalismo não pode ser considerado denominação, mas movimento. E tal afirmação é corroborada por vários estudiosos.[51]

COMO DEFINIR O MOVIMENTO NEOPENTECOSTAL

Definir o neopentecostalismo não é tarefa simples. As novas igrejas e os líderes multiplicam-se rapidamente, sempre introduzindo alguma novidade na liturgia e na teologia, tornando o tema cada vez mais amplo e complexo. Com isso o movimento vai acumulando várias designações:

pentecostalismo autônomo, isopentecostalismo, pentecostalismo neoclássico, pós-protestantismo, pós-pentecostalismo, pentecostalismo crioulo, pentecostalismo mestiço, protestantismo sincrético e ultrapentecostalismo.[52]

Antonio Mendonça divide o pentecostalismo em duas fases: os primeiros anos do século XX, referindo-se ao que chamamos

"pentecostalismo clássico", e a década de 1960, quando ocorreu o surgimento, de fato, do neopentecostalismo (ou movimento carismático protestante), da renovação carismática católica e das agências de cura divina.[53]

Ricardo Mariano[54] adota a linha de Paul Freston e também divide o pentecostalismo em três ondas. Na primeira onda estão a Congregação Cristã no Brasil (1910) e a Assembleia de Deus (1911). A segunda onda, a partir dos anos 1950, inclui a Igreja do Evangelho Quadrangular (1953), O Brasil para Cristo (1955), Deus É Amor (1962), Casa da Bênção e outras de menor expressão.

A terceira onda começa na segunda metade da década de 1970 e inclui a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), a Internacional da Graça de Deus (1980), a Cristo Vive (1986), a Comunidade Sara Nossa Terra (1976), a Comunidade da Graça (1979), a Renascer em Cristo (1986), a Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (1994), a Comunidade Cristã Paz e

Vida (1996) e a Igreja do Avivamento Contínuo (2002).

Os fundadores da Igreja Universal, Edir Macedo, e da Igreja Internacional da Graça de Deus, R. R. Soares, saíram da Igreja de Nova Vida e, como dissemos, marcam o início do neopentecostalismo no Brasil.

Ricardo Marino explica por que empregar o termo "neopentecostal" para a terceira onda, especialmente para a Igreja Universal do Reino de Deus:

O prefixo neo mostra-se apropriado para designá-la tanto por remeter à sua formação recente quanto ao caráter inovador do neopentecostalismo. Embora recente entre nós, o termo "neopentecostal" foi cunhado há vários anos nos EUA. Lá, na década de 70, ele designou as dissidências pentecostais das igrejas protestantes, movimento que posteriormente foi designado de carismático.[55]

No contexto norte-americano, há uma diferença de sentido no emprego do termo "neopentecostal":

Naquele país, atribui-se o termo "neopentecostalismo" a pessoas com mentalidade pentecostal, mas que se consideram adeptas de uma "renovação espiritual" dentro dos próprios quadros denominacionais a que pertencem. De uma maneira geral, esse "neopentecostalismo" enfatiza exorcismo, cura divina, dons espirituais, continuidade da revelação divina através de líderes carismáticos, e uma parte deles aceita a

“teologia da prosperidade”. Esse “neopentecostalismo” ganhou força no mundo religioso norte-americano nos anos 70, período em que também começou a penetrar na América Latina, provocando o surgimento de novas igrejas, seitas e denominações, assim como cisões nas principais denominações protestantes brasileiras, entre elas a metodista, a batista, a presbiteriana, a congregacional e outras.[56]

A linha que separa algumas igrejas da segunda onda das igrejas da terceira onda é quase sempre muito tênue. A Casa da Bênção, por

exemplo, incluída por Ricardo Mariano na segunda onda, tem quase todos os elementos que caracterizam o neopentecostalismo: teologia da prosperidade, o diabo e seus demônios *etc.*

AS PRINCIPAIS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS

A Igreja Internacional da Graça de Deus não será tratada aqui. Seu histórico, sua estrutura de governo, sua base doutrinária, o ministério pastoral, o uso da mídia em geral e sua ações sociais e educativas serão apresentados posteriormente nos tópicos apropriados. Tais aspectos são importantes para o desenvolvimento de uma proposta pastoral de ajuda aos decepcionados com a pregação neopentecostal de um evangelho triunfalista.

IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS (IURD)

A IURD, como é conhecida, inaugurou no Brasil a era neopentecostal, também conhecida como a terceira onda do pentecostalismo brasileiro,[57] cuja ênfase passa a ser a prosperidade financeira. Muito já foi escrito a respeito da IURD. O espaço conquistado pela igreja é tão significativo que ela foi mencionada entre os fatos mais importantes do século XX.[58]

A IURD cresce, instiga, assusta e não comporta análises unilaterais. Atualmente, é a maior igreja neopentecostal do Brasil, e não encontra paralelo histórico em qualquer outra denominação protestante brasileira. Seu estigma tem-se mostrado tão forte que hoje, quando se conversa com leigos

sobre evangélicos, pentecostalismo ou neopentecostalismo, sempre se tende a associá-los à IURD, que virou quase uma marca registrada. O seu pouco tempo de existência não impediu sua crescente visibilidade, representando um papel que já faz parte do cenário brasileiro. É difícil nunca ter ouvido falar nela, tenha sido contra ou a favor.[59]

Fundada em 1977 por Edir Macedo,[60] a Universal nunca deixou de crescer e conseguiu transformar-se em um verdadeiro império da comunicação. Antes de começar oficialmente a igreja, Macedo fez suas primeiras reuniões em um coreto do Jardim do Méier, no Rio de Janeiro, já que não tinha condições de pagar aluguel. Depois de iniciar a igreja, ele alugou uma antiga fábrica de móveis capaz de acomodar 1500

pessoas.

Ao sair da Igreja de Nova Vida, em 1975, Edir Macedo juntou-se a R. R. Soares, Roberto Augusto Lopes e aos irmãos Samuel e Fidélis Coutinho para fundar a Igreja Cruzada do Caminho Eterno. Devido a desentendimentos com os irmãos Coutinho, Edir Macedo, Romildo Soares e Roberto Lopes deixaram a Cruzada para fundar a Igreja Universal do Reino de Deus.

Outros impasses provocaram, mais adiante, a saída de R. R. Soares da Igreja Universal, levando-o a fundar, em 1980, a Igreja Internacional da Graça de Deus.[61] Soares declarou que, no começo da Universal, Edir Macedo fora seu assistente e que o missionário o ordenara pastor.[62]

Assim, com uma pregação forte contra o culto afro, com muita ênfase na prática do exorcismo e com um apelo criativo e contundente por dinheiro, a IURD cresceu rapidamente em todo o território nacional.

A Universal tem feito grandes investimentos na mídia. O primeiro programa radiofônico foi transmitido pela rádio Metropolitana, denominado O despertar da fé, com quinze minutos de duração. Mais tarde, a igreja assumiu, no Rio de Janeiro, a rádio Copacabana, a Record (antiga Ipanema) e a FM 105. O programa chegou, depois, aos outros estados, e hoje a igreja aluga espaços no rádio em vários países.

O primeiro programa de TV da IURD também foi ao ar no Rio de Janeiro, com o nome O despertar da fé. Pouco tempo depois, o programa começou a ser veiculado em São Paulo, estendendo-se para outros estados.

A IURD também investe na mídia escrita. A revista Plenitude, lançada em 1980, tem uma tiragem de 440 mil exemplares e circula também em Portugal. A revista Ester, dirigida ao público feminino, tem uma tiragem de 120 mil exemplares. No exterior, a IURD publica a Tribuna universal, em Portugal (tiragem de cem mil exemplares); Stop suffering, na África do Sul (trezentos mil exemplares); El universal, na Argentina (cem mil exemplares); Universal, na Venezuela, e Arretez de suffrir, na Costa do Marfim.

A publicação principal da IURD é a Folha universal, um periódico semanal com dezesseis páginas divididas em dois cadernos, com uma tiragem de quase 1,5 milhão de exemplares.[63]

Em 1989 Edir Macedo comprou a TV Record por 45 milhões de dólares.[64] Apesar de todo seu poderio na mídia eletrônica, no fim de 2002 comprou quatro horas de programação na TV Gazeta de São Paulo, justamente as que antes haviam sido utilizadas pelo missionário R. R. Soares.[65]

Em 2000 a IURD procurava legalizar a posse de suas 21 emissoras de televisão e cerca de oitenta rádios que hoje estão

registradas em nome de pastores, bispos, deputados e executivos ligados a ela. Se o congresso mudasse as regras sobre propriedade nos meios de comunicação, imediatamente a Universal assumiria trinta por cento do capital da rede Record (dezoito emissoras), da rede Família (duas emissoras) e da rede Mulher (uma emissora).[66]

A Universal também tem demonstrado um apetite constante pela política. No decorrer de sua existência, tem militado abertamente no afã de eleger seus vereadores, deputados e até senadores. Nas eleições de 2002, ela elegeu seu primeiro senador, Marcelo Crivella, sobrinho de Edir Macedo. O bispo Carlos Rodrigues é o articulador político da denominação.

Toda edição do jornal Folha universal publica a agenda de cultos da IURD, cada um em um dia da semana:

- a "reunião dos 318 pastores", cujo foco é a busca da prosperidade financeira;
- a "sessão de descarrego", em que os pastores se propõem a libertar as pessoas de encostos e males espirituais;

- a "reunião dos filhos de Deus";
- a "reunião da sagrada família";
- a "corrente de libertação";
- a "terapia do amor", para os interessados em obter sucesso na vida romântica.

No domingo há espaço para várias reuniões: "reunião de

louvor e adoração", "reunião do encontro com Deus", "reunião especial do descarrego" e "reunião dos guerreiros da fé".

Desde seu surgimento a IURD sempre suscitou críticas, principalmente em virtude de sua forma de arrecadar contribuições financeiras. Em 2003 o articulista Diogo Mainardi visitou o templo da Igreja Universal de Ipanema, no Rio de Janeiro, para participar da "reunião dos empresários". Depois de descrever uma parte do culto, concluiu seu artigo dizendo:

Se a primeira parte da reunião dos empresários foi dedicada a melhorar as finanças dos fiéis, a segunda buscou uma compensação para os cofres da Igreja Universal. O pastor Wendell mandou colocar quarenta Bíblias no altar, e pediu que quarenta fiéis lhe entregassem um mínimo de dez reais cada um, "mesmo que sejam seus últimos dez reais". Não foi fácil. O pastor Wendell precisou suplicar por 23 minutos para angariar os doadores, suspeitando, inclusive, que houvesse um demônio entre nós. Um dos trunfos da Igreja Universal é a incorporação das técnicas dos programas de auditório. Os pastores sempre invocam aplausos para Jesus Cristo, como num show de calouros. O outro trunfo é a absoluta falta de pudor para tratar de dinheiro. Os pastores exigem que o dízimo seja calculado sobre o salário bruto, não sobre o líquido. E, como no boteco da esquina, aceitam até vale-transporte. Essa gente, agora, compõe a base parlamentar do governo Lula. Os petistas não têm a menor chance contra eles.

[67]

IGREJA APOSTÓLICA RENASCER EM CRISTO

Foi fundada em São Paulo, em 1986, pelo casal Estevam e Sonia Hernandes, hoje denominados “apóstolo” e “bispa”. Desde a origem, a Igreja Renascer voltou sua atenção para os jovens, usando o rock gospel como meio de atraí-los.[68] Em treze anos de existência, a Renascer em Cristo já possuía seiscentos templos no Brasil, seis no exterior, dezessete emissoras de rádio, um canal de TV a cabo, uma fundação assistencial, uma gravadora e um colégio.[69]

A Renascer adota o seguinte estilo de funcionamento:

- Igreja 24 horas: doze pastores trabalham em esquema de revezamento, de modo que o templo do centro de São Paulo nunca fecha. Chega a realizar dezoito cultos em um único dia.
- Carnê de contribuição mensal: visa a transformar em doações sistemáticas as ofertas esporádicas dos fiéis. O carnê pode ser solicitado por telefone, e, ao fazê-lo, o fiel recebe a promessa de ter o nome incluído na lista de orações da igreja.
- Danceteria evangélica: depois do último culto, alguns templos transformam-se em pistas de dança. Animados por luzes estroboscópicas e muito rock gospel, jovens fiéis divertem-se até a madrugada.
- Namoro na igreja: há um culto especial para fiéis em

busca de sua cara-metade. O “Bom encontro”, realizado pelo apóstolo Hernandes, reúne aos sábados quase três mil solteiros e solteiras no espaço Renascer, em São Paulo – um megatemplo com butique, loja de CDs e lanchonetes.

- Kit bom encontro: subproduto do culto de mesmo nome. É oferecido no site eletrônico da igreja para o fiel que “não quer chegar de mãos vazias” ao primeiro compromisso. Varia de rosas de chocolate a cestas de café da manhã.
- Encontro de mulheres: sucesso protagonizado pela bispa Sonia Hernandes. Acompanhada de especialistas, ela percorre diversas capitais do país realizando palestras cujos temas variam de “como se maquiar” a “como salvar seu casamento”.[70]

Um dos eventos mais famosos da Renascer é a “Marcha para Jesus”, que acontece anualmente em São Paulo e em outras partes do Brasil. São milhares de pessoas que saem às ruas, muitas de diferentes igrejas evangélicas, para cantar e desfilar com faixas, promovendo suas igrejas ou seus ministérios.

Não menos controvertida que a IURD, a Igreja Renascer em Cristo tem mantido a mídia com as mãos ocupadas, muitas vezes por motivos desagradáveis. As denúncias que surgem contra a Renascer têm sido graves e contundentes.[71]

Quando se trata de levantar receita, não lhe faltam ousadia e criatividade. Seus dirigentes chegam a enviar cartas aos fiéis

cobrando mensalidades atrasadas.

Caso você não se sinta em condições de quitar as parcelas atrasadas, nos envie uma correspondência e nós estaremos liberando perdão sobre a sua vida, desobrigando espiritualmente das mesmas.[72]

A exemplo da IURD, a agenda semanal de cultos é variada. Uma das reuniões mais concorridas é a da Associação Renascer de Empresários e Profissionais Evangélicos (AREPE), cujo principal objetivo é promover a prosperidade financeira entre os fiéis da igreja.

COMUNIDADE SARA NOSSA TERRA

O neopentecostalismo gerou muitos outros grupos, alguns maiores e outros bem menores. Muitas comunidades surgiram com a terceira onda do movimento pentecostal. Dentre elas, a que mais se destacou foi a Comunidade Sara Nossa Terra, fundada por Robson Rodovalho, hoje com sede em Brasília.

A comunidade tem despertado a curiosidade da mídia por atrair pessoas do mundo artístico, como Baby Consuelo e Monique Evans. Sua característica principal é o ensino da quebra de maldições hereditárias, posição doutrinária que foi abraçada por muitos outros grupos evangélicos.[73]

IGREJA NACIONAL DO SENHOR JESUS CRISTO

A igreja foi fundada por Valnice Milhomens Coelho. Quando jovem, depois de dedicar três anos ao estudo da Bíblia, teve um

encontro com Cristo que, como ela mesma afirma, foi tão maravilhoso
a ponto de não poder descrevê-lo. Sentindo-se chamada para o ministério, ingressou no Seminário de Educadoras Cristãs, em Recife, onde recebeu o grau de bacharel em assistência social e educação religiosa.[74]

Em 1971 foi enviada como a primeira missionária da Convenção Batista Brasileira à África, trabalhando treze anos em Moçambique. Durante uma estadia de dois anos na África do Sul, entrou em contato com os ensinos da confissão positiva por meio da Escola Bíblica Rhema, ligada ao ministério de Kenneth Hagin.

Ao retornar ao Brasil, fundou, em 1987, o Ministério Palavra da Fé, promovendo conferências em igrejas de várias denominações, além de liderar, periodicamente, grupos de turistas a Israel. Um programa semanal na TV Bandeirantes deu-lhe grande visibilidade. Desenvolveu também um trabalho de divulgação de suas mensagens através de vídeo e fitas de áudio, com bastante sucesso.

Valnice formou um grupo de intercessores espalhados por todo o país denominado guerreiros de oração.[75] Foi consagrada pastora em 1993 e, em 1994, fundou a Igreja

Nacional do Senhor Jesus Cristo.

Em 1999 uniu-se ao ministério de um pastor colombiano, César Castellanos Dominguez, protagonista de um movimento

denominado G-12.[76] Em 2001 Valnice recebeu o título de "apóstola".

Desde o início o ministério de Valnice tem gerado controvérsias. Uma delas é seu ensino sobre a guarda do sábado, posição doutrinária rejeitada pela maior parte dos evangélicos.

Em 1990, em um programa transmitido pela Rede Bandeirantes, Valnice marcou a datado do retorno de Cristo para 2007.

COMUNIDADE CRISTÃ PAZ E VIDA

A comunidade foi fundada em São Paulo, em 1996, pelos irmãos Pagliarin: Rodney, Juanribe, Misael e Hideraldo, que deixaram bons empregos para dedicar-se exclusivamente à igreja. Em 2001 a igreja já contava com 124 templos, 120 deles na Grande São Paulo, e cerca de sessenta mil fiéis, chegando a abrir quatro igrejas por mês.[77]

Os cultos da Paz e Vida são parecidos com os das demais igrejas neopentecostais, com música, aplausos, sessões de exorcismo e pregações alinhadas com a teologia da prosperidade.

IGREJA BOLA DE NEVE

Conhecida como a “igreja da prancha”, é a mais nova sensação neopentecostal no Brasil a despertar a atenção da mídia, que em 2003 mostrou outras facetas que revelam a natureza dessa igreja, especializada em atrair jovens aos milhares. A Igreja Bola de Neve foi

fundada pelo pastor Rinaldo Luiz de Seixas Pereira, um surfista, que prefere ser chamado Rina.[78]

Foi durante um feriado de carnaval, quando misturou hepatite com overdose e uma injeção de glicose, que Rina, em meio a súplicas e votos a Deus, viveu uma experiência sobrenatural. De repente, o
frio das pernas e da coluna se foi, a cegueira o deixou, as dores insuportáveis diminuíram, a angústia da morte deu lugar à paz. Rina acredita que passar dois meses de cama, recuperando-se da hepatite, foi providencial, pois começou a ler a Bíblia e nutrir desejo de ser batizado, e o batismo foi realizado em uma igreja batista.

Em 1992 foi batizado com o Espírito Santo em um

acampamento da Igreja Renascer em Cristo. Rina não demorou a reunir alguns amigos que também buscavam experiências com Deus. Surgiu, assim, em 1993, a igreja na própria casa de Rina. No ano seguinte, o grupo colocou-se sob a liderança de uma das unidades da Renascer, ligação que durou por algum tempo.

Depois de romper com a Renascer, o grupo passou a reunir-se em um local com capacidade para acomodar cerca de 130 pessoas. Em 2000 realizou o primeiro culto e em 2003 transferiu a sede para um local que abriga cerca de 1.200 fiéis.

Nos últimos dois anos, o número de adeptos aumentou de 250 para três mil, espalhados em diversas filiais no Brasil. A igreja tem planos de exportar seu estilo de culto para o mundo. Entusiasmo e energia para tal não faltam na Bola de Neve, já que a maioria dos adeptos tem entre quinze e trinta anos de idade.[79]

FORMA DE GOVERNO E ORGANIZAÇÃO

Reed Eliott Nelson apresenta três modelos organizacionais no protestantismo brasileiro:

1. O modelo burocrático: importado com as primeiras missões protestantes, continua sendo adotado pelas igrejas históricas em maior ou menor escala. Esse modelo caracteriza-se por uma estrutura administrativa complexa, incluindo vários departamentos, conselhos oficiais, posições hierárquicas e

regras escritas. São comuns os relatórios, reuniões de planejamento e coordenação e treinamento formal.

2. O modelo personalista: é geralmente encontrado nas igrejas pentecostais, às vezes misturado com traços burocráticos nas denominações maiores. No modelo personalista (ou de compadrio) pode existir alguma coordenação entre congregações e conselhos. Outras estruturas formais às vezes existem oficialmente, mas suas funções são mais simbólicas do que reais (...). A influência do pastor na vida pessoal dos seus membros pode ser considerável, e muitas vezes a maioria da congregação conheceu a fé por seu intermédio. Chamo este modelo "de compadrio" ou "personalista" por causa do relacionamento entre pastor e fiel, que se assemelha aos laços de dominação pessoal que ligam o agregado ao patrão no meio rural tradicional.

3. O modelo de parentesco: é o familiar, usado somente na Congregação Cristã no Brasil (...). Como outros grupos pentecostais, a Congregação Cristã não apresenta estrutura organizacional diferenciada, não dispõe de fortes pastores carismáticos, nem do controle formal das regras e normas escritas. Ainda assim, desfruta de unidade ideológica maior que as igrejas personalistas e de crescimento quase igual (...). Os membros são regidos por normas informais e um sentimento de lealdade generalizada na entidade como um todo, em vez de focalizada num departamento ou líder específico. A liderança é determinada por idade ou tempo de casa, mas decisões são geralmente tomadas consensualmente

por um grupo dos mais antigos na organização.[80]

Os neopentecostais não têm forma de governo nem estrutura administrativa definidas. Cada segmento adota o que considera mais conveniente. Geralmente, o governo e a estrutura do grupo gravitam em torno do líder. Por isso, dos modelos apresentados por Reed Nelson, o que mais se encaixa no movimento neopentecostal é o personalista. Quase todas as igrejas neopentecostais possuem a figura de um líder forte e carismático, como afirmamos anteriormente.

Em muitos casos, o líder neopentecostal está situado no topo da pirâmide da igreja ou organização, isento de qualquer questionamento. Ele não precisa prestar contas sobre seus atos morais ou éticos nem sobre as finanças que administra, pois é considerado o "ungido do Senhor". Para tanto, ele já incutiu na mente de seus adeptos que não se pode tocar no "ungido do Senhor", expressão extraída da Bíblia e usada por esse líder diante da possibilidade de ser questionado, ética ou doutrinariamente.[81]

Na busca de fortalecer o poder e garantir a posição como figura especial do sagrado, vários líderes passaram a adotar o título de

"apóstolo", como, por exemplo, Estevam Hernandes, Robson Rodovalho e Valnice Milhomens.

O líder neopentecostal distanciou-se da figura do pastor pentecostal de décadas anteriores. Antes, a preocupação principal era
visitar os enfermos, ler a Bíblia e orar a fim de preparar as pregações e atender, coletiva e individualmente, às necessidades dos membros da comunidade.

Hoje, o líder neopentecostal, com algumas exceções, precisa ser especialista em marketing. Precisa sair-se muito bem diante das câmeras de TV. Embora viaje constantemente e fale a multidões, não atende individualmente à maioria dos fiéis. Quase não atende à comunidade, ainda que dela dependa constantemente para custear seus desejos e projetos, sempre muito caros e demandando grandes somas de dinheiro.

Mário Justino, ex-pastor da Universal, relata: “Nos bastidores, premiam-se os pastores que conseguem arrecadar mais dinheiro. As fofocas giram em torno do sucesso ou do fracasso financeiro de tal filial. O poder sobe à cabeça, um estilo de vida nada religioso passa a ser a norma entre os líderes da igreja”.[82]

A ESTRUTURA DE GOVERNO DA IGREJA DA GRAÇA

A Igreja da Graça possui uma diretoria chamada Presbitério: um grupo formado por doze homens, os presbíteros, que respondem pela administração e pela movimentação financeira da igreja. Ela não publica boletins financeiros nem balanços, e não há prestação de contas, a não ser para esse

grupo, que se reúne trimestralmente, já que a igreja não faz assembleias.

O poder de decisão, porém, nos assuntos da igreja compete inteiramente a seu líder, R. R. Soares, conforme afirmação de seu assessor, Eber Cocareli: “Ele é o presidente da igreja, tem acesso a todas
as informações e toma as decisões. Ele é a instância final”.[83] Nada se faz sem o aval do missionário.

De vez em quando as coisas podem fugir um pouco do controle de R. R. Soares. Existem, por exemplo, líderes estaduais e regionais que, por inspiração própria, iniciam campanhas ou correntes de cura divina, prosperidade ou libertação. Isso pode ser feito sem que o missionário precise aprovar todos os detalhes. Porém, se as coisas começam a tomar um rumo questionável do ponto vista doutrinário de Soares, ele intervém e corrige.

Abrir uma nova igreja é impensável. Isso compete apenas ao líder estadual, mas com o consentimento do missionário. O mesmo se aplica à publicação de livros. Nenhum pastor da igreja está autorizado a publicar livros pela Graça Editorial.

As filiais adotam o sistema de rodízio de pastores, que é controlado pelos líderes estaduais. Soares acredita que nenhum pastor deve permanecer muito tempo em um só lugar para não se acomodar e para que o povo não se acostume demais com ele. Essa troca de pastores deve ser feita para

“chacoalhar a igreja”. Na opinião de Eber, isso tem dado bons resultados para a Igreja da Graça, inclusive no crescimento. O novo líder sempre chega com novas ideias.

O dinheiro arrecadado nas igrejas filiais vai para um caixa único, central. A Igreja da Graça é totalmente centralizada, possuindo apenas um CNPJ. Os depósitos são identificados, e o relatório

financeiro sobre as entradas, as saídas e as despesas autorizadas é enviado por malote. O dízimo não pode ser usado pela igreja local. Ofertas especiais, vendas de livros e CDs devem cobrir as despesas da igreja.

Todos os pastores são assalariados e dedicam-se exclusivamente ao ministério. O salário, que possui piso, obedece a uma política interna. Eles têm direito a casa e recebem ainda uma porcentagem da arrecadação financeira, para a qual existe um teto. Assim, não há equivalência entre o arrecadado e o recebido, o que controla toda possibilidade de excesso, já que nos grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo, arrecadam-se valores consideráveis.

Sem o teto, os pastores da igreja se transformariam, em pouco tempo, em homens ricos para a realidade brasileira, além de causar uma competição doentia pelo pastorado de determinada filial. Dessa forma o pastor que ganha menos não está tão distante, financeiramente, do que ganha mais.

Os constantes rodízios de pastores para diferentes igrejas e localidades, no entanto, provocam transtornos para a família do pastor. Transferir os filhos de escola e de cidade, dentro ou fora do período escolar, não deixa de ser uma tarefa difícil, principalmente se alguém da família desenvolve alguma atividade profissional em determinado lugar.

Tais transferências serão possíveis apenas se o pastor e sua família estiverem imbuídos de um espírito de renúncia e abnegação. E geralmente estão. Segundo Cocareli, nas demais igrejas evangélicas, o pastor deve ter o chamado para o ministério cristão. Na Igreja da Graça, a família toda deve ter o chamado. Se não for assim, o pastor estará em situação complicada e a família não suportará os desafios do mistério pastoral.

O MINISTÉRIO PASTORAL

A Igreja da Graça estabelece alguns critérios para que alguém chegue ao ministério pastoral, que inclui homens e mulheres. O desenvolvimento espiritual do candidato é constantemente observado pelo pastor da igreja local, e a escolha, segundo Eber, acontece por revelação, embora não propriamente mística. Deus vai orientando: “Repare naquele irmão, repare naquela irmã”, comenta Eber.

Uma vez escolhida, a pessoa é chamada para tornar-se obreira voluntária, passando a ajudar nos cultos e em outras tarefas da igreja, seja limpando o salão de reuniões, preparando o

cafezinho, recepcionando os fiéis, distribuindo literatura ou recolhendo ofertas. Esse obreiro voluntário, como os evangelistas, estará na igreja sempre que possível, participando de reuniões sistemáticas e semanais. A igreja é considerada muito organizada.

O evangelista da Igreja da Graça passa pela fase de obreiro e uma vez que tenha sua vocação para o ministério confirmada tanto em seu coração como no coração de seu pastor, deve deixar suas atividades profissionais ou o emprego, se tiver, e passar a viver do salário mínimo oferecido inicialmente pela organização. Segundo Eber, é mínimo mesmo, pois se trata de um período de teste, de provação. Ele não recebe sequer ajuda financeira para o aluguel. Vive pela fé.

Vários passam a morar na igreja, cuidando dela em todos os aspectos, e começam a dirigir as reuniões menores. Essa também é uma época de aprendizado, e a exemplo dos jovens auxiliares dos profetas no Antigo Testamento continuam recebendo instruções de seus pastores. É um processo que se estende por determinado período de tempo.

Quando o pastor percebe que o evangelista já é capaz de dirigir uma reunião, sabe pregar e administrar uma igreja, recomenda-o a seu líder estadual. Essa pessoa passa a ser considerada o evangelista do pastor líder, que vai indicá-lo para ordenação a pastor pelo missionário. Na Igreja da Graça, apenas R. R. Soares tem autonomia para ordenar alguém ao ministério pastoral.

Ordenado, o novo pastor é designado pelo líder estadual a cuidar de uma igreja. De acordo com Cocareli, a Igreja da Graça tem poucos pastores ordenados, pois o missionário leva extremamente a sério o texto que diz: “A ninguém imponhas precipitadamente as mãos” (1 Tm 5:22). Os passos são, portanto: obreiro, obreiro voluntário, evangelista e pastor. Não há bispos nem apóstolos na Igreja da Graça.

Embora não seja imprescindível formação teológica nem superior para alcançar o pastorado, há alguns anos foi criada a Academia Teológica da Graça de Deus (AGRADE). Ela funciona como seminário teológico, que a igreja pensa transformar em faculdade para buscar seu reconhecimento pelo Ministério da Educação.

Segundo Cocareli, Soares tem dado bastante ênfase ao desenvolvimento cultural de seus pregadores, pois entende que o mundo de hoje exige muito mais das pessoas. Desde a criação da AGRADE, passou a encorajar os obreiros e evangelistas a estudarem teologia ou outro curso de nível superior. Eventualmente, Soares investe na formação de seus pastores, pagando-lhes do próprio bolso cursos intensivos de português, Bíblia e matérias teológicas.

A rotina de trabalho do pastor depende da localização geográfica da igreja. Durante o dia, ela é administrada pelo evangelista, que ministra nas reuniões menores. Nos grandes centros urbanos, todas as reuniões atraem grandes multidões, exigindo a presença constante do pastor e de seus auxiliares.

Já a rotina de trabalho do missionário foi descrita por seu assessor como “uma loucura”. Soares passa o tempo todo envolvido com a obra de Deus, seja realizando uma campanha, gravando programas para a televisão ou preparando estudos bíblicos. Além da administração da igreja, boa parte de seu tempo é consumida escrevendo livros ou artigos que publica na revista Graça – Show da Fé.

O relacionamento dos pastores com as ovelhas depende da personalidade de cada pastor. Soares é da opinião de que todo pastor deveria ficar na calçada da igreja, convidando as pessoas para entrar e cumprimentando as que saem. O missionário fez isso muitas vezes no início do ministério. Não é de praxe o pastor frequentar a casa de um membro para tomar cafezinho ou para outras atividades sociais. Quando alguém está com algum problema familiar ou enfermidade e solicita a visita do pastor, ele o atende. Se for membro de uma das igrejas principais, um dos pastores assistentes é orientado a ir.

Raramente há contato pessoal entre R. R. Soares e seus adeptos. Ele só conversa com alguém para obter mais detalhes sobre uma cura, uma bênção financeira ou um milagre – mesmo assim, à distância, durante a gravação de um culto para a televisão. Os fiéis podem ser atendidos mediante o envio de mensagens eletrônicas para um link no site da igreja. Ainda assim as mensagens são filtradas por Cocareli.

A igreja não mantém escola bíblica dominical, apenas uma

atividade infantil denominada Escolinha, em que a criança recebe dos obreiros voluntários assistência espiritual e recreativa durante o culto. Quanto aos jovens, toda igreja local tem um evangelista ou um pastor responsável pela reunião da juventude, que acontece, geralmente, nas tardes de sábado.

Um dos grandes desafios para R. R. Soares e seus pastores é distribuir o tempo entre o ministério, a família, o descanso e o lazer. Contrariando o ponto de vista da maioria dos líderes evangélicos, Soares prioriza o ministério em vez da família, e isso é enfaticamente ensinado aos pastores da Graça. Para o missionário, a família do pastor deve estar dentro da igreja, com ele. Cocareli comenta que Soares é um dos poucos líderes que defendem e ensinam tal posição.

A Igreja da Graça não se preocupa com assistência social. Soares acredita que a igreja correria o risco de perder-se na ação social e deixar de lado o evangelho. Interpelado sobre o texto de Mateus 25:34-45, ele afirmou tratar-se de “fome espiritual”.

A programação de assistência social, portanto, cabe a cada igreja local, de acordo com seus critérios. É proibido, entretanto, distribuir dinheiro. Doam-se gêneros alimentícios em cestas básicas, distribuídas aos membros da igreja com baixo poder aquisitivo, na medida da demanda e da disponibilidade. Contudo, não há ênfase em um ministério de assistência social.

Como a maioria das igrejas neopentecostais, a Igreja da Graça preocupa-se quase exclusivamente com a evangelização através da mídia. Os recursos são usados para construção de prédios, aquisição de equipamentos, viagens e compra de horários em emissoras de rádio e TV.

Não há muita preocupação com missões, com discipulado nem com crescimento espiritual e doutrinário dos adeptos. Todo investimento deve ter retorno imediato, seja no aumento do número de adeptos, seja no incremento financeiro. Um programa missionário ou de outra natureza que, a longo prazo, apenas resulte em despesa e não em lucro financeiro para o ministério não despertará interesse.

Entretanto, apesar de criticado por muitos e de promover crenças e práticas questionáveis à luz da Bíblia, o neopentecostalismo vive atualmente em estado de graça. Continua crescendo também por sua habilidade de colocar a igreja no mercado e as práticas do mercado na igreja. As razões de seu sucesso, de suas conquistas e os fatores que proporcionaram tal rendimento são o assunto do próximo capítulo.

3 Capítulo
Fatores de crescimento do neopentecostalismo

O movimento neopentecostal conquistou um grande espaço

no cenário brasileiro nas últimas décadas. Consegue mobilizar as massas e controlar não apenas grandes somas de dinheiro, mas também boa parte da mídia eletrônica. Nem mesmo o pentecostalismo, sua fonte de origem, chegou a tanto. Por isso, o grupo agrada e incomoda ao mesmo tempo.[84]

A prática neopentecostal é dinâmica e inovadora, com um grau de criatividade bastante elevado. Muitas vezes, quem deixa de frequentar por uma semana alguma de suas igrejas corre o risco de ficar desatualizado. Mudam a liturgia, os líderes das igrejas que atuam nos escalões inferiores, as campanhas, os símbolos (cálice da libertação, rosa ungida, águas que saram), os candidatos políticos e os títulos ministeriais (de bispos para apóstolos, de pastoras para bispas e apóstolas).

Novas terminologias vão sendo acrescentadas no dia a dia. Na Igreja Universal, por exemplo, cultos de libertação passaram a ser denominados sessões de descarrego. Na Igreja da Graça, o culto do missionário R. R. Soares passou a ser chamado Show da fé. Até o

nome da igreja pode ser alterado. A Igreja Evangélica do Fundamento Apostólico (IEFA) agora se chama Igreja Cristã da Família. A Casa da Bênção passou a denominar-se Missão Caminhos da Vida. Essas mudanças instigam a mídia e os estudiosos, pois requerem monitoramento constante do fenômeno neopentecostal.

LIDERANÇA CARISMÁTICA

Geralmente, o líder carismático demonstra possuir magnetismo pessoal irresistível, atitudes e aparência de vencedor e entusiasmo constante pela causa ou ideia que defende. O fator carisma permite-lhe, muitas vezes, agregar, convencer, dominar e até mesmo manipular seus fãs ou adeptos, gerando um culto à personalidade. Max Weber explica o fenômeno:

A palavra "carisma" deve ser compreendida como referindo-se a uma qualidade extraordinária de uma pessoa, quer seja tal qualidade real, pretensa ou presumida, "Autoridade carismática", portanto, refere-se a um domínio sobre os homens, seja predominantemente externo ou interno, a que os governados se submetem devido à sua crença na qualidade extraordinária da pessoa específica. O feiticeiro mágico, o profeta (…), o chefe guerreiro (…) o chefe pessoal de um partido são desses tipos de governantes para os seus discípulos, seguidores, soldados, partidários *etc.* A legitimidade de seu domínio se baseia na crença e na devoção ao extraordinário, desejado porque ultrapassa as qualidades humanas normais e originalmente considerado como sobrenatural. A legitimidade do domínio

carismático baseia-se, assim, na crença nos poderes mágicos, revelações e culto do herói.[85]

Ao longo da história, o fator carisma tem permitido que o culto à personalidade se repita no relacionamento entre senhores feudais e seus vassalos, entre políticos e seus eleitores, entre ditadores e seus compatriotas. Michael Green faz uma importante observação a respeito do tema:

Os fiéis, na verdade, endeusam o líder: ele é supremo, e a sua vontade tem de ser obedecida. De fato, sua posição corresponde quase exatamente àquela do imperador romano que exercia completo poder político sobre o mundo conhecido, e era adorado por seus subjugados. Da mesma forma, Hitler declarou ser o emissário do Todo-poderoso e o fundador do reino de mil anos. Os nazistas morriam invocando seu nome, e sua personalidade era considerada transcendente. O mesmo aconteceu com Mao. Ele não era apenas um líder; ele era uma divindade. Ele foi adorado. As pessoas se ajoelhavam diante dele. Recitavam seus pensamentos. Acreditavam que ele as curava pelas mãos de um cirurgião. Ele tomou o lugar de Deus.[86]

A figura de uma liderança carismática e centralizadora é vital para o surgimento e a expansão de qualquer segmento neopentecostal. É fato conhecido e já comentado por vários pesquisadores o forte carisma que Edir Macedo, por exemplo, exerce sobre seus liderados. Quase todos os pastores da IURD que pregam em suas igrejas ou aparecem em seus programas de TV são fiéis imitadores do líder,

tidos como clones do bispo Macedo. São os mesmos gestos, a

mesma entonação de voz, os mesmos jargões ou expressões.

É o que se passa também nas demais igrejas neopentecostais em evidência: na Igreja da Graça, com R. R. Soares, na Renascer em Cristo, com Estevam e Sonia Hernandes, na Comunidade Sara Nossa Terra, com Robson Rodovalho, e na Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo, com Valnice Milhomens.

Trata-se de líderes que sempre reafirmam sua posição no grupo mediante a exibição de poderes espirituais, como o dom de curar os enfermos, e pelo frequente relato de experiências subjetivas, como visões sobrenaturais, que podem incluir anjos, sonhos, revelações e comunicações com o divino. Os seguidores sentem-se todo o tempo dependentes de suas orientações e vivem segundo sua aprovação. Para muitos adeptos do neopentecostalismo, esses líderes são responsáveis pela mediação entre o povo e as bênçãos de Deus.

Esses homens se mostram dedicados na multiplicação dos templos, no país e até no exterior (…). Por isso se desdobram em viagens pastorais e exercem um acentuado controle doutrinário e administrativo-financeiro sobre as igrejas e pastores que se encontram sob o seu poder. Desfrutam, junto aos fiéis, de um prestígio elevado enquanto líderes carismáticos. Dons extraordinários e poderes fora do comum lhes são reconhecidos pelos seus seguidores quando se lhes indaga sobre os fundadores. As famílias deles são também

objeto de deferência e de admiração especial. Elas figuram em santinhos, fotografias, cartazes, capas de discos e de livros. [87]

Um fator que contribuiu para o crescimento explosivo da Igreja da Graça, por exemplo, é o carisma de R. R. Soares. Na opinião de seu assessor Eber Cocareli, esse é o fator mais importante para a rápida expansão: “Mesmo quem não concorda com Soares acaba gostando dele. É um homem que, em dez minutos de conversa, cativa as pessoas. Ele tem um dom: o de agradar. Ninguém ensina isso. Não se aprende. Alguém nasce com ou sem. Então, ele nasceu com esse dom e o usa muito bem”.

MUDANÇA DE PARADIGMA NOS USOS E COSTUMES

Até os anos 1970, a maior parte do pentecostalismo brasileiro, representada principalmente pela Congregação Cristã no Brasil e pela Assembleia de Deus, era caracterizada por comportamento rígido, ostracismo social e espiritualidade mística. Não havia muita preocupação com os bens terrenos: os tesouros deste mundo deveriam ser desprezados, pois serviriam apenas para atrapalhar a jornada do fiel em direção à pátria celestial. Todo tempo e todo esforço deveriam ser investidos na oração, no jejum, na leitura da Bíblia e no evangelismo, seja de porta em porta, seja nos cultos ao ar livre. Não havia sequer muita preocupação com a educação formal, pois o retorno de Cristo estava às portas.

Ao longo de sua história, o pentecostalismo foi radical quanto aos usos e costumes, expressão usada para indicar o padrão de comportamento de seus adeptos. As proibições estendiam-se a quase todas as áreas, desde a vida pessoal do fiel – aparência, vestuário e lazer – até algumas práticas litúrgicas – bater palmas, uso de determinados instrumentos e músicas, por exemplo.

Algumas igrejas dividiam a congregação entre ala masculina e feminina. Tais práticas foram criando algumas dificuldades. Quando um casal ou uma família visitava a igreja, seus membros tinham de ficar separados, pois não podiam sentar-se juntos.

Todo esse radicalismo era assunto de constante discussão e dificultava alcançar as pessoas de uma classe social mais elevada. Uma empregada doméstica, por exemplo, que convidasse seus patrões para visitar a igreja ficava frustrada ao ver a dificuldade deles em se adaptar à nova fé devido a tantas proibições.

Com o passar do tempo, mais e mais fiéis do pentecostalismo brasileiro começaram a ingressar nas universidades, e o questionamento ao radicalismo defendido até então aumentou. A crescente pressão contribuiu não só para o surgimento do neopentecostalismo, mas também para sua expansão. Despontava, assim, no cenário brasileiro, uma nova geração de crentes que rompeu com as práticas radicais do pentecostalismo e alterou os usos e costumes, a liturgia, a

cosmovisão, a eclesiologia e a espiritualidade.

De fato, muita coisa mudou. Os bens materiais já não são inimigos da fé a ser combatidos, mas grandes aliados na busca da felicidade e do sucesso. A preocupação com o céu, com a vida após a morte e com o retorno de Cristo arrefeceu sensivelmente, dando lugar à busca das bênçãos financeiras e da solução de problemas e conflitos. Renunciar ao mundo tornou-se tarefa mais amena, o que levou a classe média a aderir, em grande escala, ao movimento neopentecostal.

UMA LITURGIA MAIS DESCONTRAÍDA

Com o neopentecostalismo a liturgia do culto muda nitidamente. O retroprojetor e os corinhos (cânticos breves, com letras simples e refrões envolventes) imperam no louvor musical, sufocando os hinos tradicionais. Os cultos são mais alegres. A comunicação horizontal durante as reuniões é dirigida a partir do púlpito mediante o uso de expressões como: “Vire para seu irmão da direita e…”. As palmas marcam o ritmo das músicas, embora elas não sirvam apenas para aplaudir o Senhor, mas também o pregador, quando sua fala entusiasma o auditório.

As bandas assumem um papel importante na liturgia neopentecostal. Os usos e costumes rígidos praticamente desaparecem em várias igrejas. Mais que isso, o adepto do neopentecostalismo usa suas conquistas, como carro, roupas, viagens, dinheiro e conforto, para mostrar que desfruta de um

bom relacionamento com Deus. Com isso, induz outras pessoas a buscarem a igreja a fim de serem igualmente abençoadas.

O burburinho cresce, os alto-falantes chegam aos últimos assentos como eco de uma trovoada. Talvez o visitante ao convertido (sic) não tivesse nenhuma voz, mas agora tem muitas, canta, geme, grita, gesticula, fala em línguas – num êxtase que apenas pode estar começando. No ritmo alucinante, a palavra é multiplicada por centenas, milhares de bocas. O vocabulário é pobre, com frequência, a gramática é incorreta, mas a força da palavra está na resposta imediata às aflições do cotidiano: saúde, prosperidade, trabalho, solução de problemas familiares; enfim, libertação do vício, do pecado; (...) uma vida exemplar, o domínio sobre o demônio, a certeza da salvação total.[88]

O FATOR CATÓLICO ROMANO

Há alguns anos, a situação do catolicismo romano no Brasil preocupava o Vaticano. Todo ano, mais de seiscentas mil pessoas deixavam suas fileiras em busca de experiências espirituais em igrejas evangélicas, principalmente entre as pentecostais e neopentecostais. Não apenas o número de fiéis diminuía, mas também o de vocacionados. Em 125 anos, a Igreja Católica brasileira perdeu mais de 25% de seus fiéis, seja para as igrejas evangélicas, seja devido à expansão dos sem-religião e de outros grupos religiosos.[89]

Ricardo Mariano comenta que as religiões secularizadas oferecem menos serviços mágico-religiosos às massas que as religiões mágicas, citando como exemplo a romanização do Brasil. A Igreja Católica passou a perseguir as crenças e as práticas mágicas do catolicismo popular, deixando de ser a medianeira de um poder divino eminentemente mágico e taumatúrgico.

Ela [a igreja católica] procedeu desse modo, por exemplo, ao relegar a cura física à medicina, a cura psíquica à psicologia, as terapias seculares à psiquiatria; ao tratar a figura do Diabo, a personificação do mal para os pentecostais, como simples metáfora; ao interpretar os problemas sociais, políticos e econômicos, que tanto afetam e infernizam a vida da população e, de forma mais acentuada, dos estratos pobres, como meras questões sociais, políticas e econômicas, às quais procura compreender e explicar tal como qualquer agência secular, baseando-se no instrumental teórico das ciências humanas, da filosofia e em ideologias sindicais e político-partidárias de

esquerda e de direita. Com isso, a igreja católica perdeu parte de seu poder de produzir e prestar serviços mágico-religiosos para satisfazer os interesses materiais e ideais das massas desafortunadas.[90]

Várias autoridades católicas foram unânimes em reconhecer que algo não estava bem, que a mensagem da igreja romana caía em ouvidos moucos e que era preciso mudar isso.

Alguns, como o padre José Oscar Beozzo, presidente da Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina (CEHILA), começaram a perceber que, ao se preocupar com os problemas políticos e sociais da América Latina nos últimos cinquenta anos, a igreja perdeu espaço para outras correntes religiosas. Beozzo admite que existe uma busca maior por valores religiosos à qual a igreja institucionalizada não soube apresentar uma resposta.[91]

Frear o crescimento dos evangélicos foi tema de um encontro das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), uma vertente do catolicismo que se mobiliza para discutir questões religiosas, políticas e sociais. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) mostrou-se interessada em desenvolver o crescimento das CEBs a fim de impedir a perda de fiéis para as igrejas evangélicas. As CEBs têm todas as características para fazer frente às novas confissões evangélicas, como a Igreja Universal do Reino de Deus.[92]

As estimativas mais otimistas apontavam para trinta milhões de evangélicos no Brasil. As realistas ficavam nos 26 milhões.

O crescimento dessas igrejas nos últimos vinte anos foi tão extraordinário que, se mantido o ritmo, levará a América Latina a tornar-se protestante em menos tempo que a Europa levou para tornar-se cristã:

Mesmo sem ter feito a opção pelos pobres, os neopentecostais

conquistam cada vez mais fiéis, têm deputados eleitos e constituem uma fatia da população que já não pode ser desprezada pelos políticos. Com lideranças autóctones e raízes urbanas, eles sabem aproveitar melhor do que qualquer outra igreja as vantagens do mundo eletrônico. Basta ver a facilidade com que entraram nos meios de comunicação de massa. Hoje, 80% das programações de rádios evangélicas no Brasil estão nas mãos dos neopentecostais. Foram eles, inclusive, que, através de escândalos ou não, deram visibilidade à igreja evangélica. Desligados das instituições, seus líderes são personalistas, competentes no aspecto da comunicação e sabem investir profundamente no sentimento e no sobrenatural. O homem pós-moderno não é religioso, mas emocional. As pessoas estão, em sua maioria, arrebentadas afetivamente. Portanto, ai da igreja que não atender a uma demanda afetiva dessa.[93]

Assim, impulsionado pela pentecostalização de boa parte de seus fiéis, o fervor católico foi, aos poucos, tomando fôlego. Esse fenômeno passou a ser conhecido como a renovação carismática católica. Em 1988, os carismáticos já passavam de dois milhões.[94]

Com a bênção do Vaticano, a renovação carismática tornou-se um instrumento eficiente para, pelo menos, reduzir o êxodo de católicos para as igrejas pentecostais, das quais imitam métodos e práticas.

A busca de solução religiosa e mágico-religiosa no Brasil é muito presente. Males de todos os tipos são levados aos templos evangélicos, aos terreiros afro-brasileiros, aos tradicionais centros católicos de peregrinação, aos centros kardecistas e às igrejas orientais. A renovação carismática colocou a cura de todos os males ao alcance de qualquer católico. Não é mais preciso deixar o catolicismo para solucionar os problemas da vida.[95]

A MÍDIA

A primeira onda do pentecostalismo usou o evangelismo pessoal, a literatura (distribuição de folhetos) e as reuniões ao ar livre como métodos de proselitismo. A segunda onda valeu-se desses métodos e agregou o evangelismo radiofônico. Já a terceira onda somou todos esses métodos e investiu agressivamente no televangelismo.

A década de 1990, no Brasil, está marcada por uma disputa acirrada e proselitismo entre denominações cristãs pela mídia televisiva. Acelera-se a luta entre igrejas pela concessão de canais de televisão e emissoras de rádio. Dezenas delas alugam espaços nos canais convencionais abertos com o intuito de mostrarem sua cara. Em termos de opção religiosa, os canais pagos exibem programas para todos os gostos. Vivemos a era da "igreja eletrônica" (…). A TV comercial foi-se transformando num campo fértil para a expansão da mídia religiosa (…).

As iniciativas religiosas não conseguem fugir de seu aspecto institucional, que, automaticamente, as situam no âmbito empresarial, transformando a fé em mercadoria.[96]

Hugo Assmann apresenta vários conceitos para designar a investida das igrejas evangélicas nos meios de comunicação de massa, principalmente na televisão: “igreja eletrônica”, que tem sido a nomenclatura mais comum nos Estados Unidos; “igreja comercial”, devido aos apelos financeiros; “marketing da fé”, para mostrar que a maioria dos programas religiosos se pauta pelo modelo publicitário; “messianismo eletrônico”, devido às promessas espetaculares de milagres, curas e salvação; e “assembleia eletrônica”, um termo raro e fora de uso hoje.[97]

A Assembleia de Deus, depois de passar décadas distante da televisão, também entrou no televangelismo, preocupada em manter seus adeptos e angariar outros. A maior denominação evangélica do país não poderia permanecer fora da corrida midiática que se instalara no universo religioso brasileiro.

Nenhum pregador, entretanto, reúne mais aparições na televisão brasileira que o missionário R. R. Soares. A revista Veja comentou a rivalidade entre ele e seu cunhado Edir Macedo nos meios eletrônicos. Mediante o pagamento de 2,5 milhões de reais por mês, R. R. Soares conseguiu pregar, pela primeira vez, no horário nobre e em rede nacional pela TV Bandeirantes.[98]

Em 2001, o Ministério das Comunicações concedera à Rede Internacional de Televisão (RIT) quatro retransmissoras de TV, duas delas em capitais (Manaus e Natal). Soares já havia comprado uma geradora em Dourados (MS). Com esses novos canais, a Igreja da Graça passava a contar com 31 retransmissoras.[99]

O grupo possui ainda a Graça Multimídia, que envolve as emissoras de rádio e a gravadora, além de uma editora, a Graça Editorial.

A grande explosão da Igreja da Graça, entretanto, se deve ao televangelismo. Ela não possui departamento de missões ou algo similar. Segundo Eber Cocareli, esse departamento "funciona no coração" de R. R. Soares. Ele afirma que o missionário tem sentido um toque de Deus e recebido um chamado para evangelizar o mundo árabe, por isso tem investido altas quantias na tradução para o árabe do material da Igreja da Graça e na possibilidade de levar sua pregação ao povo daquela região.

O ritmo de crescimento da Igreja da Graça tem sido constante nos últimos anos, tanto no Brasil como no exterior, onde já se estabeleceu em Portugal, no Japão e nos Estados Unidos.

Segundo Eber, um dos sonhos do missionário é estar vivo quando o Brasil for um país de maioria evangélica, e ele se preocupa com a qualidade dessa maioria. Soares conhece bem a realidade norte-americana e percebe que lá a maioria

evangélica assemelha-se à maioria católica no Brasil. Soares fala muito a respeito desse assunto e crê ser um dos responsáveis por tornar o Brasil uma nação evangélica, com um evangelho de qualidade.

O futuro da Igreja da Graça parece incerto. Para Eber, não existe um sucessor à altura de R. R. Soares, como geralmente acontece com líderes muito personalistas. Após a morte do missionário, Cocareli acredita que o movimento vai ser diluído e fragmentado, pois a dinâmica da Igreja da Graça está assentada totalmente no carisma e no ministério do missionário. Não há outra pessoa.

A disputa pelo espaço na mídia entre as igrejas que compõem o movimento neopentecostal está longe de terminar. Ao contrário, a tendência é crescer cada vez mais, alimentada pela tirania do mercado e pelas pressões financeiras dessas instituições, algo que exige um marketing cada vez mais arrojado na busca por novos adeptos. Deles – e de um número muito grande deles – depende o sucesso de qualquer empreendimento religioso.

PARTE

ASPECTOS TEOLÓGICOS DO NEOPENTECOSTALISMO BRASILEIRO

4 Capítulo
A influência da confissão positiva

A cultura brasileira apresenta três componentes principais: a cultura ibérica, a latina e a católica. Dessa mescla de culturas surgiu o imaginário de um mundo composto por espíritos bons e maus, por demônios, por poderes intermediários entre homens e o sobrenatural, e por possessões.[100]

Contrapondo-se a esse contexto, o protestantismo histórico de missão desenvolveu, a partir de 1850, sua proposta de evangelização com um programa de "linha liberal" marcado por sua presença na sociedade, voltada para a educação. Várias décadas depois surgem os pentecostais, com ênfase nas manifestações dos dons espirituais. A partir daí, anos mais

tarde, surgiria o movimento neopentecostal.

O neopentecostalismo não apresenta linha teológica própria. Muitas de suas posições doutrinárias assemelham-se às do pentecostalismo da primeira e da segunda onda. Não há preocupação com temas importantes da fé cristã. Doutrinas como justificação pela fé, adoção, predestinação e escatologia, valorizadas pelas denominações históricas, aparecem com pouca frequência em suas pregações e publicações.

Sem uma teologia definida, o movimento reúne várias posições doutrinárias e correntes teológicas. Por ser um movimento fragmentado, com muitos líderes de forte perfil carismático, cada grupo escolhe no que crer e determina a própria liturgia. Com isso, cada igreja investe no que mais lhe interessa. Algumas procuram desenvolver um ministério de cura e libertação. Outras, de batalha espiritual, cura interior, espíritos territoriais, mapeamento espiritual e prosperidade financeira.

Uma das propostas principais da maioria de seus pregadores é banir da vida humana a doença, a pobreza e todo tipo de sofrimento. Com isso, pretendem produzir uma nova geração de fiéis – rica e fisicamente saudável.

O foco da mensagem neopentecostal concentra-se mais no aspecto eternal, mais na vida presente que na futura:

Invertem a postura pentecostal tradicional de rejeição à busca da riqueza, ao livre gozo do dinheiro, de status social e dos prazeres deste mundo. Em seu lugar, pregam a teologia da prosperidade, doutrina que, grosso modo, defende que o crente está destinado a ser próspero, saudável e feliz neste mundo, E, com isso, em vez de rejeitar o mundo, os neopentecostais passaram a afirmá-lo. Além de possuir uma fé inabalável e de observar as regras bíblicas de como tornar-se herdeiro das bênçãos divinas, o principal sacrifício que Deus exige de seus servos, segundo esta teologia, é de natureza financeira: ser fiel nos dízimos e dar generosas ofertas com alegria, amor e desprendimento.[101]

Uma das correntes doutrinárias que mais conquistaram espaço no seio do movimento neopentecostal é a confissão positiva, também conhecida como "evangelho da saúde e da prosperidade", "palavra da fé" ou ainda "o movimento da fé". O Dictionary of pentecostal and charismatic movements [Dicionário dos movimentos pentecostal e carismático] assim define o tema:

Confissão positiva é um título alternativo para teologia da fórmula da fé ou doutrina da prosperidade promulgada por vários televangelistas contemporâneos, sob a liderança e a inspiração de Essek William Kenyon. A expressão "confissão positiva" pode ser legitimamente interpretada de várias maneiras. O mais significativo é que a expressão "confissão positiva" refere-se literalmente a trazer à existência o que declaramos verbalmente, uma vez que a fé é uma confissão.

[102]

AS RAÍZES DA CONFISSÃO POSITIVA

Muitas pesquisas já foram publicadas nos Estados Unidos sobre este movimento. D. R. McConnell informa que a confissão positiva surgiu com o norte-americano Essek William Kenyon. Aos dezenove anos de idade, pregou seu primeiro sermão em uma igreja metodista. Em 1892, mudou-se para Boston, onde frequentou várias escolas, entre elas a Faculdade Emerson de Oratória, fundada por Charles Emerson, de quem sofreu nítida influência. McConnell afirma que Emerson foi um colecionador de religiões:

Em seus quarenta anos de ministério, a teologia de Emerson evoluiu do congregacionalismo para o universalismo, para o unitarismo, para o transcendentalismo, para o novo

pensamento (nova ideia) e terminou, finalmente, nos mais rígidos e dogmáticos de todos os grupos metafísicos, a ciência cristã. Emerson uniu-se à ciência cristã em 1903 e nela permaneceu até a morte, em 1908. Sua conversão à ciência cristã foi a última progressão lógica em sua evolução metafísica do ortodoxo para o sectário.[103]

Kenyon envolveu-se com vários ministérios e diferentes atividades. Fez reuniões evangelísticas em várias cidades, pregou a convite de Aimée Semple McPherson no templo-sede do Evangelho Quadrangular. Em 1926, assumiu o

pastorado de uma igreja batista independente em Pasadena. Em 1931, fundou a Igreja Batista Nova Aliança, na cidade de Seattle. Depois, começou um programa de rádio, o que fez dele um dos pioneiros desse novo método de evangelização. Kenyon mal sabia que o evangelismo eletrônico por ele iniciado seria largamente usado, décadas mais tarde, por muitos grupos, principalmente pelo movimento neopentecostal.

Os críticos da confissão positiva insistem em que ela sofreu influência da Ciência Cristã, que explica que toda causa e todo efeito são mentais, não físicos. A realidade da mente mostra, de modo concludente, como a matéria parece existir, mas não existe. A ciência divina, que se eleva acima das teorias físicas, exclui a matéria, reduz as coisas a pensamentos e substitui os objetos do sentido material por ideias espirituais.

A Ciência Cristã revela Deus não como o autor do pecado, da doença e da morte, mas como o princípio divino, o ser supremo, a mente, isento de todo mal. Ensina que a matéria é a falsificação, não

a realidade da existência; que os nervos, o cérebro, o estômago, os pulmões e assim por diante – como matéria – não têm inteligência, nem vida, nem sensação. Temos de abandonar a farmacologia e adotar a ontologia – "a ciência do verdadeiro ser".[104]

Para Robert Bowman, muitas das características teológicas do

movimento da fé podem ser rastreadas de Hagin diretamente a Kenyon. Vejamos algumas posições doutrinárias da confissão positiva que, segundo Bowman, surgiram com Kenyon ou sofreram algum tipo de influência dele:

- A natureza humana é espírito, alma e corpo, porém é mais fundamentalmente espírito.
- Deus criou o mundo pronunciando palavras de fé e faz tudo o mais pela fé, e espera-se que exerçamos o mesmo tipo de fé.
- Na queda, os seres humanos receberam a natureza de Satanás e perderam para ele o seu domínio divino, fazendo-o o Deus legal deste mundo.
- Jesus morreu espiritualmente, como também fisicamente, recebendo a natureza de Satanás, sofrendo no inferno para nos redimir, e assim nasceu de novo.
- Através da nossa confissão positiva com o tipo de fé de Deus, podemos vencer a doença e a pobreza.[105]

Paralelamente à Ciência Cristã, surgiu o New Thought [Novo Pensamento], movimento ligado ao nome de Phineas Parkhurst Quimby. Ao romperem com a Ciência Cristã, ele e seus simpatizantes formaram movimentos como a Escola da Unidade do Cristianismo, a Ciência Divina, a Ciência Religiosa e o Novo Pensamento.

A exemplo da Ciência Cristã, os adeptos do Novo Pensamento fazem uma abordagem intelectual e filosófica da religião. Os que buscam cura são atraídos pela ideia de que,

para começar, nunca estiveram doentes.[106]

A CONEXÃO KENYON-HAGIN

Antes de sua morte, em 1948, Kenyon encarregou a filha Ruth de continuar seu ministério e publicar seus escritos, o que ela cumpriu fielmente. Anos mais tarde, um pregador chamado Kenneth Erwin Hagin valeu-se das ideias e dos escritos de Kenyon para desenvolver o que veio a ser um dos maiores e mais controvertidos movimentos dentro do mundo evangélico atual: a teologia da saúde e da prosperidade, ou confissão positiva.

É fato conhecido entre os pesquisadores da confissão positiva que Hagin plagiou boa parte dos escritos de Kenyon. Embora ele tente, sem sucesso, negar os plágios, admite a influência de Kenyon em sua vida e em seu ministério. No livro O nome de Jesus, Hagin conta como entrou em contato com os escritos de Kenyon, declara sua admiração por ele e menciona a "licença" de Ruth para que ele citasse a obra de Kenyon.

A autobiografia de Hagin informa que ele nasceu prematuramente em 1917. Ao nascer, os médicos constataram um problema congênito no coração e não lhe deram nenhuma esperança de vida. Apesar disso, ele sobreviveu e passou uma infância difícil e turbulenta. Seu pai abandonou a família quando ele ainda era muito pequeno. Quando Hagin completou nove anos, foi viver com os avós maternos, pois a saúde de sua mãe estava bastante debilitada.

Quatro meses antes de completar dezesseis anos, sua condição física deteriorou, deixando-o confinado à cama. Naquela época, ele começou a ler a Bíblia e em uma noite aceitou o Senhor Jesus e nasceu de novo.

Duas experiências mudariam sua vida e afetariam seu ministério no futuro. A primeira foi ter sido "levado ao inferno", onde viu e sentiu coisas que o deixariam perplexo, como trevas que o impediam de enxergar e um calor crescente à medida que descia. Hagin afirma ter descido outras duas vezes "ao inferno" para ali contemplar horrores.[107]

A segunda experiência veio através da leitura de uma passagem das Escrituras, mais precisamente de Marcos 11:23-24: "Eu lhes asseguro que se alguém disser a este monte: 'levante-se e atire-se no mar', e não duvidar em seu coração, mas crer que acontecerá o que diz, assim lhe será feito. Portanto, eu lhes digo: tudo o que vocês pedirem em oração, creiam que já o receberam, e assim lhes sucederá" (grifos do autor).

A revelação desse texto foi dada a Hagin em duas partes. A primeira começou em uma ambulância, em janeiro de 1934, quando ele se deu conta do sentido do versículo 24.[108] Passados sete meses sem que a cura viesse, Hagin continuava firme em sua confissão e não aceitava desistir. Finalmente, outra parte da revelação de Marcos 11:23-24 ocorreria em agosto desse ano.

Naquela terça-feira eu orei pela manhã toda. Na hora costumeira, minha mãe veio me ajudar a tomar banho. Eram

quase 8h30 da manhã quando ela saiu do quarto. Eu continuei orando. Eu estivera lutando com Mc 11:24 por algum tempo, mas ainda não experimentara nenhuma melhora (…) Nesse momento, eu descobri exatamente o que o versículo de Mc 11:24 quer dizer. Até então, eu apenas esperava até ser realmente curado. Eu olhava para o meu corpo e observava as batidas de meu coração para constatar se realmente tinha sido curado. Mas percebi que esse versículo diz que você tem que crer quando você ora. O ter vem depois de crer. Eu agia de forma inversa. Eu estava tentando ter primeiro e crer em seguida. É o que a maioria das pessoas faz.

"Eu entendi! Eu entendi!", falei com alegria. "Entendi o que tenho que fazer, Senhor. Eu tenho que crer que meu coração está bem, enquanto ainda estou deitado aqui nesta cama, e enquanto meu coração ainda não está batendo normalmente. Tenho que crer que minha paralisia se foi enquanto ainda estou deitado, dependendo da ajuda de outros. Eu creio em meu coração que o Senhor já ouviu a minha oração! Creio que meu coração está curado e que essa paralisia se foi. Creio em meu coração que já recebi a cura para o meu corpo!".[109]

Hagin relata que ele não só resistiu às sugestões do diabo de que não estava curado como louvou a Deus pela cura, confirmada pelo Espírito Santo. Então, apoiando-se na beira da cama, levantou-se e, determinado a andar, apoiou-se nos

pés da cama e cautelosamente deu um passo. Depois, mais um. Ele estava curado de fato.[110]

Hagin não esconde a preocupação de ter seus ensinos confundidos com os da Ciência Cristã e tem tentado apagar qualquer vestígio de um possível elo entre ele e os grupos metafísicos norte-americanos.

O que nós cremos é o resultado do nosso pensamento. Se pensarmos erroneamente, vamos crer de maneira errada. Se a nossa crença for errada, a confissão também o será, ou seja, o que dissermos estará errado. Tudo depende do nosso modo de pensar… Geralmente, conversamos, conversamos bastante sobre o crer, mas não conversamos tanto sobre o falar. É claro que não seremos capazes de falar certo. Nosso pensamento tem que estar em sintonia com a palavra de Deus, porque não poderemos crer além do que nos revela sua palavra.

Pessoas que se envolveram no passado em religiões metafísicas ou de ciências da mente costumam confundir esse ensinamento sobre pensar certo e errado com aquelas religiões, porque continuam achando que o homem é simplesmente um ser mental físico. Mas o homem é mais do que isso. Ele também é um ser espiritual! Os defensores

da metafísica ensinam tanto sobre a mente que os participantes da igreja do evangelho pleno ficam quase que receosos de dizer alguma palavra sobre a mente – embora a Bíblia tenha muito a dizer sobre ela.[111]

EXPANSÃO E CONTROVÉRSIAS

Hagin começou seu ministério em 1934, como um jovem pregador de uma igreja batista. Devido à crença na cura divina, começou a frequentar as reuniões de um grupo pentecostal e, em 1937,

recebeu o batismo no Espírito Santo, falando em línguas estranhas. Naquele mesmo ano foi ordenado ministro da Assembleia de Deus, pastoreando várias igrejas dessa denominação entre 1937 e 1949. Mais tarde, envolveu-se com vários pregadores independentes de cura divina, entre ele William Marrion Branham, Oral Roberts, T. L. Osborn.

Em 1963, fundou a Kenneth Hagin Evangelistic Association. Em 1966, ao transferir a sede da Califórnia para Oklahoma, o ministério iniciou uma nova etapa de crescimento. Hagin começou a receber muitos convites para pregar e realizar seminários e ministrou para pessoas de todas as crenças por todos os Estados Unidos. Naquele mesmo ano, iniciou um ministério de rádio e, em 1976, o primeiro programa de televisão foi produzido.

Com o crescimento do ministério, surgiu a necessidade de produzir material impresso para a área de ensino. Assim, foi criado um curso bíblico por correspondência.

Em 1974, Kenneth Hagin Jr. fundou a Rhema Bible Training Center, com o objetivo de ensinar os princípios da confissão

positiva aos candidatos ao ministério eclesiástico. O centro de treinamento começou a receber alunos de todas as partes dos Estados Unidos e agora tem centros de treinamento em 13 países do mundo, entre eles o Brasil.

A influência do ministério de Kenneth Hagin é extraordinária. O centro de treinamento Rhema, nos Estados Unidos, já produziu mais de 23 mil pastores. O programa de rádio Faith seminar of the air é transmitido por mais de 250 estações na América do Norte. Na área da literatura, o sucesso é enorme. Kenneth Hagin e seu filho, Kenneth Hagin Jr., já produziram cerca de 150 livros para promover a teologia da prosperidade. Mais de 65 milhões de cópias de seus livros estão em circulação ao redor do planeta.

A revista The word of faith é enviada mensalmente para mais de quatrocentos mil lares. Cerca de cinquenta mil fitas cassete e CDs com os ensinos de pai e filho são distribuídos todo mês. Mais de oito milhões de fitas já foram distribuídas desde o início desse ministério, e ainda existe a produção de vídeos.

O programa de televisão Rhema praise é transmitido, também em espanhol, por várias emissoras e redes de satélites, atingindo semanalmente um público de trinta milhões de pessoas. A Rhema Bible Church, em Tulsa, reúne cerca de oito mil membros. O ministério conta com cerca de trezentos funcionários.[112]

Benny Hinn é outro nome bastante conhecido no Brasil, onde

já publicou vários livros. O mais conhecido é Bom dia, Espírito Santo. Hinn já esteve várias vezes em nosso país, conduzindo reuniões de massa com a apoio da Igreja Renascer. Atualmente é um dos pregadores mais controvertidos nos Estados Unidos e conhecido por chocar auditórios com declarações surpreendentes.[113]

De linha pentecostal unicista,[114] William Marrion Branham também possui boa representatividade em solo brasileiro, através da

igreja O Tabernáculo da Fé. Branham nasceu em 1909 e alcançou notoriedade nos Estados Unidos como pregador de cura divina. Declarou ser o anjo mencionado em Apocalipse 3:14 e 10:7 e que o arrebatamento da Igreja e a destruição do mundo aconteceriam em 1977.

Muitos membros dessa igreja não hesitam em mostrar a foto de Branham em que, afirmam, ele aparece com uma auréola de luz sobre a cabeça enquanto falava do púlpito. Após sua morte, em 1965, seus adeptos acreditavam que ele ressuscitaria. Alguns de seus discípulos criam ser ele o próprio Deus, enquanto outros afirmavam que ele havia nascido de uma virgem. Alguns oravam a ele e outros batizavam em seu nome.[115]

Tommy Lee Osborn, outro nome de influência, pastoreou várias igrejas e desenvolveu muitas cruzadas evangelísticas

em diferentes partes do mundo, reunindo grandes multidões. Em outubro de 1949, participou de uma campanha de cura divina conduzida por William Branham e observou o exorcismo de uma menina. Percebeu, então, que poderia fazer o mesmo.[116]

Depois de muitos dias de jejum e oração, Osborn e sua esposa, Daisy, começaram seu ministério evangelístico de cura divina. Ele visitou o Brasil várias vezes, sempre em conexão com a Igreja da Graça, cuja editora traduziu e publicou vários de seus livros. R. R. Soares confirma a influência de T. L. Osborn em sua vida e em seu ministério em uma publicação oficial de sua organização.[117]

Kenneth Hagin não poderia ter, no Brasil, porta-voz melhor e mais poderoso que R. R. Soares para divulgar suas ideias e doutrinas.

Por ser a pessoa no Brasil que mais aparece na mídia televisiva, alcança milhões de pessoas. Quase todos os livros de Hagin em português foram publicados pela Graça Editorial, além de outros autores norte-americanos, como Gordon Lindsay e o próprio T. L. Osborn.

ENFOQUES DA CONFISSÃO POSITIVA

De acordo com a teologia neopentecostal, a vida do cristão deve ser livre de qualquer problema. Ele deve morar em mansões, possuir carros caros, ter muito dinheiro e muita

saúde. Se isso não ocorrer, estará caracterizada a ausência de fé, a vida em pecado ou então o domínio de Satanás. Em outras palavras, a característica do cristão maduro é a plena saúde física e emocional, além da prosperidade material.

DOENÇA E SAÚDE

Um dos textos bíblicos mais usados para afirmar que o cristão não pode ficar doente é o de Isaías 53:4-5: "Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados".

Esse texto aparece duas vezes no Novo Testamento: em Mateus 8:17 e em 1 Pedro 2:24. O próprio Hagin confessa que levou tempo para extrair esse ensino das Escrituras:

Eu ainda não sabia que a cura estava na expiação (Is 53:4-5). Não sabia que Jesus carregou nossas enfermidades (Mt 8:17). Não sabia que, pelas chagas de Jesus, fomos curados (l Pe 2:24). Não sabia que Satanás era o autor da doença e da enfermidade. Portanto o medo de ficar doente de novo continuava a me atormentar (…). Deus não é o autor da doença. Os homens só ficaram doentes depois que deram ouvidos ao Diabo (…) A doença e a enfermidade são do Diabo. Deixe que a verdade dessa afirmação entre profundamente em seu espírito. Então siga os passos de Jesus

e trate com a doença da forma que Jesus tratou. Trate a doença e a enfermidade como um inimigo, e nunca as tolere em sua vida.[118]

Não há, portanto, espaço para doenças na pregação da confissão positiva. Com base no mencionado texto de Isaías, a maioria dos pregadores neopentecostais prega que tanto a salvação da alma quanto a saúde física estão totalmente garantidas na morte (expiação) de Cristo na cruz.

Por estas escrituras vemos a cura para o corpo na mesma expiação que vemos a salvação para a alma. A cura está na expiação. Temos a cura na redenção. Se somos salvos, devemos ser curados. Se somos curados, devemos ser salvos. Nosso Senhor não fica satisfeito com meia salvação (…). A enfermidade não provém do amor, e Deus é amor. A doença rouba a saúde, rouba a felicidade, rouba o dinheiro de que necessitamos para outras coisas. A doença é nossa inimiga. É ladra. Ela rouba aquele doente tuberculoso! Sobreveio-lhe na mocidade e tornou-o pesado para a família; encheu-o de cuidado e dúvida, medo e dores, e lhe roubou a fé. Não digais a ninguém que doença assim é a vontade de Deus. É a vontade do ódio; é a vontade de

Satanás. Se a doença se tem tornado a vontade do amor, então o amor se tem tornado em ódio. Se a doença é a vontade de Deus, então o céu está cheio de doença.[119]

Muitos conceitos e ensinos bíblicos sobre cura difundidos no

Brasil provêm da América do Norte. É importante observar as posições de Kenneth Hagin sobre a cura e como elas encontram eco no neopentecostalismo brasileiro. Ao verificar as publicações sobre os ensinos da confissão positiva, é possível perceber que seus pregadores repetem muito uns aos outros e quase todos acabam repetindo Kenneth Hagin, como demonstram suas declarações sobre o tema:

Quando a Bíblia fala no sofrimento, não se refere à enfermidade. Não temos nenhum motivo para sofrer com enfermidades e doenças, porque Jesus nos redimiu delas (…). Faz anos que estou pregando que Deus quer que todos os seus filhos – não apenas alguns de nós, mas todos nós – tenhamos saúde e fiquemos curados. Deus quer que vivamos o período integral da nossa vida, aqui embaixo, sem enfermidades e sem doenças. É o plano melhor que ele tem para nós. Nem todas as pessoas ficam à altura desse plano, mas ele não deixa de existir. A gente é criticado por pregar essa verdade.[120]

Não é da vontade de Deus que fiquemos doentes. Nos dias do Antigo Testamento, não era da vontade de Deus que os filhos de Israel ficassem doentes, e eles eram servos de Deus. Hoje, somos filhos de Deus. Se sua vontade era que nem sequer seus servos ficassem doentes, não pode ser sua vontade que seus

filhos fiquem doentes! As doenças e as enfermidades não provêm do amor. Deus é amor.[121]

Não tive um só dia de doença em 45 anos. Não disse que o Diabo não me atacou. Mas antes de findar o dia, já estou curado. Quando o Diabo me ataca, digo-lhe: “Satanás, estas enfermidades foram carregadas no corpo de Jesus. Você não tem o direito de trazer a imagem delas para cá a fim de me assustar. Agora, pegue as suas coisas, ponha-as na mala e saia daqui. Eu não aceitarei tais coisas”. Essa (sic) declaração profunda de Kenyon resume o assunto: “Não há mais necessidade de carregarmos em nossos corpos as nossas doenças, como não há necessidade de carregarmos em nossa natureza espiritual um pecado não perdoado”.[122]

O discurso dos neopentecostais brasileiros reproduz, portanto, os mesmos ensinamentos. E assim tem sido amplamente divulgado em sermões, músicas, livros, campanhas *etc.*

Até Cristo morrer por nós, éramos amaldiçoados pelas doenças, enfermidades, males e miséria. Agora não, fomos curados pelas feridas do Senhor Jesus. O perdão dos pecados e a cura de enfermidades foram conseguidos no mesmo sacrifício do Senhor (Is 53:4-5).[123]

(…) desfrutar saúde é um direito que a Palavra de Deus garante ser seu. Então, sem vacilar e sem adiar a decisão, você deve exigir o cumprimento do seu direito imediatamente e, logicamente, ficar curado (…). Para que você entenda bem que

desfrutar saúde é um direito que você possui, que não é

apenas pela misericórdia de Deus que você poderá ser curado, mas sim que você tem o direito de exigir a sua cura, é importante que você aprenda a diferença que existe entre uma promessa e uma declaração de um fato. 1º.) Promessa: É algo que o Senhor prometeu para cumprir um dia. Na Bíblia temos inúmeras promessas que o Senhor nos concedeu. Ex.: a segunda vinda de Jesus, o milênio e outras tantas. 2º.) Declaração de um fato: É algo que Deus declara que ele já fez. Ex.: a salvação, a cura divina *etc*.[124]

Doenças e dores não são vida em abundância. Como é que Deus pode dar a alguém uma doença se ele não tem nenhuma, lá no Céu, para nos dar? Deus só pode dar o que ele tem. Para Deus lhe dar uma doença, teria de pedi-la ao diabo, o que é uma ideia absurda.[125]

Causas da doença

Para muitos pregadores da teologia da prosperidade, as doenças não têm relação com problemas hereditários, condições do meio ambiente ou do contexto social e geográfico em que vive o doente. Em outras palavras, as enfermidades não são provocadas por agentes físicos, mas espirituais. Assim, as armas para combater as enfermidades não devem ser físicas, mas espirituais.

T. L. Osborn conta que certa vez ouviu o evangelista William Branham explicar a cura divina de um modo como ele nunca ouvira antes. Segundo Osborn, a explicação foi tão razoável e

ajudou-o de

tal modo a entender o ministério da cura divina que sua vida e seu ministério mudaram em poucas horas. Branham explicou o papel de Satanás na doença da seguinte forma:

Toda doença tem vida – um germe. Este germe é de Satanás, porque destrói. É o que Jesus chamou de espírito de enfermidade. Esse germe faz a doença desenvolver-se exatamente como o germe da vida, quando somos gerados, nos faz crescer e tornamo-nos corpo humano. Quando esse germe, ou vida, deixa o nosso corpo, ele morre. Ele se depaupera e volta ao pó. Do mesmo modo, quando o espírito de uma doença sai, a doença morre, depaupera e desaparece. Nós temos poder sobre o espírito do Diabo que nos traz doença porque Jesus disse: "Em meu nome expulsarão demônios". Em seu nome temos absoluta autoridade para ordenar que a vida da moléstia saia, e ela tem que obedecer-nos. Quando ela sai, então a doença morre e os seus feitos desaparecem. Por exemplo, um câncer tem vida em si. Essa vida é do Diabo, porque destrói e mata. Enquanto essa vida estiver ali, o câncer continuará a sua obra de destruição, mas quando ordenamos que essa vida do câncer saia, em nome de Jesus, ela tem que ir; então o câncer morre. Ele definha e desaparece, e o doente se restabelece.[126]

R. R. Soares afirma que os problemas podem ser causados pelos espíritos. Eles atuam em todas as áreas da atividade humana, por isso é preciso identificar a existência e a origem

de tais problemas. Para Soares, um problema aparentemente simples e comum pode ter origem satânica. Uma vez descoberta a origem do problema, é

possível detectar a causa e apresentar a solução. Ele relata uma experiência que viveu em relação a esse assunto e como agiu para resolver o problema:

Certa ocasião, uma senhora me procurou, dizendo estar passando por um "pequeno problema". Contou-me que seu "pequeno problema" era frigidez sexual. Há algum tempo não conseguia relacionar-se sexualmente com o marido, e isto começava a afastá-los um do outro. Ao orar por ela, percebi que seu problema era de ordem espiritual e ordenei que os demônios que a estavam afligindo saíssem dela. Imediatamente após minha oração, manifestou-se um espírito, que se afirmava o causador daquele "pequeno problema". Confessou que fora mandado por uma mulher que estava tentando conquistar seu marido, para fazer com que o casal se separasse. Após orarmos por aquela senhora, o demônio se afastou e ela voltou a ter uma vida normal em seu lar.

Nervosismo, dores de cabeça, insônia, medo, desmaios, desejo de suicídio, ódio, inquietude e tantos outros males aparentemente comuns podem muito bem significar que a pessoa está sendo "circundada" pelos espíritos (…). Para problemas espirituais, as respostas têm de ser espirituais. Por mais que respeitemos e admiremos o trabalho dos médicos, psicólogos, psicanalistas e tantos outros profissionais que

trabalham em prol do bem-estar da humanidade, temos de admitir que eles jamais resolverão problemas ou curarão enfermidades cujas origens sejam espirituais.[127]

Segundo Eber Cocareli, a Igreja Internacional da Graça de Deus enfatiza grandemente as curas e os milagres, pois o que se busca mais na igreja é a cura física. A cura também é um tema muito importante para R. R. Soares, pois ele já viveu seus altos e baixos na carreira da fé. Em programas de TV e em várias publicações, Soares afirma que no passado sofreu por dois anos com rinite alérgica. Remédios e orações não conseguiram pôr fim àquele sofrimento. Às vezes, ele gritava diante de Deus, citando suas promessas, pedindo que o curasse, sem sucesso. Vivia pedindo perdão a Deus por supostos pecados cometidos.

Soares não entendia como ele podia ser usado por Deus para curar alguém e ele mesmo não conseguir a cura. O missionário conta que a resposta veio ao ler o livro de Hagin, O nome de Jesus. Daquele dia em diante, diz ele, algo mudou sua vida e seu ministério, livrando-o daquela enfermidade.

As coisas tomaram um novo rumo em minha vida; a fé tornou-se viva e real. Eu havia aprendido o que faltava para tomar posse da bênção. Já não era mais o mesmo, aquele que vivia se queixando a Deus, que não entendia que, em Cristo, todas as coisas são minhas e nele eu sou senhor de qualquer situação em que me encontrar.[128]

Uma das posições que mais têm gerado controvérsia e suscitado críticas à teologia da prosperidade é a negação dos sintomas da doença, levando o enfermo a rejeitar os recursos da medicina. Nem todos os pregadores da confissão positiva agem assim, mas há os que consideram um ato de fraqueza espiritual a ação de recorrer à medicina.

O missionário Soares indica defender tais posições:

Não me considero com autoridade para julgar o que uma igreja faz. Penso que estão cuidando dos seus como algumas empresas fazem com os seus empregados. Na verdade, quem não tem certeza de que a fé que possui é suficiente para protegê-lo deve tomar todas as precauções. O melhor é ser praticante da Palavra.[129]

Os sãos – aqueles que são sadios na fé, que temem a Deus, que executam a sua vontade – não precisam de médico, só os doentes – os que não temem a Deus. Se a pessoa não tem o temor de Deus, não conhece sua Palavra, que vá correndo se tratar (…) Não é errado ir ao médico, só que estou falando de uma coisa mais elevada: conhecer a Palavra de Deus, ter o temor de Deus.[130]

A questão volta-se para a fé ou para sua ausência. Só pode haver cura se houver fé. Assim, quando os sintomas surgirem, a resposta é ignorá-los:

Fé não é sentir que está curado, depois de orar. Fé não é ver

que está curado, depois de orar. Fé é acreditar que está curado sem ver, nem sentir que está curado (…). O homem que semeia no solo não sente nada de especial, nem vê nada durante algum tempo. No entanto, ele sabe que a semente está germinando, crescendo, e que, passado algum tempo, dará fruto. Assim é a cura divina. Depois que fizer a Oração da Fé, a pessoa não precisa sentir nada, nem ver nada. A pessoa sabe que está

curada, porque Deus diz isso na sua Palavra. É como se a sua cura estivesse germinando ou crescendo dentro do corpo. O que fazer se os sintomas e as dores voltarem? Se os sintomas da doença voltarem, ou se tornar a sentir dores, ignore-as. Fé consiste em olharmos para a Palavra de Deus, e não para os sintomas e dores. Ninguém está a lhe dizer para "fingir" ou "fazer de conta" que os sintomas e as dores não existem. Eles existem e são reais. Só que você deve IGNORÁ-LOS. Não olhe, não medite, não pense, não fale dos sintomas e dores. [131]

RIQUEZA E POBREZA

A primeira onda do movimento pentecostal enfatizou a glossolalia (falar em línguas); a segunda onda enfatizou a cura divina; a terceira onda passou a enfatizar o dinheiro, que se tornou a mola propulsora do neopentecostalismo. João Batista Libânio fala sobre o aspecto capitalista da teologia da prosperidade:

O individualismo neoliberal fomenta concorrência e competição em que vencem os mais fortes, os mais preparados e competentes. Visa ao resultado. É necessário encontrar uma religião que reforce a vitória, a prosperidade dos melhores. Recorre-se, então, à teologia da bênção de Deus para os ricos e ao castigo para os pobres, porque preguiçosos e pecadores. É uma teologia feita sob medida para alimentar igrejas que sustentam o sistema neoliberal.

Evidentemente, nessa religião não cabem práticas de solidariedade, de opção pelos pobres. É uma religião tipicamente materialista. A Igreja Universal do Reino de Deus talvez exprima

de modo mais transparente essa ideologia de apoio ao sistema. Concebe a vida religiosa como uma transação financeira com o Céu. Recorre a ela para pedir e exigir que os fiéis façam ofertas sempre maiores. Assim receberão de Deus ainda mais bênçãos e riquezas, vida longa e próspera. A Palavra de Deus é posta a serviço de alcançar e produzir tais efeitos. Transporta para a Palavra uma caricatura do opus operatum dos sacramentos. Ela é de si eficaz. Se não acontece, é por causa do pecado do ouvinte.[132]

Os pentecostais nunca consideraram a busca pelo dinheiro uma atividade virtuosa. Mais que isso, o dinheiro sempre foi visto como vilão. Ele poderia afastar as pessoas do caminho do Céu e destruir a piedade do cristão. Todo esforço deveria ser feito para que os cristãos não se tornassem materialistas.

Em contraste com os pentecostais, McAlister introduziu algo novo: considerava o dinheiro uma bênção a ser buscada, um aliado do cristão em sua busca de felicidade e bem-estar neste mundo. Um dos aspectos que despertam imediata atenção do leitor no livro de McAlister é o que ele denomina "teologia do hinário". O bispo critica os hinos evangélicos que encorajam o cristão a esperar pela felicidade e pela vida abundante, prometida por Jesus, após a morte.

Os herdeiros de McAlister, notadamente Edir Macedo e R. R. Soares, foram bem mais longe com a sua teologia financeira e transformaram a pregação do evangelho em empreendimentos de grande sucesso. Os intermináveis apelos por dinheiro passaram a ocupar um espaço considerável na liturgia neopentecostal. Os símbolos mencionados anteriormente passaram a ser trocados por ofertas em dinheiro.

Edir Macedo não esconde a ênfase que sua igreja dá ao dinheiro.

A Bíblia diz que Jesus deu o seu sangue para salvar a humanidade. O sangue de Jesus é ele mesmo, sua vida, seu sacrifício. Costumo afirmar que o dinheiro é o sangue da Igreja, pois carrega consigo parte das vidas das pessoas (tempo, suor, inteligência e esforço para ser conseguido); é a este aspecto que me refiro.[133]

Nem sempre Kenneth Hagin abraçou a ideia de que riqueza e fé cristã podiam andar juntas, mas, segundo ele, sua

compreensão sobre a prosperidade na vida do fiel evoluiu:

Durante muitos anos, eu não compreendia que a vontade de Deus é que seus filhos prosperem. Pensava – assim como muitos pensam – que a pobreza é uma característica da humildade, e que, para ser humilde, a pessoa precisa ser pobre. Achava que o justo não poderia ser rico, e que o rico não poderia ser justo.[134]

Jerônimo Onofre da Silveira, pastor titular do Templo dos Anjos, em Belo Horizonte, tem percorrido o Brasil divulgando a teologia da prosperidade. Ele tem sido um dos grandes incentivadores da disseminação da confissão positiva. Jerônimo denomina "cultura da miséria" a postura das igrejas que não incentivam seus fiéis na busca pela riqueza. Ele desabafa:

Chega de comer frango só aos domingos.

Chega de dormir com cobertor velho e rasgado.

Chega de usar dentadura colada com durepox.

Chega de usar roupas rasgadas e sapatos furados.

Chega de escova de dente estraçalhada.

Chega de carro fundindo o motor.

Chega de casa sem acabamento e com goteiras.

Chega de comprar quilinhos de mantimentos.

Chega de guardar o melhor e usar o pior.

Chega de comprar o pior.

Chega de ser analfabeto.

Chega de televisão preto e branco.

Chega de cheque sem fundo e nome protestado.

Chega de agiotas e gerentes de bancos.

Chega de geladeira e fogão velhos.

Chega de cama quebrada e colchão remendado.

Chega de dívidas e de passar necessidades.

Chega de telefone, água e luz cortados.

Chega de reformar coisas velhas.

Chega de comprar fiado e pagar aluguel.

Chega de receber salário mínimo.

Enfim, Deus! Nos livra do pior. É hora do melhor (sic).[135]

O tom de “chega” de sofrimento, miséria e doença de Jerônimo da Silveira encontra eco na Igreja Universal do Reino de Deus. A manchete de primeira página de uma das edições da Folha universal dizia: “Campanha promove revolta santa na Igreja Universal”. O texto do artigo afirmava:

A pessoa que está no desespero, passando por uma situação crítica em sua vida, seja de ordem econômica, sentimental ou

física, tem que se revoltar. Para ser um vencedor, a primeira coisa que precisa haver dentro de você é essa revolta. Se você não se revoltar contra essa situação na qual se encontra, nunca vai sair dela. Você não pode aceitar o fato de crer em um Deus vivo, grande e poderoso, e levar uma vida mesquinha e miserável. Somente quando estamos revoltados é que encontramos forças para lutar, ficamos valentes e vencemos. Quando você começar a se revoltar contra o espírito que causa a situação, vai obter a vitória, porque o fato de ser cristão e frequentar a igreja não basta. Se você não se revoltar, jamais será um conquistador – finalizou o bispo, enérgico. [136]

A “teologia do hinário”, mencionada por McAlister, e a tentativa de combinar dinheiro e fé têm precedentes antigos na história. Segundo Riolando Azzi,[137] os descobridores e os colonizadores do Brasil conseguiram dar a seus empreendimentos um caráter religioso e espiritual: a salvação dos infiéis. Entretanto, por trás dessa fachada piedosa, agiam verdadeiras empresas em busca de ouro, especiarias e

escravos. O próprio chefe da Igreja oficializava a expansão comercial como um empreendimento espiritual.

Até mesmo os holandeses chegaram ao Novo Mundo não movidos por interesses religiosos, mas financeiros. O Novo Mundo passou a ser uma terra tratada com desprezo e desrespeito, pois para cá eram transportadas as pessoas desprezadas da metrópole, como os degredados de Portugal e uma grande quantidade de negros trazidos à força.

Azzi traça um paralelo entre a conquista das Américas e a Europa do século V ao século X, quando o Velho Continente sofreu
frequentes invasões dos bárbaros, o que trouxe medo e prejuízos para a lavoura e o êxodo da população.

Com a colonização luso-brasileira, a terra passa a ser um lugar de sofrimento e de desterro. Aqui são introduzidos os conceitos do pensamento neoplatônico (a superioridade do elemento espiritual sobre o material) e do pensamento maniqueísta (uma distinção e oposição radicais entre o espírito e a matéria).

Também na teologia agostiniana do desterro as coisas materiais são vistas como obstáculo para o desenvolvimento e a libertação espirituais. A fim de reforçar seu argumento, Azzi cita a oração medieval intitulada Salve rainha, na qual os seres humanos são vistos como os “degredados filhos de Eva” que vivem “gemendo e chorando neste vale de lágrimas”. Não é

possível ser feliz neste mundo. É preciso aguardar a outra vida para desfrutar da felicidade.

O neopentecostalismo – e, dentro dele, a teologia da prosperidade – chega para propor exatamente o contrário. Não é possível esperar apenas a felicidade futura. Ela deve ser buscada aqui e agora. O vale de lágrimas deve ser transformado em vale de abundância, saúde e sucesso. R. R. Soares admite ser essa sua mensagem.

(…) Prefiro que digam que eu prego o evangelho da prosperidade, pois, na verdade, esse é o evangelho que eu propago. Sabemos que a palavra Evangelho significa "Boas novas". Então, ensino as Boas novas da prosperidade, saúde, santidade e do sucesso completo em Cristo Jesus (…).[138]

Eu não conheço teologia da prosperidade. Eu conheço o verdadeiro Evangelho. Agora, eu prego a prosperidade. Prefiro mil vezes pregar teologia chamada "da prosperidade" do que teologia do pecado, da mentira, da derrota, do sofrimento. O cidadão fala que é de Deus e fica com o aluguel atrasado, com a barriga vazia, mexendo com a mulher dos outros, sem santificação. Quando chega no fundo, aponta o dedo e fala que os que pregam prosperidade são do diabo. A teologia da prosperidade, pelo que se fala por aí, eu bato palmas. Não creio na miséria. Essa história é conversa de derrotados. São tudo (sic) um bando de fracassados, cujas igrejas são um verdadeiro fracasso. Chega lá, tem meia dúzia de pessoas para

ouvir. Não tem um deles com vida santificada, ao pé do altar, que seja cheio do Espírito.[139]

À luz das Escrituras, não é errado o cristão procurar enriquecer ou buscar a prosperidade financeira. Deve-se mesmo orar pelo pão de cada dia (não é de cada ano, pois Jesus não ensinou acúmulo de bens materiais), por um emprego melhor, por uma casa e um carro melhores e várias outras coisas que são bênçãos que acompanham a salvação. Tudo isso é válido. Entretanto, o dinheiro pode ser um ótimo empregado, mas nunca será um bom patrão. Se o cristão souber controlar ou administrar, com sabedoria e equilíbrio, o dinheiro que lhe chegar às mãos, vai ser uma bênção. No entanto, se for controlado por ele, será certamente uma tragédia.

Além disso, nem todo cristão tem estrutura para administrar uma grande soma de dinheiro. Há muitos exemplos disso. Então, o melhor

é viver não na miséria, mas na dependência de Deus, que sabe cuidar muito bem de seus filhos. As palavras de Jesus sobre isso descritas em
Mateus 6:33 são fidedignas. Portanto, os bens materiais não devem constituir a prioridade número um na vida do cristão, mas sim o crescer no conhecimento de Deus, de sua Palavra, na comunhão de seu Espírito Santo, servindo o Corpo de Cristo e desenvolvendo intimidade com ele. Não existe riqueza maior que essa.

AS FORÇAS DO MAL

A partir da década de 1980, grande parte da Igreja evangélica passou a ser fascinada pelo mal e pelas formas de combatê-lo. Vários ministérios centrados na batalha espiritual, na cura interior[140] e na libertação foram eclodindo em diferentes lugares e denominações no Brasil. O diabo tem seu lugar garantido no culto, pois é o causador do fracasso, da doença, da miséria, dos vícios, do adultério e dos desentendimentos entre o casal.

O próprio contexto religioso brasileiro, como dissemos, favorece a ênfase que muitas igrejas neopentecostais dão ao tema. O Brasil é um país místico, obcecado com o sobrenatural. Fazem parte do dia a dia do brasileiro expressões como “axé”, “meu santo é forte”, “exu”, “encosto”, “capeta”, “macumba”, “olho gordo” e um vasto vocabulário que revela a superstição reinante em todo o país.

Somemos a isso outros quesitos, como a deficiência no atendimento público hospitalar, o alto índice de desemprego, a violência,

a corrupção e a inadimplência, e teremos um quadro propício para a propagação do misticismo. A busca por uma solução mágica ou
sobrenatural passa a ser, para muitos, a única saída. Assim, o sucesso é garantido para os que pregam o miraculoso, a solução imediata dos problemas e a vitória sobre toda sorte de

mal. Não faltarão clientes em busca de tais produtos, já que a demanda é enorme e constante.

No pacote da batalha contra o mal veio a chamada “quebra de maldições hereditárias”, uma doutrina que ensina que as adversidades, os pecados e as enfermidades na vida da pessoa provêm dos pecados de seus antepassados.

Se alguém (isto inclui todos os cristãos, mesmo pastores) enfrenta problemas com adultério, alcoolismo, nervosismo, depressão, casos de miséria, divórcio, suicídio, câncer, diabetes, obesidade, alergia ou doença do coração é porque algum de seus ancestrais, independentemente de geração, praticou aquele pecado, sofreu aquela enfermidade ou viveu aquela experiência e a transmitiu a seus descendentes. Tudo o que a pessoa deve fazer é orar para que Deus lhe revele qual geração do passado afeta sua vida hoje e então deve pedir perdão por ela para que o mal seja banido.[141]

Mas é o binômio dinheiro/diabo que ocupa a maior parte da liturgia neopentecostal. As expressões “maldição hereditária”, “encosto”, “macumba” ou “estar no fundo do poço” servem para rotular os males corriqueiros da vida.

De acordo com os pregadores da prosperidade, existe uma forma de o fiel obter a bênção e ter uma vida de vitória: fazer uma “campanha de sete dias” ou passar pela “seção de descarrego”. Se o alvo do
novo adepto não for alcançado, deve passar pela “seção do

descarrego especial", pela "seção de cura interior" em seus diferentes níveis e assim por diante. Com isso, o vínculo entre o fiel e a igreja vai sendo consolidado, estabelecendo-se a relação de dependência.

O bispo Macedo acredita que a maioria dos casos de pessoas viciadas em tóxicos, bebidas alcoólicas, cigarro ou jogo tem como responsável o "exu Zé Pelintra", "Malandrinho" ou outro dessa casta. Prostitutas, homossexuais e lésbicas sempre são possuídos por pombas-giras ("Maria Molambo"" etc.). Já os responsáveis pela bancarrota e desgraça de alguém são os "exus do lodo", "da vala", entre outros.[142]

Segundo R. R. Soares, o poder das entidades malignas vai além de causar doenças. Elas atuam também na área financeira, no casamento e na vida profissional.

Quem previu que o neopentecostalismo brasileiro buscaria, ao longo dos anos, polir sua mensagem e o equilíbrio pastoral e doutrinário como outras denominações pentecostais o fazem viu seus vaticínios frustrados. A mensagem neopentecostal, principalmente da IURD, torna-se cada vez mais agressiva, [143] os horários na mídia se multiplicam e os apelos por dinheiro são cada vez mais requintados e ousados.

As igrejas neopentecostais de vanguarda fizeram escola. São muitas, algumas com uma vida histórica já construída e outras que vão surgindo que reverberam suas crenças, empregam suas práticas, distribuem os mesmos símbolos ou objetos e

exorcizam as mesmas
entidades espirituais. Assim, saúde, dinheiro e diabo têm, na agenda do neopentecostalismo, pelo menos em médio prazo, um futuro garantido.

5 Capítulo
A hermenêutica

Ainda não aconteceu na trajetória histórica do pentecostalismo a conciliação entre hermenêutica e kerigma. Boa parcela do movimento não se preocupa com a interpretação científica do texto bíblico e com as ferramentas necessárias à hermenêutica. Ao longo das décadas, o pentecostalismo brasileiro até mostrou certa ojeriza pela educação.[144]

Presbiterianos e metodistas investem há muito tempo na educação. A Assembleia de Deus, a maior denominação evangélica do país, vem investindo em educação nos últimos anos. Quando nos referimos à Congregação Cristã no Brasil, a mais antiga denominação pentecostal brasileira, a situação é mais grave. Ela nunca estimulou o conhecimento teológico.

No neopentecostalismo, a Igreja Universal do Reino de Deus também não nutre simpatia pela educação teológica:

O religioso tenta explicar Deus; o cristão, compreendê-lo. Através da tentativa de explicá-lo, surgiu a teologia, que

abrange vários ramos, a saber: dogmática, moral, ascética, mística, sistemática, exegética, pastoral e outros.

Todas as formas e todos os ramos da teologia são fúteis; não passam de emaranhados de ideias que nada dizem ao inculto, confundem os simples e iludem os sábios. Nada acrescentam à fé e nada fazem pelos homens, a não ser aumentar sua capacidade de discutir e discordar entre si.[145]

É dito que o termo "hermenêutica" originou-se do nome Hermes, um deus da mitologia grega. Sua função era transmitir aos humanos mensagens dos deuses. O termo designa a ciência e a arte de interpretação. A. Berkeley Mickelsen explica que "o verbo grego ἑrmhneύw significa 'interpretar' ou 'explicar'. O substantivo grego (ἑrmhneía) significa 'interpretação', 'explicação'".

A interpretação da palavra, tanto no grego quanto no uso técnico contemporâneo, está relacionada com o significado. Como disciplina, ela é importante porque o significado mantém relação com o âmago do pensamento humano.

A necessidade de interpretação não é peculiar às Escrituras. Qualquer documento, antigo ou moderno, precisa ser interpretado (…). Os filósofos sempre debatem o que Platão, Aristóteles ou Kant queriam dizer com certas frases ou alegações. O arqueólogo que cuidadosamente examina um texto religioso dos rolos do Mar Morto sempre encontra declarações que o deixam perplexo, e ele precisa usar todos os

princípios e habilidades que conhece para, pelo menos, alcançar uma conclusão aproximada do significado. Quaisquer que sejam os documentos, o intérprete deve ser cuidadoso para não distorcer

o significado. Tal cuidado é exigido, especialmente, na interpretação das Escrituras, pois elas contêm não apenas história, provérbios, pessoas e instituições, mas a própria mensagem ou revelação de Deus (…). A história mostra que a utilização de princípios errados prejudicou o trabalho exegético de grandes homens, alguns dos quais foram santos extraordinários. Este fato deve servir de alerta para nós contra a interpretação descuidada. Temos ainda menos desculpas pelo fato de podermos aprender com as lições da passado. [146]

Para Walter J. Hollenweger, há várias questões cruciais que continuam a desafiar os pentecostais: as missiológicas, as de sinais e maravilhas, as de eclesiologia e de hermenêutica, a perda da visão ecumênica, a classe média pentecostal emergente e um modelo bíblico para evangelismo.[147]

Vejamos a resposta de Hollenweger para a questão relativa à correta interpretação das Escrituras, ao tratar da hermenêutica pentecostal:

A maioria dos crentes pentecostais responderia: toda crente interpreta, pois a Escritura é clara em si mesma. Esta foi

também – como sabemos – a posição dos reformadores, até que descobriram que respostas diferentes eram encontradas. Assim, as confissões de fé foram introduzidas nas igrejas da Reforma e nas igrejas pentecostais. Mas tais confissões não resolveram o problema para os leitores bíblicos pentecostais

– eles ainda chegam a diferentes conclusões entre si (…). Há muitas posições pentecostais diferentes sobre a Igreja, sobre o Espírito, sobre ética, sobre política, sobre glossolalia e até mesmo sobre o batismo do Espírito Santo – o coração da espiritualidade pentecostal. Por que os crentes bona fide chegam a diferentes conclusões sobre o significado das Escrituras? Além disso, o que faremos se elas dizem diferentes coisas em diferentes lugares: por exemplo, sobre o Espírito, sobre a Igreja, sobre a cristologia e assim por diante? E quanto àquelas questões importantes sobre as quais as Escrituras silenciam, por exemplo, sobre todas as atividades da "religião civil" (sepultamentos, casamentos e assim por diante), sem falar nas muitas questões éticas de nosso tempo moderno? Essas questões têm levado vários acadêmicos pentecostais a abrir o debate sobre a hermenêutica.[148]

De acordo com Hollenweger, Gordon Fee foi um dos primeiros a inserir a hermenêutica na agenda pentecostal. Ele foi ordenado ministro da Assembleia de Deus em 1959 e atuou como professor de Novo Testamento no Seminário Teológico Gordon-Conwell, em Boston, nos Estados Unidos. Atualmente é professor de Novo Testamento no Regent

College, em Vancouver, no Canadá.

Fee também é membro da comissão executiva americana do Projeto Internacional de Grego do Novo Testamento. Hollenweger relata que, na segunda conferência anual da Society for Pentecostal Studies [Sociedade para Estudos Pentecostais], Gordon

Fee chocou o auditório ao expor, sem clemência, as deficiências da hermenêutica pentecostal:

Duas observações deveriam ser feitas sobre a hermenêutica dentro do movimento pentecostal tradicional. A primeira é sua atitude para com as Escrituras, que tem revelado sistematicamente desprezo geral pela exegese científica e pela hermenêutica refletida com cuidado. Na verdade, a hermenêutica simplesmente não tem sido algo pentecostal. As Escrituras são a Palavra de Deus, e devem ser obedecidas. Em vez da hermenêutica científica, desenvolveu-se uma espécie de hermenêutica pragmática – obedece ao que pode ser tomado, literalmente: "Espiritualize, alegorize e devocionalize o restante" (…). A segunda, provavelmente justa e importante, é observar que, em geral, a experiência dos pentecostais tem precedido sua hermenêutica. Num certo sentido, o pentecostal tende a fazer exegese com base em sua experiência.[149]

Embora Fee estivesse se dirigindo a um auditório na América do Norte, suas palavras se encaixam adequadamente no

contexto brasileiro. Edir Macedo, por exemplo, vê a Bíblia como um livro de experiências:

Poder-se-ia dizer que vemos, no Antigo Testamento, a experiência religiosa de um povo, Israel; nos evangelhos, a experiência religiosa de Jesus; nos Atos, a experiência religiosa dos apóstolos; e nas Epístolas, a experiência religiosa da Igreja. O Livro de Apocalipse seria, então, o último capítulo da experiência religiosa da humanidade.[150]

Em muitas igrejas neopentecostais, a Bíblia perde espaço para a experiência. Ela assume um papel secundário:

Ironicamente, o neopentecostalismo se desenvolveu no chamado campo antiliberal, conservador e fundamentalista dos Estados Unidos, mas é ele que abriga as mais estranhas formulações teológicas, que tem como resultado a subordinação das Escrituras à experiência e a relegação da Bíblia a uma posição de fonte secundária de conhecimento. Pode-se dizer: "Mas nenhum neopentecostal afirmará que a Bíblia é fonte secundária". (…) no pentecostalismo, houve uma guinada salutar, nos últimos anos, exatamente porque não conseguiram deixar que as experiências suplantassem a Palavra escriturada. Assim, muitos retroagiram de certos exageros exatamente pelo amor à Palavra – ela termina falando mais alto, junto com o testemunho do Espírito nos corações. Mas no neopentecostalismo – inclusive nos seus enclaves nas denominações históricas –, por mais que seus integrantes se declarem defensores das Escrituras, a

importância atribuída aos fenômenos, maravilhas e novas revelações os empurrarão à incômoda consequência prática de terem na Bíblia a sua "fonte secundária" do conhecimento. [151]

Ainda que tenhamos de reconhecer vários aspectos positivos no movimento neopentecostal – as conversões, as transformações morais e espirituais das pessoas, a alegria e o entusiasmo com que passam a assumir suas responsabilidades cristãs para com a família e a igreja local –, as preocupações com o movimento existem:

Não podemos negar, muito menos nos opor, aos resultados positivos do movimento. Louvamos ao Senhor por esses resultados. Mas, ao mesmo tempo, reconhecemos que, de modo geral, a principal preocupação é enfatizar mais a experiência que a teologia. Nesse movimento, as emoções têm exercido o papel mais importante. A tendência geral tem sido enfatizar as experiências, em vez do conhecimento das Escrituras. Existe consequentemente o perigo do subjetivismo. A voz interior do coração fala mais alto que a voz externa da Palavra de Deus.[152]

Sem os ditames da hermenêutica, o neopentecostalismo concede a seus arautos a livre interpretação do texto bíblico, o surgimento de novidades doutrinárias, além de promover a criatividade para levantar fundos e novas técnicas de persuasão na busca de mais adeptos.

As campanhas semanais, os cultos “de libertação”, “da vitória”, “da conquista” e “da prosperidade” se multiplicam na disputa por fiéis. Tudo isso dirigido a um público despreocupado também com as regras de interpretação bíblica, pouco afinado com a reflexão, mas em uma busca constante e intensa de solução. Os pregadores farão tudo para atrair seus “clientes”, muito disputados hoje em dia no mercado evangélico.

A ÊNFASE NO ANTIGO TESTAMENTO

Uma das características da pregação neopentecostal é a enorme dependência de textos e personagens do Antigo Testamento. Um dos textos mais populares é o de Malaquias 3:10: “Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa;

e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós bênção sem medida”. Nada a estranhar, haja vista a tônica da teologia da prosperidade.

A “Campanha dos 318 pastores” da IURD está calcada em Gênesis 14:14-16, que relata o socorro prestado por Abraão a seu parente Ló, feito prisioneiro por reis inimigos.

Quando Abrão ouviu que seu parente fora levado prisioneiro, mandou convocar os trezentos e dezoito homens treinados, nascidos em sua casa, e saiu em perseguição aos inimigos até

Dã. Atacou-os durante a noite em grupos, e assim os derrotou, perseguindo-os até Hobá, ao norte de Damasco. Recuperou todos os bens e trouxe de volta seu parente Ló com tudo o que possuía, com as mulheres e o restante dos prisioneiros.

Leonildo Campos observa que o livro Aliança com Deus, de autoria de Edir Macedo, o bispo "cita 38 trechos das escrituras judaicas contra apenas dois das escrituras cristãs, o que equivale a um índice de apenas 5% de citações de um, contra 95% do outro".[153]

Em 2003 a Igreja Universal do Reino de Deus anunciou mais uma novidade ao público: a celebração em todas suas igrejas da "Festa anual da libertação do Egito espiritual". A comemoração está relacionada com a primeira páscoa celebrada pelo povo de Israel, quando de sua saída do Egito, conforme relatada em Êxodo 12:8: "Naquela mesma noite comerão a carne assada no fogo, com ervas amargas e pão sem fermento". A festa ocorre anualmente, no terceiro domingo de agosto.

O motivo da festividade será a lembrança da libertação do

povo de todas as mazelas espirituais e físicas, tal qual fizeram os filhos de Israel ao comemorarem sua libertação do jugo egípcio. Neste dia serão servidos pães sem fermento, com ervas amargas (…). A data tem um caráter festivo, com muita música, dança e louvores a Deus. "Este dia caracteriza a

diferença na vida daqueles que tiveram um encontro com o Salvador e daqueles que ainda não o conhecem. Todos estão convidados para este dia, principalmente aqueles que se sentem fracos, deprimidos e longe da presença do Senhor Jesus", explicou o bispo Macedo. Todas as igrejas Universal, no Brasil e no exterior, estão se preparando para esta grande festa que, com certeza, trará um grande avivamento, principalmente àqueles que se encontram abatidos e oprimidos devido aos problemas vividos. É grande a expectativa para o evento que, pela primeira vez, estará acontecendo na IURD, pois com certeza ficará marcado no coração de todos.[154]

Na mesma linha, a Igreja Renascer anunciou o ano de 2002 como o "Ano de Calebe", com base em Josué 14:7-15, que relata a disposição de Calebe, aos 85 anos de idade, para conquistar as terras que lhe foram prometidas por Moisés. O objetivo era anunciar que o Senhor faria de 2002 o ano das conquistas, das realizações e das promessas.[155]

As programações da Renascer trazem muitas expressões e personagens do Antigo Testamento: "jejum de Gideão", "jejum de Calebe", "campanha das dez bênçãos de Abraão", "jejum dos Salmos de Guerra", "jejum Obede-Edom" e "jejum Moabitas".

O membro ou simpatizante da Renascer pode se tornar um "gideão da conquista" se ajudar a manter as obras assistenciais da Fundação Renascer.[156]

SÍMBOLOS, PONTOS DE CONTATO E EXPERIÊNCIAS

Muitos pregadores do neopentecostalismo não dependem apenas do Antigo Testamento, mas também do emprego de grande variedade de símbolos e objetos na proclamação de sua mensagem. Usam-se enxofre, óleo ungido, rosa ungida, "fogueira santa de Israel", sal grosso e copo d'água em cima do rádio ou da TV. Esses e outros símbolos são usados em geral para estimular os fiéis a contribuir financeiramente.

[As igrejas] Universal e Internacional da Graça, indiferentes às críticas dos demais evangélicos, distribuem aos fiéis objetos ungidos dotados de poderes mágicos ou miraculosos, ato que mais uma vez se aproxima de crenças e práticas dos cultos afro-brasileiros e do catolicismo popular (…). Depois de ungidos, os objetos são apresentados aos fiéis como imbuídos de poder para resolver problemas específicos, em rituais diversificados e inventivos, tendo por referência qualquer passagem ou personagem bíblico. Dotados de funções e qualidades terapêuticas, servem para curar doenças, libertar de vícios, fazer prosperar, resolver problemas de emprego, afetivos e emocionais. Não encerram caráter meramente simbólico, como alegam os pastores quando inquiridos pela imprensa e por outros interlocutores. Para os fiéis, cujos parcos recursos são desembolsados em

troca de bênçãos nas correntes de oração das quais participam dias ou semanas ininterruptamente, tais objetos, pelos quais esperam ter seus pedidos atendidos, contêm uma centelha do

poder divino (…). Sua capacidade de diversificar o repertório simbólico parece inesgotável. Daí encontrarmos correntes de Jó, de Davi, do tapete vermelho, dos 12 apóstolos, do nome de Jesus, da mesa branca, do amor, das 91 portas, campanha do cheque da abundância, vigília da vitória sobre o Diabo, semana da fé total.[157]

Outros grupos passaram a clonar a IURD, fabricando símbolos e objetos supostamente com poderes sobrenaturais, na tentativa de atrair as pessoas e mantê-las na igreja: tapete ungido, corrente das sete orações, cálice da libertação, corrente da saúde, reunião do fechamento do corpo, entre outros.[158]

Essas práticas demonstram que o neopentecostalismo não só interpreta livremente a Bíblia como cria com rapidez. Campanhas, propagandas, objetos e símbolos são renovados quase semanalmente, distanciando-se cada vez mais de suas raízes no pentecostalismo tradicional.

O pentecostalismo anterior já democratizara a palavra por meio das línguas e profecias, mas hesitou em recuperar os outros sentidos. A IURD, porém, quebra a dependência protestante da palavra, fazendo amplo uso da visão, do tato e dos gestos:

- O tapete ungido. Receba o tapete ungido para ajoelhar. Coloque nele os nomes de seus queridos e venha formar conosco a poderosa Corrente de Orações Intercessórias

pela Família. Deus é maior que seus problemas. Distribuição do óleo consagrado no Monte Sinai – Getsêmani, Monte das Bem-Aventuranças. Deus varrerá sua casa com vassoura de fogo. Proteção do Lar com Muralhas de Fogo.

- Determinação. Venha determinar a realização de seus sonhos, ideais, projetos, visões. Decretar: a cura das emoções, cura física, saúde mental. Venha receber a unção com mirra e tocar nas "águas que saram".
- A hora da virada. Pela primeira vez no Brasil. Cassinos, Loto, Tele-Sena, Loteria Esportiva, Papa-Tudo, Azulzinha, Telesorte, Jogo de Bicho, Bingos, *etc.* Por que eu não tenho sorte com esses jogos? Por que eu nunca ganhei? Você não pode perder a grande Reunião da Virada. Deus entraria no jogo para mudar minha sorte? Sim ou Não? Venha descobrir como Deus pode te ajudar.

A justificativa do uso de tais recursos é parecida com a da Igreja Católica. Segundo um pastor, as pessoas precisam deles como incentivo à fé, mas o que resolve é a fé.[159]

Macedo chama esses artifícios de "pontos de contato". Desde o princípio, a IURD os vem criando, recriando repetindo e usando com muito sucesso. O bispo explica o que são e para que servem:

Pontos de contato são elementos usados para despertar a fé das pessoas, de modo que elas tenham acesso a uma resposta de

Deus para seus anseios. Muitas pessoas têm dificuldade para colocar sua fé em prática, por isso precisam de pontos de contato, que podem ser o óleo de unção, a água, a rosa e outros elementos. Esses objetos não têm poderes em si mesmos, mas despertam o coração e as mentes das pessoas para a realidade de que o Senhor está presente para abençoá-las. Quando as pessoas amadurecem espiritualmente, tendem a não depender tanto dos pontos de contato como no início de sua caminhada cristã. Entendem que o poder está no Senhor Jesus Cristo e na ação do seu Espírito.[160]

Quando questionado sobre a base bíblica para a recomendação que se faz pela TV para o uso do copo d'água no momento da oração, Soares respondeu:

Em minhas reuniões, por várias vezes, tenho falado da liberdade que nós temos em nossa fé. Se o macumbeiro pode amaldiçoar um alimento, e quem dele fizer uso, se não estiver firme na fé em Cristo, certamente será afetado, então por que o cristão não pode abençoar um alimento, uma roupa ou um copo de água? Agora, responda-me: quem disse ao profeta Eliseu que ele deveria jogar sal nas águas de Jericó para que elas se tornassem potáveis (2 Rs 2:21,22)? Certamente, foi Aquele que nos inspira a abençoar uma peça de roupa ou um alimento, o que você diz?[161]

Em 1997 a Comissão Permanente de Doutrina da Igreja Presbiteriana do Brasil publicou um livro para orientar seus

fiéis sobre a hermenêutica do neopentecostalismo, mais especificamente da Igreja Universal do Reino de Deus. A preocupação dos autores era principalmente com o uso de símbolos e tipos, o espaço da experiência na vida cristã e o papel de personagens bíblicos para os dias de hoje.

O método de interpretação das Escrituras utilizado por bispos e pastores da IURD consiste, em geral, numa atualização ou transposição das experiências religiosas de personagens bíblicos para os dias atuais. Isto ocorre em virtude do que entendem ser a Bíblia. Macedo não parece ver a Bíblia como a revelação proposicional de Deus, mas como um livro de experiências religiosas, que começa com Israel, no Velho Testamento, e termina com a humanidade, em Apocalipse, experiências essas que podem ser repetidas nos mesmos moldes, nos dias atuais.

Assim, a repetição ou reencenação de episódios e eventos bíblicos é utilizada como ferramenta hermenêutica, que lhes permite usar as Escrituras como base da sua prática. Nesta tentativa de repetir os episódios bíblicos, existe uma grande dose de alegorização dos textos bíblicos e total desrespeito pelo contexto histórico dos mesmos, bem como a falta de distinção entre o que é descritivo na Bíblia e o que é normativo para as experiências dos cristãos.

Por exemplo, assim como Noé fez uma aliança com Deus, podemos nós também fazê-la. Assim como Josué cercou as muralhas de Jericó e ao som das trombetas elas caíram, assim

podemos cercar as muralhas das dificuldades e problemas e derrubá-las em nome de Jesus (usando uma trombeta de plástico e uma muralha de isopor). A vara que Moisés usou, o cajado de Jacó, os aventais de Paulo – todas essas coisas e muitas outras tiradas das histórias bíblicas se tornam tipos da utilização de apetrechos semelhantes, aos quais é atribuído (apesar de negações em contrário) algum valor espiritual na resolução dos problemas.[162]

Nessa mesma linha, Leonildo Campos acrescenta um comentário sobre a IURD:

A ênfase nos símbolos, metáforas e alegorias levou essa igreja a se distanciar do fundamentalismo protestante e de sua leitura literal da Bíblia. Esse livro, central para protestantes e pentecostais tradicionais, pareceu-nos ocupar um lugar secundário em toda dramatização iurdiana, justamente porque, para seus pastores, a Bíblia é muito mais um depósito de símbolos, alegorias e de cenas dramáticas, ou até um amuleto para exorcizar demônios e curar enfermos, do que a "Palavra de Deus", encarada por outros grupos protestantes como "regra única de fé e prática", e para fundamentalistas, "regra infalível".[163]

Tais temas, importantes para a religiosidade neopentecostal, não são tratados de acordo com a Palavra de Deus. A Bíblia tem muito a dizer sobre doença, demônios, dinheiro, riquezas, vitórias, tentações, lutas e adversidades. E são essas situações que tocam a vida do ser humano em seu dia a dia. Entretanto,

no neopentecostalismo, tais assuntos são trazidos à tona apenas do ponto de vista do marketing, e não das Escrituras.

6 Capítulo
A liturgia

Os cultos neopentecostais introduziram uma liturgia mais aberta e alegre, com o uso das palmas, o levantar dos braços, danças e coreografias. Quase todas as igrejas neopentecostais abandonaram os hinários tradicionais em prol das músicas do mercado evangélico, a chamada "música gospel", surgida na década de 1980, que introduz ritmos como o rock e o funk. [164]

A mudança, contudo, não foi apenas rítmica. Enquanto os hinos tradicionais do pentecostalismo apregoam mensagens de abnegação e busca da felicidade após a morte, de exaltação do sofrimento e de condenação dos prazeres do mundo, as músicas entoadas nos cultos neopentecostais incentivam a busca dos bens materiais e da felicidade terrena.

O movimento neopentecostal também introduziu na liturgia uma série de práticas e doutrinas novas, como mapeamento espiritual, cura interior com regressão, um modelo de crescimento de igrejas denominado G-12,[165] espíritos territoriais, cair no espírito, gargalhada sagrada e dentes de ouro.[166]

Michael Moriarty pesquisou o neopentecostalismo norte-

americano e observou as seguintes características do movimento, muito parecidas com as do contexto brasileiro:

- Sensacionalismo. A mensagem do evangelho é subvertida por alegações de curas bizarras e anúncios exagerados de intervenção sobrenatural.
- Culto à personalidade. Jesus Cristo não é o foco das reuniões de avivamento; ao contrário, a pessoa que realiza o "milagre" constitui o centro das atenções.
- Pontos de vista exagerados de libertação. Os pregadores erradamente apresentam as doenças como resultado de atividades demoníacas, fazem anúncios abusivos de curas milagrosas que, alegam, ocorreram em seus ministérios.
- Levantamentos escandalosos de fundos. São usadas técnicas ardilosas e manipulações proféticas mediante a introdução de frases como "Deus me falou que você tem de apoiar este ministério", o que caracteriza uma forma sutil de chantagem religiosa.
- Fé enganosa. Os avivalistas assemelham a fé a uma força com a qual os crentes podem mover Deus para fazer o que eles desejam. Esse tipo de teologia da fé parece despersonalizar Deus, pois ele é tratado como uma força cuja vontade é subserviente aos apelos de cristãos zelosos.
- Excessiva preocupação com Satanás e seus demônios. [O diabo e seus demônios são os grandes trunfos do neopentecostalismo. Grande parte do culto é dedicada a combater os maus espíritos, responsabilizados por tudo o que é ruim].

- Novas revelações como meio de obter verdade espiritual.
- Crescente desconfiança do raciocínio para obter ou avaliar verdades espirituais: A mente deve ser desviada (reino natural) para que o espírito do homem possa receber informações puras de Deus (reino espiritual) (colchetes do autor).[167]

Os testemunhos também estão constantemente presentes nos cultos. Trata-se de prática utilizada com o intuito de encorajar os novos adeptos ou os adeptos em potencial a permanecerem no sistema.

Em geral, os testemunhos mostram pessoas que superaram adversidades ou sofrimentos provavelmente muito semelhantes aos problemas dos ouvintes. São casos de cura de dependência alcoólica e de enfermidades, de obtenção de bons empregos, de volta do cônjuge ao lar, de compra de casa própria ou de vitória de causa impetrada na justiça devido à participação em campanhas ou vigílias promovidas na igreja. Há também aqueles que já estavam "no fundo do poço" e deram "a volta por cima".

Nesse clima de tanta euforia, celebração e comemoração pelas bênçãos alcançadas, o novo adepto não sentirá dificuldade em se adaptar, pois, conforme o prometido, ele tem muito a ganhar.

As manifestações de dons espirituais são constantes em muitas igrejas, exceto pelo dom de profecia, que não é bem-

vindo na maioria delas, como na Universal, por exemplo. Isso talvez se deva ao fato de que esse dom concede ao cristão a capacidade de "transmitir uma palavra ou revelação diretamente de Deus, sob o impulso do Espírito Santo"[168] (cf. 1 Co 14.24-25, 29-31). "O porta-voz de Deus" no culto é o pastor, não os fiéis.

A prosperidade é altamente enfatizada nos cultos. Muitas igrejas promovem cultos específicos para esse fim. Apesar de ser forte e estar presente em todos os cultos das igrejas neopentecostais, o apelo

financeiro nem sempre é tão contundente. Na Igreja da Graça, por exemplo, ele é mais sutil.

Embora a repercussão não seja das melhores, o neopentecostalismo fez escola. Igrejas não pertencentes ao movimento clonaram suas práticas litúrgicas de proselitismo e de arrecadação financeira. É o caso de várias igrejas da Assembleia de Deus e de alguns grupos considerados tradicionais, que passaram a realizar o "culto da libertação", o "culto dos empresários" e o "culto da prosperidade", prática antes impensada no modelo tradicional.

LITURGIA E CULTO NA IGREJA DA GRAÇA

Diferentemente da Igreja Universal do Reino de Deus, que explora as imagens de exorcismo em suas programações de TV, a Igreja da Graça nunca mostra um ritual de exorcismo na

mídia. Embora, segundo seu assessor, Eber Cocareli, R. R. Soares esteja familiarizado com o processo de exorcismo, recusa-se a lançar mão desse recurso visando a evitar a desnecessária exposição da pessoa.

A exemplo da Universal, a Igreja da Graça também faz consideráveis restrições à prática dos dons espirituais. Enquanto na maioria das igrejas pentecostais são constantes as manifestações dos dons espirituais de profecia e de glossolalia e sua interpretação, na igreja de R. R. Soares o dom de profecia é totalmente ausente e o de glossolalia não é estimulado. Há manifestações de oração em línguas, mas sem interpretações, nos cultos de Santa Ceia ou durante algumas ministrações, e apenas manifestada por Soares ou os pastores.

A única profecia admitida é a proferida na mensagem, o que Soares chama "revelação", e que somente o pastor está autorizado a proferir. Soares costuma ser cuidadoso quanto ao dom de profecia devido aos abusos que ocorrem. Ele se tornou bastante resistente no que diz respeito a revelações, e quando ocorrem, estão sempre ligadas a um processo de cura.

O culto, denominado "Show da fé", é em geral bastante concorrido, especialmente quando dirigido pelo missionário. Durante o culto, os obreiros, identificados com crachás, circulam pelo ambiente para orientar as pessoas e manter a ordem no templo. Quase não há interação social entre os presentes, exceto por algum momento em que o dirigente estimula as pessoas a se cumprimentarem.

A música, em geral, é dirigida por algum grupo mais proeminente na mídia evangélica. Os programas de TV da Igreja da Graça funcionam como vitrine para os famosos do mundo evangélico que por ali passam.

A ênfase da mensagem procura transmitir aos fiéis uma palavra de ânimo e fé. Cada parte do culto busca envolver os presentes em um clima de expectativa. A "Novela da vida real", por exemplo, apresenta um tema sobre o qual alguém dará um testemunho de vitória. A história apresenta o problema e como ele foi resolvido durante uma pregação ou oração.

Em geral, a pessoa cuja história é dramatizada está presente no culto. Soares costuma apresentá-la, permitindo-lhe enriquecer o testemunho com mais detalhes. A reação da plateia é entusiástica.

Os próximos passos são: novos apelos por patrocinadores e o quadro de perguntas. As pessoas aparecem no vídeo fazendo perguntas ao missionário, que geralmente responde de forma simples e sucinta.

Durante o culto, Soares também faz um momento de oração em que pede às pessoas que coloquem a mão sobre o local da enfermidade ou então no coração. Após a oração, incentiva-as a fazer o que antes não conseguiam: levantar um braço, movimentar uma perna, dobrar um joelho, curvar a coluna, verificar se o ouvido está melhor, procurar por um caroço ou

uma dor que sentia. Os testemunhos vão surgindo, e muitas pessoas se dizem curadas.

O próximo passo na liturgia de R. R. Soares é atender aos telefonemas que chegam de todas as partes do Brasil. Para o missionário, é importante que as pessoas tornem públicas suas curas, pois caso contrário correm o risco de ter suas bênçãos roubadas pelo diabo.

Entre um momento e outro do culto, sempre é inserido um apelo para angariar patrocinadores, visando a manter os programas de TV e pagar as despesas do ministério. Envelopes e formulários são distribuídos aos presentes, e os que desejam patrocinar os empreendimentos evangelísticos de Soares preenchem-nos e devolvem. O apelo segue, na maior parte das vezes, este padrão: “Se você se sente tocado por Deus para me ajudar, faça-o. Se Deus não falou com você, então eu não quero você como meu patrocinador”.

Em determinado momento, Soares busca por testemunhos no auditório das curas que Jesus fez naquele instante. Os fiéis curados que participam dos cultos não se identificam. O missionário sempre se dirige ao obreiro que segura o microfone, sem pedir o nome da testemunha.

Depois do apelo para que as pessoas aceitem a Jesus Cristo, R. R. Soares deixa o culto discretamente, passando a direção ao segundo homem na hierarquia da Igreja da Graça. A oração final normalmente causa um frenesi. As pessoas gritam,

gesticulam e, junto com o dirigente, repreendem demônios e pedem prosperidade.

Nesse momento final, as telas de TV mostram propagandas de livros. Só então se faz a coleta de dízimos e ofertas por meio de envelopes distribuídos e recolhidos pelas salvas.

Terminado o culto, vários obreiros deslocam-se para a frente, próximo da plataforma, e permanecem à disposição para atender as pessoas. Esse atendimento consiste em oração, aconselhamento e exorcismo. Durante todo o culto, entretanto, não há nenhuma cena de possessão demoníaca nem de distribuição de símbolos ou objetos sagrados.

7 Capítulo
Esperanças e decepções

Não se pode negar que a teologia da prosperidade produz em seus adeptos esperança e expectativa de sucesso. Como vimos, as promessas de saúde, dê bênçãos, de fartos recursos, de vitória definitiva sobre os demônios, de conquista da pessoa amada e de um casamento bem-sucedido formam o conteúdo principal da maior parte da pregação neopentecostal. Uma pregação que gera entusiasmo e estimula os ouvintes a exercitarem a fé.

São muitos os relatos de bênçãos recebidas. Em um de seus informativos,[169] de apenas quatro páginas, a Igreja da Graça

publicou 22 testemunhos de milagres, entre os quais cura de nódulos, rinite alérgica, amidalite crônica, inchaço e dores nos pés, desaparecimento de hérnia e restauração da visão. Segundo Eber Cocareli, “a Igreja da Graça ensina que só é doente quem quer ou quem não tem fé”.

Testemunhos de curas, milagres e bênçãos financeiras costumam ser veiculados em todas as publicações do ministério de R. R. Soares, em programas de TV e de rádio e pela internet.

Essa prática, contudo, não se restringe à Igreja da Graça. Os demais segmentos do neopentecostalismo, principalmente a Renascer e a Igreja Universal do Reino de Deus, também usam os testemunhos como forma de atrair novos adeptos.

Geralmente os testemunhos constituem-se de duas partes: o relato da vida antes de frequentar a igreja e depois que passou a fazer parte do grupo. Não raro, o contraste é colossal. De uma vida de miséria, doenças e um casamento fracassado para uma vida de opulência e vitória.

Entretanto, se a pregação neopentecostal tem feito bem a muitas pessoas, também tem provocado decepções em outras. Por sugerir a negação dos sintomas ou a recusa de cuidados médicos em nome da fé, a teologia da prosperidade já chegou a provocar a morte de adeptos, tragédias que foram constatadas nos Estados Unidos e em Portugal.

Um dos casos mais conhecidos nos Estados Unidos é o de Wesley Parker,[170] um garoto de onze anos que sofria de diabetes e cuja vida dependia do uso diário de injeções de insulina. Seus pais e amigos já haviam orado muito para que o menino fosse curado, sem sucesso.

A tragédia de Wesley começou quando sua igreja recebeu a visita do pregador Dan Romero, que chegou à igreja dando gritos de aleluia por ter sido curado, naquela semana, de um problema na coluna.

No fim de sua pregação, chamou as pessoas que queriam receber orações e mais bênçãos. Naquela ocasião, Wesley foi levado, mais uma vez, para perto do púlpito, a fim de receber a cura. Romero colocou as mãos sobre a cabeça de Wesley e orou junto com ele e seus pais. Mais uma vez a esperança de cura se abria.

Ao chegar a casa, Wesley contou aos vizinhos que fora curado, e assim também creram os pais. Na manhã seguinte, porém, o

resultado do teste de diabetes foi positivo. O pai de Wesley, contudo, recusando-se a crer no teste, por considerá-lo "armação do inimigo", impediu que o filho tomasse a insulina.

Wesley passou a apresentar fortemente todos os sintomas da diabetes, sofrendo pela falta da insulina. Apesar disso, os pais

recusaram qualquer ajuda da medicina. Fazer o contrário seria capitular diante do inimigo e demonstrar falta de fé. Nem mesmo a orientação contrária de seu pastor demoveu os pais, o que acabou levando à morte do menino.

Na esperança de ressuscitá-lo, os pais recusavam-se a sepultá-lo, tendo sido necessária a intervenção das autoridades para isso. Os pais, é claro, foram processados e condenados por negligência. O caminho de volta para a crença e para o equilíbrio doutrinário foi longo e difícil.

Infelizmente o exemplo de Wesley não é o único. A Igreja Maná, fundada pelo "apóstolo" Jorge Tadeu, em Portugal, foi colocada sob suspeita[171] quanto às circunstâncias que levaram à morte um menino de oito anos. Sua mãe não o medicou, acarretando a morte do garoto

Apesar dos rumores, não há no Brasil casos comprovados de pessoas que morreram devido aos ensinos da teologia da prosperidade. No entanto, muitas informações veiculadas pela mídia e o relato de várias pessoas que já fizeram parte do movimento neopentecostal indicam que os desapontamentos também ocorrem.

Vários exemplos de decepção com a prática pastoral do neopentecostalismo foram relatados em um livro-denúncia de Mário Justino de Souza, ex-pastor da Igreja Universal do Reino de Deus. Justino

conta que sua mãe morreu de um câncer do qual sempre esperou curar-se, sem que a igreja se desse conta disso. Após cinco meses de sua morte, a igreja enviou-lhe uma carta acusando sua ausência nos cultos e o atraso nos dízimos.[172]

A própria Folha universal, jornal oficial da IURD, reconhece que pode frustrar seus seguidores. O bispo Romualdo Panceiro comenta, em um de seus artigos:

Temos observado que as milhares (sic) de pessoas que chegam à igreja fazem-no porque buscam desesperadamente encontrar alguma solução para seus problemas. Ninguém vem por amor ou pura curiosidade, mas sim por estar enfrentando uma situação precária. Na verdade, todos querem vencer, sair da miséria, resolver as dificuldades na família, pagar as dívidas, ser curado de uma doença, enfim, querem uma vida feliz. Entretanto, são poucos os que conquistam.[173]

R. R. Soares também reconhece que as situações podem se complicar e não haver explicações para todos os problemas. Na seção "O missionário responde", uma leitora de Brasília perguntou-lhe: "Se uma pessoa buscar a Deus em favor de sua cura e não a alcançar, qual a verdadeira causa: a pequena fé ou a falta de fé?". O missionário respondeu: "É difícil afirmar com precisão qual seria a causa. Cada caso deve ser tratado individualmente. Há exemplos de pessoas que fracassam em receber as bênçãos por terem, em sua vida, pecados não confessados; há outros que nós não entendemos as razões".[174]

O discurso neopentecostal propaga que o fiel pode perder a bênção depois de recebê-la. Com base em Marcos 3:38, Soares acredita que “as pessoas que não confessam o milagre, o diabo traz de volta o mesmo mal, às vezes pior”.[175]

O bispo Macedo também já observou tais reveses na Igreja Universal do Reino de Deus. Depois de ver milhares de pessoas serem curadas, algumas delas voltaram a sentir os mesmos sintomas da doença anterior. Sem entender o que lhes estava ocorrendo, procuraram o bispo, inquirindo, totalmente decepcionadas, sobre o motivo do fracasso, se foi um pecado ou erro grave.

Macedo explica que não se trata de pecado. Para ele, o ambiente da campanha de fé, seja em um estádio, em um cinema ou em uma igreja, desperta a fé das pessoas e isso as leva a alcançar o milagre. Se, porém, a pessoa que recebeu a cura não desenvolver essa fé, o diabo entra em ação e lhe rouba a bênção. Macedo defende seu ponto de vista relatando o ocorrido com uma fiel da IURD que se tratava de uma doença clinicamente incurável havia cinco anos:

Ela sentia dores atrozes em toda a extensão da coluna. Mal podia andar, sentar e até mesmo deitar-se; aliás, vinha dormindo numa esteira no chão (…). Os remédios já não faziam tanto efeito no alívio da dor. Foi quando ela compareceu a uma Igreja Universal, recebeu a oração e instantânea e poderosamente foram banidas todas as suas dores. Durante muitos dias, deixou de dormir no chão,

caminhou naturalmente e fez tudo que não mais podia até então. Um dia, resolveu voltar ao seu médico e procurar uma "explicação" para a sua

cura milagrosa. Quando o médico de sua confiança lhe disse que não acreditava na cura, pois no seu caso era impossível, imediatamente, logo após a "palavra do médico", começou a sentir pequenas pontadas que foram aumentando até o ponto de sentir tudo de novo, e até mais forte.

Ora, por que isto? Qual a razão? O fato é que, assim como pela Palavra de Deus ela recebeu a fé para ser curada, também pela palavra do diabo, usando o seu médico, ela recebeu dúvida suficiente para voltar a sofrer como antes. É assim que o diabo trabalha.[176]

Os relatos de decepções, contudo, não se restringem às questões de saúde. A revista Época fez graves denúncias sobre a Igreja Renascer, na pessoa de seus líderes, Estevam e Sonia Hernandes, chamados "caloteiros da fé".

A Renascer enganou diversos fiéis aos quais pedia dinheiro e ajuda em nome da religião. Convencidos a atuar como fiadores da instituição, muitos deles – inclusive um pedreiro – se arriscam a perder a casa em que moram por falta de pagamento. A Renascer em Cristo também deixou um rastro de compromissos não cumpridos. Possui uma fundação que investiu em obras curiosas, como um resort na Flórida, num gasto proibido por lei. Apenas na justiça de São Paulo e de

Brasília correm 51 processos sobre o seu modo de agir. Um exame acurado desses casos cobra uma investigação sobre crimes como falsidade ideológica, estelionato e até formação de quadrilha, dizem juristas ouvidos pela revista.[177]

Ao comentar sobre a reação de pessoas que deram suas contribuições financeiras à Igreja Universal e depois se arrependeram, Ricardo Mariano acrescenta:

Mas nem todos aceitam isso passivamente, sobretudo quando não obtêm o retorno desejado e se sentem lesados. Tanto que Edir Macedo foi preso em maio de 1992 ao ser denunciado por cinco ex-fiéis que perderam dinheiro em prol da igreja à espera de bênçãos prometidas e não alcançadas. É provável que, como estes, outros ex-adeptos da Universal e de outras igrejas tenham se lastimado, arrependidos das doações que fizeram. Tornou-se conhecido na imprensa o caso do advogado Grigore Avram Valeriu, que, em crise conjugal e com problemas de saúde, converteu-se na Universal após aceitar convite de sua empregada doméstica. Depois de doar nove imóveis, milhares de ações e um automóvel Del Rey à igreja, arrependeu-se e recorreu à Justiça. Ainda hoje briga para tentar reaver os bens que doara "voluntariamente".[178]

Ainda que as pessoas não recebam as bênçãos de imediato, permanecem na expectativa de alcançá-las. Isso é muito real para elas. Mesmo que nunca as recebam, continuam à espera. [179] Leonildo S. Campos observa:

O Deus que emerge das afirmações iurdianas é uma divindade escrava: de suas promessas, dentro de uma lógica implacável, assim argumenta o pastor: Deus promete saúde e prosperidade, exige que o fiel faça a sua parte, contribuindo para a "casa

de Deus". Cumpridas todas as exigências, com muita fé e nenhuma dúvida, o milagre só tem que acontecer. Basta exigir de Deus a realização de tais desejos. Mas e se não der certo? Ainda dentro dessa lógica, a culpa é do fiel, que deve ter tido falta de fé em algum momento do processo.

Aos olhos de uma população empobrecida, crédula, em busca de soluções de menor esforço, carente de autoestima e otimismo, a cura divina se apresenta como um meio atraente e irresistível, principalmente aos que se sentem sem luz dentro de um enorme túnel. É claro que nem todas as expectativas de cura são atendidas.[180]

UM CASO DE DECEPÇÃO NA IGREJA DA GRAÇA

Quando Júnior ainda era criança,[181] sua mãe tornou-se testemunha de Jeová. Embora ele a acompanhasse, nunca quis se batizar para oficializar sua adesão ao grupo. Na adolescência, rejeitou por completo tais ensinos. Esse fora o único envolvimento religioso de Júnior antes de tornar-se evangélico.

A conversão dele veio por meio de Mônica, sua esposa.

Durante o namoro, Mônica falou-lhe de sua fé e do evangelho, mas Júnior, que nunca escondera sua aversão pelas igrejas evangélicas, achava que os crentes tinham "aquela coisa" de pobreza, de não poder melhorar de vida, o estereótipo do pobre conformado, e ele não gostava disso.

Procurando corrigir a distorção, Mônica lhe disse que em sua igreja não era assim e passou a citar textos bíblicos usados pela teologia da prosperidade, entre eles 2 Coríntios 8:9: "Pois conheceis a

graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos". Júnior acredita que esse tenha sido seu primeiro contato com a confissão positiva.

Essa nova forma de crer interessou-o, e ele começou a assistir aos programas de TV de R. R. Soares, enquanto sua esposa ia à igreja. Era um programa curto, com apenas uma hora de duração, e os apelos por dinheiro eram raros. Quando o líder da Graça dizia que precisava de patrocinadores para ajudar a pagar o programa, fazia-o com humildade.

O programa tornou-se uma bênção para Júnior. Ele gostava das músicas e das pregações. Não demorou muito e também se tornou patrocinador do ministério de Soares, passando a frequentar, junto com a esposa, a sede da igreja.

Em outubro de 1999, após ler o livro de T. L. Osborn

intitulado Curai enfermos e expulsai demônios, acompanhou a esposa à igreja a fim de participar de um culto de libertação. Havia uma faixa do lado de fora do templo, anunciando: uma cruzada de sete dias com o pregador T. L. Osborn.

Júnior resolveu participar e compareceu em todos os dias do evento. No penúltimo dia, aceitou a Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador; e afirma que não se arrepende. Apesar de nunca ter preenchido um formulário para fazer parte do rol de membros da igreja, passou a considerar Jaime de Amorim Campos seu pastor.

Embora ainda guardasse dúvidas quanto a permanecer no ministério de R. R. Soares, em um culto de ceia foi convencido de que seu lugar era na Igreja da Graça. Ele orou a Deus perguntando-lhe se deveria ficar nessa igreja. A confirmação veio quando chegou atrasado a um culto. Para poder entrar no templo lotado, disse ao porteiro que havia um lugar reservado para ele. Ao entrar no templo, dirigiu-se a um assento sobre o qual havia uma Bíblia. Ao perguntar se o lugar estava ocupado, a resposta foi: “É seu, estava guardado para você”. Júnior recebeu aquela notícia como uma confirmação de Deus de que a Igreja da Graça era seu lugar.

Cheio de esperança, começou a entregar o dízimo, com a expectativa de ser um vencedor em todas as áreas da vida, pois os pastores pregavam bastante sobre a teologia da prosperidade. Era exatamente o que ele buscava, pois estava passando por uma séria dificuldade financeira.

Júnior esperava ser abençoado por Deus com prosperidade através das doações para as campanhas, para os programas de TV e da fidelidade no dízimo. Era isso o que deduzia das pregações e dos ensinos da igreja, seja pela palavra pregada no templo ou pela televisão, seja pelo que lia nas publicações do ministério. Por essa razão, dedicou-se sem reservas à Igreja da Graça.

Segundo Júnior, todo dia havia uma campanha, e ele gostava de participar desses eventos. Era a campanha do desemprego; a campanha para encontrar seu par; a reunião para abençoar a família; a oração pela cura das enfermidades e a reunião de libertação. Ele gostava de ir principalmente às sextas-feiras – afinal, se houvesse algum mal ou alguma opressão satânica a expulsar, com certeza o seria.

Aos domingos, ele participava do culto das sete horas, quando as pessoas iam em jejum para a igreja. Por dois anos frequentou assiduamente a igreja, mas nunca desenvolveu amizade com nenhum outro adepto da Graça. As pessoas se reuniam culto após culto, dia após dia, mas não se conheciam e não construíam relacionamentos.

Por ter se convertido à fé evangélica em uma igreja alinhada com a teologia da prosperidade, a questão do dinheiro foi uma das mais perturbadoras para Júnior. Toda pregação da Igreja da Graça sempre trazia o passo de fé, que era apresentado no fim das mensagens, no momento do apelo: “É agora, irmão, agora é a hora de você dar um passo de fé”. E o passo de fé

era sempre dar dinheiro. Eram muitas as necessidades: socorro, oferta voluntária, oferta do associado, dízimo.

Muitas vezes o pregador passava cerca de quarenta minutos pedindo dinheiro. Depois vinha o momento de agir por fé, o que significava ofertar ainda mais. Assim se pregava a teologia da prosperidade, isto é, a oferta de dinheiro em troca da recompensa de Deus.

Como operador da Bolsa de Valores, Júnior trabalhava para um banco, investindo e administrando seu dinheiro, por cujos lucros recebia comissão. Ele só era remunerado se a transação na Bolsa gerasse lucros. Por isso, a doutrina a que Júnior estava exposto na Igreja da Graça tornou-se perigosa. Ele ouvia as pregações como profecias, palavras diretas de Deus.

Com as contribuições, ele realmente esperava que suas atividades fossem bem sucedidas, que seu trabalho prosperasse, que tudo o que ele fizesse fosse abençoado por Deus. Afinal, ele já dera um passo de fé e agira pela fé. Por isso, prosseguiu com seu trabalho na Bolsa de Valores com uma atitude triunfalista e um estilo de vida que lhe custou caro.

A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE NA BOLSA

Júnior havia sido contratado pelo banco por ser um ganhador. O banco precisava de alguém com habilidade para ganhar muito dinheiro. E isso Júnior fazia com muito êxito. Um

operador bem-sucedido lê muitos jornais, boletins financeiros, procura manter-se informado sobre ações, sobre o mercado interno e externo e a situação do país. É preciso estar bem informado para poder fechar os melhores negócios.

O contato de Júnior com os ensinos da confissão positiva na Igreja da Graça alterou a sua forma de operar na Bolsa. Foi-lhe dito, vez após vez, que depois de um passo de fé ou depois de agir com fé, ofertando e sendo fiel no dízimo, Deus entraria com providência na vida do cristão e ele prosperaria. O discurso era: "Esta semana vai ser uma semana de bênção, de vitória, creia nisso, porque você ajudou na casa de Deus, você plantou no Reino celestial".

Com essas garantias proferidas pelos líderes da Graça, Júnior chegava ao trabalho com a certeza de que qualquer coisa que fizesse ou qualquer negócio que fechasse daria certo. Assim, já não lia os jornais nem os boletins financeiros e passou a desprezar todas as informações vitais para uma operação lucrativa.

O novo estilo adotado por Júnior para operar na Bolsa provocou resultados desastrosos. Ele deixou de verificar as cotações em Nova York referentes às ações de determinada empresa visando a estabelecer a melhor forma de negociá-las em São Paulo. Na véspera de essas ações serem retiradas do mercado, a Bovespa publicou um memorando, informando que tais ações não seriam mais negociadas em São Paulo. Quem as comprasse não teria a quem vender. Confiante nas

promessas de bênçãos dos pastores e de que o Espírito Santo o dirigia em tudo o que fizesse, Júnior jamais poderia imaginar que o mal poderia acontecer. Afinal, já havia garantido sua vitória com suas doações e vinha semeando no Reino de Deus. Por isso, não leu o memorando.

No dia seguinte, o mercado abriu e, sem nenhuma preocupação, Júnior começou a comprar aquelas ações, na certeza de vendê-las por um bom preço. Quase perdeu o emprego ao ter, em dez minutos, um prejuízo enorme. A catástrofe só não foi maior porque alguém do banco o alertou do equívoco.

Júnior passou muito tempo trabalhando para recuperar o que havia perdido e atribui esse incidente ao fato de ter adotado um estilo de vida baseado na pregação dos pastores da Igreja da Graça.

O rompimento dele com a igreja foi, pouco a pouco, sendo construído através da leitura da Bíblia, principalmente dos evangelhos. Ele conta como foi:

Eu comecei a ver que a teologia da prosperidade não batia com a Palavra de Deus. Então, comecei a deixar de ouvir o pastor da igreja, o que eles diziam, o que as suas publicações diziam, e comecei a ouvir o que Jesus falava. Comecei a confrontar o que a Bíblia ensinava com a pregação deles e decidi ficar com a Bíblia. Decidi ser fiel ao que Jesus falou. Comecei a ver que Jesus não pedia dinheiro, nem cobrava

pelos milagres. Em nenhum momento Paulo disse que se déssemos dinheiro a Deus ele agiria em nosso favor. Então, aquilo para mim foi o fim. Eu me senti enganado durante todo aquele tempo. Passei a procurar outra igreja que estivesse mais de acordo com a Palavra de Deus. Nessa época, descobri um livro intitulado Supercrentes que me ajudou a sair do buraco. Do contrário, eu teria ido para debaixo da ponte.

UM CASO DE DECEPÇÃO NA IGREJA RENASCER

O primeiro contato de Fernando[182] com a fé evangélica foi por meio da Igreja do Evangelho Quadrangular, em 1993. No ano seguinte, passou a frequentar a igreja da Assembleia de Deus, até que, em 1996, transferiu-se para a Igreja Renascer. Já sua esposa, Alice, fizera uma trajetória um pouco diferente. Converteu-se à fé evangélica em 1987 na Igreja de Nova Vida e ali foi batizada. Em 1989 foi para a Igreja Renascer, onde permaneceu até 1998.

No primeiro ano, Alice apenas assistia aos cultos, pois, por causa de seu trabalho secular, não tinha tempo para dedicar-se às atividades da igreja. Nessa época, ela fez uma viagem missionária ao Uruguai. Ao retornar a São Paulo, começou suas atividades no Departamento Infantil, dando aulas e ministrando às crianças. Logo veio a oportunidade de conhecer outros departamentos da igreja, e ela foi se desenvolvendo nos ministérios, sendo nomeada aspirante, diaconisa e, mais tarde, presbítera.

Alice fez um pouco de tudo: aconselhou, pregou, evangelizou, celebrou ceia, trabalhou como diaconisa, visitou *etc.* Tinha facilidade para conseguir doações para a igreja.

Fernando conta que Estevam Hernandes usa algumas estratégias para envolver as pessoas no trabalho da igreja. Uma delas é permitir que a pessoa aspire a alcançar a posição de líder, de pastor, o que a leva a trabalhar arduamente para chegar ao cargo de aspirante.

O critério, segundo ele, é variável. O fato de ser uma pessoa socialmente bem posicionada – empresário, juiz de direito, promotor,

cirurgião, professor universitário, médico de destaque – pode elevá-la à categoria de bispo em apenas seis meses. Foi o que aconteceu com um pastor de Santa Catarina. Por ser um empresário próspero na região, ele foi nomeado bispo com apenas seis meses de igreja. E ele não foi o único exemplo.

O contrário também pode ocorrer. Segundo Fernando, quando uma pessoa da igreja que era bem sucedida e muito dedicada à igreja faliu, desligou-se da Renascer, pois percebeu que não chegaria a ser pastor nem bispo. O próprio Estevam Hernandes deixou isso transparecer mandando-lhe recados por meio de pastores e bispos. Tratava-se de mensagens que deixavam claro que se uma pessoa não tivesse sua vida profissional em ordem, não ocuparia tais posições na igreja.

Fernando e Alice mencionaram que a igreja adota um sistema de cotas. Estevam Hernandes analisa as condições de uma igreja filial e decide se ela é capaz de arrecadar mensalmente determinada quantia em dízimos e ofertas. De acordo com as informações que Fernando e Alice receberam de diversos líderes da Igreja Renascer, Hernandes obriga o líder da igreja filial a entregar um cheque no valor por ele estabelecido como alvo para a igreja.

Para cobrir o cheque, o líder da filial precisa recorrer aos departamentos da igreja. Cada um recebe a responsabilidade de levantar determinada quantia em dinheiro. Outro meio de levantar fundos são as campanhas, realizadas em grande número: campanha da semeadura, campanha da multiplicação, campanha da colheita *etc.* A mensagem a ser pregada, preparada por Estevam ou Sonia Hernandes, nessas campanhas é única em todas as filiais, que a recebem por fax. Com isso, os líderes das filiais não têm liberdade para escolher o tema da pregação.

RELACIONAMENTOS

Fernando e Alice afirmam que os Hernandes não são acessíveis. Com o tempo, foi se tornando cada vez mais difícil aproximar-se deles. As pessoas que conseguiam se aproximar do casal eram, normalmente, os bispos. Alguns chegaram a comentar sobre as festas de que participavam na residência dos Hernandes.

A exemplo da esposa, Fernando também se envolveu com alguns departamentos da Igreja Renascer: o de intercessão, o infantil e o coral da igreja. Seu envolvimento maior foi com a área de ensino na Escola de Profetas, na qual marido e mulher foram alunos e professores. Discordar de alguma posição da liderança significa não abraçar a visão. Quem estivesse fora dela estaria em rebelião, o que é considerado pecado.

O casal teve dificuldades em cultivar relacionamentos com os adeptos da igreja. Fernando desabafa:

Falando francamente, eu acho que a maioria das pessoas não tem uma vida transformada. É difícil conviver com elas. As pessoas não querem uma vida transformada. Muitas são invejosas, não têm comunhão verdadeira. Eu vejo o seguinte: muitas pessoas eram extremamente problemáticas. Pessoas com vida profissional muito complicada. A maioria desempregada, subempregada. Pessoas com um passado de ilegalidade, uma série de coisas. O problema não está em seu passado, mas nas vidas não transformadas. Por isso era difícil desenvolver um relacionamento.

Mas nem todos eram assim. Conheci um rapaz que fora assaltante de banco e que se converteu e regenerou de fato. Largou as drogas e a vida de crimes.

A DECEPÇÃO

Segundo Fernando e Alice, quando perceberam que a igreja

estava saindo dos trilhos e manipulando as pessoas, sem se importar com a vida delas, decidiram sair. As manipulações ocorriam principalmente nos apelos financeiros. A pressão financeira aumentava cada vez mais através da criação de projetos. Assim que um projeto era desenvolvido, eles recebiam os boletos de contribuição. Havia também muitas rifas, que eles precisavam vender por estarem no ministério.

Finalmente surgiu a campanha para a construção de uma torre de rádio e TV na Avenida Paulista. Uma intensa campanha financeira foi realizada para angariar os recursos necessários. Embora muitos recursos tivessem sido levantados, a torre não foi instalada na época. Quando as pessoas questionaram Estevam Hernandes, sua resposta foi: “Se vocês querem saber da torre, vão orar e perguntar a Deus!”. Muitos queriam restituir o dinheiro investido no projeto.

Embora os Hernandes afirmem não possuir bens, Fernando comenta que tanto o casal como os filhos usam automóveis importados. Uma BMW, rifada pela Renascer, foi sorteada para Sonia Hernandes. Outro carro importado que fora sorteado acabou ficando para a Renascer, pois ninguém se apresentara para reclamar o prêmio. O mesmo ocorreu, segundo ele, com um apartamento e uma picape S-10 sorteados.

Fernando acredita que a Bíblia era distorcida, em especial nas questões financeiras. Nada era compartilhado. Naquela época, se alguma pessoa pedisse ajuda em dinheiro ou uma cesta

básica, nada receberia. Eles não tinham escola dominical, apenas a Escola de Profetas, encarregada de transmitir a visão da Renascer. Havia, sim, muitos cultos diários, gerando mais oportunidades de arrecadação.

A questão financeira também pode definir o destino de uma filial. Se ela não conseguir arrecadar o que se espera dela, suas atividades são encerradas. Foi o que ocorreu com uma igreja da Zona Norte de São Paulo, embora houvesse boa frequência. Segundo o pastor daquela filial, ela fora fechada por ordem de Hernandes sob a alegação de que não dava lucro.

Romper com a Igreja Renascer não foi tão simples para Fernando e Alice. No início a esposa resistiu à ideia de sair, pois se sentia presa às responsabilidades que assumira. Mas havia outra razão para tal resistência. Ela fora curada de uma enfermidade através da oração de Estevam Hernandes e questionava: “Como pode alguém ser usado por Deus e cometer todas aquelas atrocidades?”.

De acordo com Alice, a Igreja Renascer não investe tempo no atendimento de pessoas. O exemplo estava em sua família. Ela precisou de ajuda por causa de um irmão dela que se envolveu com drogas. Embora trabalhasse na igreja, não conseguiu nenhum tipo de ajuda. Nem sequer uma visita. Só então concordou com o marido, e ambos deixaram a Igreja Renascer.

UM CASO DE DECEPÇÃO NA IGREJA UNIVERSAL

Antes de conhecer Igreja Universal do Reino de Deus, Felipe[183] frequentou esporadicamente a igreja católica, onde fez a primeira comunhão. O encontro com a Universal aconteceu depois de uma briga muito séria com seu pai, quando ainda era adolescente e morava
no interior de São Paulo. Os desentendimentos eram constantes no

lar. Embora o pai sempre estivesse em casa, era ausente. Não havia demonstração de afeto. Felipe sofria muito com isso.

Depois de uma briga séria em que o pai o agrediu fisicamente, Felipe foi morar com uma tia. Ela começou a falar-lhe da Bíblia, do evangelho, da Igreja Universal e dos pontos em que ela discordava da igreja católica. Felipe sentiu que "aquilo vinha ao encontro do que estava passando". Ele sofria e precisava buscar apoio. O convite para ir à Igreja Universal chegara em boa hora.

Logo na primeira reunião, o pastor falou sobre o relacionamento entre pais e filhos. Isso despertou o interesse de Felipe por conhecer mais a igreja. Ele permaneceu na Universal por onze anos. Durante esse tempo, Felipe viu, na prática da pregação, uma oportunidade de atividade profissional. Começou a observar que os pastores andavam bem vestidos, falavam bem e que o trabalho deles era

comunicar-se com o povo. Esse desejo transformou-se em mais que um objetivo – tornou-se uma obsessão em sua vida. Queria ocupar o púlpito e pregar.

O desejo de Felipe não tardou em realizar-se. Como ele não estudava nem trabalhava, podia frequentar a igreja, diariamente, participar do grupo de jovens e do evangelismo. Seu interesse e seu dinamismo não passaram despercebidos pela liderança. Depois de três meses frequentando a Universal, em um mesmo dia Felipe foi batizado e nomeado auxiliar de pastor. Hoje, Felipe lamenta que as coisas tenham progredido daquela maneira e desabafa:

Eu fui jogado na obra. Não tive nenhuma instrução teológica, nenhum preparo. Não fui separado por um período para estudar, para conhecer a hierarquia da igreja, como ela se divide e qual sua base teológica e doutrinária. Nada disso eu aprendi. Eu me lembro de que, em meu primeiro culto, subi ao púlpito, abri a Bíblia, tremendo de vergonha, e falei para meia dúzia de pessoas. O culto, que deveria durar uma hora, foi realizado em vinte minutos. Quando eu estava encerrando a reunião, um obreiro tomou a palavra e reiniciou a programação. Isso me causou muito constrangimento.

Devido à falta de treinamento ministerial, Felipe recebia muitas repreensões dos pastores, o que despertava nele a lembrança das palavras hostis que ouvia de seu pai. Felipe começou a nutrir pelos pastores que o tratavam com desprezo e dureza todo o rancor que sentia pelo pai. Assim, começou a

ser transferido constantemente de igreja.

ROTINA DIÁRIA

O relacionamento de Felipe com a Igreja Universal foi além do superficial. Depois de três meses de adesão, ele foi morar nas dependências dos templos onde servia. Sua rotina de trabalho era estafante. Todos os dias, às 7h, devia abrir a igreja, limpá-la, arrumar os bancos e deixar tudo organizado para as reuniões, que muitas vezes precisou dirigir.

Felipe chegou a afastar-se da Universal duas vezes. Quando voltou, em 1994, pela segunda vez, resolveu cursar o Instituto Bíblico Universal, um tipo de preparação ministerial para os líderes em potencial, que acontece em uma igreja de maior porte de determinada região. A ênfase, segundo ele, não está no conhecimento teológico, mas no desempenho dos futuros pastores no momento de pedir as ofertas.

Apesar de atender às exigências da Igreja para o pastorado, foi reprovado em uma entrevista com um dos bispos. Resolveu então abrir uma empresa, sem buscar o direcionamento de Deus. Começou a participar das correntes de oferta, dos dízimos e dos desafios, sempre no intuito de que sua vida melhorasse. Felipe chegou a entregar à igreja os cheques de seus clientes, somando uma quantia elevada.

A BÊNÇÃO OU O DINHEIRO DE VOLTA!

A gota d'água aconteceu na "Campanha da fogueira santa de Israel". Felipe conta que o bispo preparou os fiéis para uma doação além do que podiam: "Você vai dar aquilo que não pode dar. Você vai dar. E a sua vida vai mudar. Mas se a sua vida não mudar, eu devolvo o seu dinheiro".

Entusiasmado com a promessa, Felipe doou uma quantia em cheque e para cobri-lo precisou fazer um empréstimo. Como as coisas não progrediam, ele se lembrou da promessa do bispo de devolver o dinheiro. Entretanto, ao contatá-lo, o bispo não só desmentiu a promessa como ouviu dele que sua vida não melhorara por falta de fé. Embora tivesse tentado por todos os meios, Felipe nunca recuperou o dinheiro. Ele finalmente abandonou a Universal.

Há muitos casos de decepção no dia a dia de uma instituição religiosa. Os depoimentos apresentados representam apenas uma amostra das esperanças frustradas que a teologia da prosperidade tem produzido. Alguns dos depoentes já encontraram acolhida, estão recebendo tratamento para suas feridas e crescendo na vida espiritual. Porém, os que não chegaram a tanto vão reforçar uma ala que cresce cada vez mais no mundo religioso brasileiro: a dos cristãos em trânsito.

OS NÔMADES DA FÉ

A decepção em uma igreja leva o indivíduo a buscar outra quase imediatamente. Não era assim há algumas décadas. Se algo não ia bem em uma igreja, se o fiel fosse maltratado, se

suas expectativas não se cumprissem, ele aguardava, resignado, em oração. Ele esperava pela ação de Deus.

Existe hoje no Brasil um contingente significativo de evangélicos, principalmente nos grandes centros urbanos, que estão sempre circulando de igreja em igreja. Não criam raízes, não conseguem cultivar relacionamentos e são avessos aos compromissos que normalmente surgem do relacionamento entre o fiel e a igreja: frequentar os cultos, contribuir sistematicamente com a igreja local e participar de suas atividades.

A preferência de muitos é visitar grandes igrejas e diluir-se na multidão. Ali, a pessoa entra e sai sem ser notada ou cobrada. A esse fenômeno, já constatado pelos pesquisadores, os sociólogos denominam "trânsito religioso":

No Brasil, como em outras partes do mundo, o fiel já não é mais tão fiel assim a sua religião, ele transita em diversas expressões religiosas. O perfil religioso do homem e da mulher contemporâneos pode ser altamente cambiante, favorecendo um aspecto religioso num determinado momento, e outro logo depois (…). A ideia de "trânsito religioso" admite o "passeio" por diversas religiões (mesmo, em alguns casos, havendo predileção por uma ou outra) não demanda mudanças intestinais na forma de vida dos transeuntes e dispensa ou atenua o compromisso com uma instituição específica. Isso pode ser melhor verificado entre aqueles que, apesar de admitirem uma pertença religiosa,

transitam e se apropriam dos mais variados aspectos simbólicos. Não que isso não acontecesse anteriormente, mas estamos falando de uma intensificação disso.[184]

Uma pesquisa de opinião realizada pelo Centro de Estudos da Metrópole (CEM), do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), revelou que de cada três paulistanos, um mudou de religião. A pesquisa possibilita também uma avaliação do trânsito religioso: "O catolicismo é um doador universal de fiéis, enquanto os pentecostais e os sem religião são os principais receptores", declarou o antropólogo Ronaldo de Almeida, pesquisador do CEM.[185]

A igreja midiática alimenta o trânsito religioso. É ela quem gera os mecanismos para convencer os fiéis, logo transformados em consumidores, a ocupar um assento dentro de seus templos. A oração feita através do rádio ou da TV nunca será suficiente. O crédulo precisa "tomar uma atitude": tem de comparecer pessoalmente para demonstrar sua fé. Do contrário, a bênção não será completa.

Segundo Jonas Becker, o trânsito religioso é provocado por vários elementos do complexo mundo contemporâneo:

Pode-se citar a questão das respostas imediatas aos problemas, uma vez que vivemos na era da velocidade. Busca-se determinada religião, acreditando obter nela resposta imediata a algum problema. Em tal não acontecendo, busca-se uma nova religião (transita-se), acreditando-se que esta irá

proporcioná-la. Vale o “se não sou atendido agora, se meu problema não
for resolvido agora, procuro outra religião”. Outra questão diz

respeito ao mercado religioso, onde, em não se encontrando o produto (bem religioso) desejado, recorre-se ao concorrente, que o oferece da forma como se o pretende. O mesmo pode acontecer se lhe desagrade “a embalagem”, “o preço” ou “as condições” de determinado bem religioso.[186]

O próprio neopentecostalismo alimenta o trânsito religioso. A maioria das igrejas neopentecostais não mantém rol de membros, não há prestação de contas à igreja, tanto das questões financeiras quanto morais, e a distância entre o pastor e a ovelha é uma constante. O pastor neopentecostal fala da televisão, vive no avião e, quando está na igreja, seu espaço é o púlpito. Não há nenhum contato com o público. É um homem cheio de compromissos (precisa escrever, gravar, viajar, além de encontrar-se com algumas pessoas importantes para o ministério). Geralmente, é muito assediado por candidatos políticos.

O líder neopentecostal está sempre criando novos projetos, e estes, por sua vez, demandam mais e mais dinheiro. Quando a pressão financeira se estabelece, entra em ação a criatividade para levantar fundos. Vocábulos desconhecidos da Igreja evangélica até duas ou três décadas atrás entram em ação: “shopping do povo de Deus”, “cartão de crédito evangélico”, “consumidor cristão”, “feira”, “loja”, “show” e muitos outros.

O cristão abençoado hoje é aquele que movimenta o mercado, sempre disposto a consumir, comprar, adquirir, tomar posse e conquistar.

Assim, cada segmento neopentecostal que controla uma fatia da mídia está sempre mudando e melhorando a "embalagem de seus produtos", garantindo que a bênção de hoje será sempre melhor e maior que a de ontem e que os clientes precisam manter-se sintonizados para não perder nenhuma oferta nem liquidação. Depois, é só ir (transitar) ao local e no horário indicados, seguir à risca a palavra do "homem de Deus" e receber o milagre prometido.

Quanto mais os cristãos transitam, mais se decepcionam. Quanto mais se decepcionam, mais transitam. Assim, uma ação alimenta a outra. Esses peregrinos da religião constituem hoje o movimento dos sem-igreja. O que ainda não se sabe é qual será o efeito do trânsito religioso sobre os filhos dos transeuntes.

PARTE

A PRÁTICA PASTORAL NO CONTEXTO DA GRAÇA

8 Capítulo
Redescobrindo a graça

Tida como doutrina essencial da fé cristã, a graça de Deus é amplamente apresentada e tratada nas Escrituras Sagradas, desde o Antigo Testamento. No Novo Testamento, o apóstolo Paulo fez dela um dos temas principais de suas pregações e escritos, pois a conheceu na salvação de sua alma e por ela foi sustentado no dia a dia de sua vida e de seu ministério. Dela trataram também vários pais da Igreja, entre os quais Clemente de Roma, Tertuliano, Cipriano, bispo de Cartago, e Agostinho, herdeiros espirituais dos apóstolos do Senhor.

Com o passar dos séculos, a doutrina da graça foi sendo mais e mais ofuscada, até que no fim da Idade Média perdeu bastante espaço para a crença e a prática das penitências difundidas pela Igreja Católica. A Reforma Protestante surgida no século XVI na Alemanha e promovida por Martinho

Lutero, João Calvino e outros foi uma reação contra a excessiva valorização das boas obras em detrimento da graça de Deus.[187] Lutero foi inspirado pelo texto bíblico de Romanos 1:17: “o justo viverá pela fé”.

A teologia cristã desenvolveu diversas expressões para os diferentes empregos do termo graça.[188] Alguns podem ser observados aqui:

Graça comum: são os benefícios de Deus que chegam, indiscriminadamente, a todos os seres humanos. Um dos textos bíblicos que

ilustram essa verdade está registrado em Mateus 5:45: “ … Porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e vir chuvas sobre justos e injustos”.

Graça especial: é por meio dela que Deus redime e santifica seu povo. É concedida apenas aos que herdarão a vida eterna.

Graça preveniente: é a graça que se manifesta em primeiro lugar e precede o esforço e a decisão do ser humano.

Graça eficaz: é a graça capaz de produzir o resultado para o qual ela foi concedida.

Graça irresistível: é a graça que não pode ser rejeitada pelo ser humano.

Graça suficiente: é a graça apropriada para a salvação do cristão.

Este capítulo não pretende ser um tratado sobre a doutrina da graça de Deus em seus diferentes aspectos. O que se busca é o entendimento, ainda que sucinto, dos efeitos da graça de Deus no dia a dia do cristão: como ela o assiste e sustenta nos desafios da caminhada terrena e em seu crescimento espiritual e como essa graça que opera na salvação do pecador para transformá-lo em nova criatura pode influir em seus contratempos e necessidades.

Foi assim na vida de homens e mulheres em muitos relatos bíblicos e tem sido assim em muitos momentos da história do cristianismo.

O QUE É A GRAÇA DE DEUS

De acordo com o Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento, o termo (no hebraico, hēn) para favor ou graça é uma palavra cognata do acadiano enēnu, hanānu, "conceder um favor", do ugarítico hnn, "ser gracioso, demonstrar favor" (UT, 19.882) e do árabe hanna, "sentir solidariedade, compaixão".

Hēn (favor, graça, encanto etc.) ocorre 69 vezes no Antigo Testamento, das quais 43 aparecem na frase "achar favor aos olhos de", sete com o verbo "dar" e três com o verbo "alcançar" (Et 2:15, 17; 5:2), restando 14 usos independentes

do termo.[189]

Outro autor observa que o uso da palavra hēn esclarece o sentido da "graça na história e nas ações". O termo graça é usado quando o mais forte socorre o mais fraco que precisa de ajuda por causa das circunstâncias ou de sua fraqueza. Segundo ele, a graça age pela decisão voluntária (não pode ser forçada), impulsionada pela dependência ou súplica da parte mais fraca.[190]

O termo grego para graça no Novo Testamento é χάρις (charis) e é usado também para graciosidade, amabilidade, favor, graças e gratidão. Observe as variações de χάρις: χάρισμα (charisma), "presente oferecido de boa vontade"; χάρίςσμαι (charizomai), "mostrar favor ou bondade", "dar como favor", "ser gracioso para alguém", "perdoar"; χάριτόw (charitoô), "dotar de graça". O Novo Testamento usa o termo χάρις 155 vezes, principalmente nas epístolas de Paulo (100 vezes).[191]

Champlin e Bentes comentam que os termos hebraicos e gregos traduzidos por graça possuem vários significados na Bíblia:

- Beleza física, com formas graciosas (Pv 1:9; 3:22).
- O favor e a bondade de Deus para com os seres humanos ou de uma pessoa para outra (Gn 6:8; 2 Sm 10:2; 2 Tm 1:9).
- A vida eterna em sua plenitude (1 Pe 1:13).

- O próprio evangelho, em contraste com a lei do Antigo Testamento (Jo 1:17; Rm 6:14; 1 Pe 5:12).
- Os dons espirituais (no grego charísmata) (Rm 15:15; 1 Co 15:10; Ef 3:8).
- Virtudes cristãs como o amor, a liberalidade e a santidade (2 Co 8:7; 2 Pe 4:12).
- A edificação espiritual produzida pelo Espírito Santo (Ef 4:29).
- Uma linguagem que produz edificação (Cl 4:6).
- O princípio da graça divina em contraste com os méritos humanos, mediante o qual a salvação é oferecida às pessoas (Ef 2:8-9).[192]

Quando se fala ou se ouve a palavra graça, a primeira coisa que vem à mente é favor imerecido. É também essa acepção que os pregadores repetem nos púlpitos ao se referirem ao tema. Para Charles Swindoll, "mostrar graça é estender favor ou bondade a alguém que não merece e jamais pode ganhar a graça por seus próprios meios. Receber a aprovação de Deus pela graça sempre contrasta agudamente com o ganhá-la baseado em obras. Cada vez que a ideia da graça surge, traz consigo a noção de que é imerecida. O recipiente não está de forma alguma obtendo o que ele ou ela merece. O dom está sendo estendido simplesmente pela bondade do coração do doador".[193]

Philip Yancey diz que "graça significa que não há nada que possamos fazer para Deus nos amar mais –nenhuma quantidade de renúncia, nenhuma quantidade de

conhecimento recebido em seminários

e faculdades de teologia, nenhuma quantidade de cruzadas em benefício de causas justas. E a graça significa que não há nada que possamos fazer para Deus nos amar menos – nenhuma quantidade de racismo ou orgulho; pornografia ou adultério, ou até mesmo homicídio. A graça significa que Deus já nos ama tanto quanto é possível um Deus infinito nos amar".[194]

A GRAÇA DE DEUS NA VIDA DE SEUS FILHOS

Certa vez ouvi um pregador comentar sobre a diferença entre misericórdia e graça. Explicou que misericórdia é quando Deus não dá à pessoa o que ela merece. De fato, todo ser humano merece a ira de Deus, a separação dele e a perdição. Entretanto, Deus, em sua misericórdia, não age desse modo.

Graça, por sua vez, é quando Deus dá ao ser humano o que ele não merece. Ninguém merece perdão, salvação, vida eterna, comunhão com Deus e paz. O Senhor, porém, em sua graça pode lhe dar tudo isso, pois é favor imerecido. Portanto, se alguém exigir de Deus, em oração, o que merece e Deus resolver atender, será uma tragédia. A Bíblia diz que nem sequer sabemos pedir como convém (Rm 8:26). O Senhor é poderoso para fazer muito mais do que pedimos ou podemos imaginar (Ef 3:20).

Charles Swindoll denuncia aqueles que promovem o legalismo e falham em pregar a graça de Deus:

Como fizeram nos dias de Lutero, eles aparecem em cada geração com argumentos convincentes, dizendo: “Você precisa esforçar-se muito”. Ou: “Você precisa deixar de lado isso e

aquilo”. Ou: “Você precisa provar a sinceridade da sua fé”. Ou: “Antes de Deus poder fazer isso na sua vida, você deve mostrar-se merecedor, fazendo isso e isso”. Esqueça! Deus, na sua graça, lhe oferece o dom gratuito do perdão. Tudo o que você tem a fazer é aceitá-lo. Uma vez que o aceite, receberá o poder de retirar, colocar, tirar, desistir, começar – qualquer deles. Mas não confunda a ideia da salvação. Ela é estritamente na base do dom gratuito de Deus. Apesar de tudo que possa ouvir em contrário, a ênfase não está no que podemos fazer para Deus, mas no que Deus fez por nós.[195]

Há muitos relatos nas Escrituras que ilustram a graça de Deus na vida de mulheres e homens. Um dos exemplos mais notáveis é o de Mefibosete, filho de Jônatas e neto de Saul. Jônatas foi o amigo mais íntimo de Davi e com quem o monarca fizera um pacto de lealdade (1 Sm 18:3).

Mefibosete tinha cinco anos de idade (2 Sm 4:4) quando lhe chegou a notícia da morte de seu pai e de seu avô. Apavorada, a ama fugiu com o menino na tentativa de escondê-lo. Por causa de uma queda durante a fuga, Mefibosete ficou aleijado de ambos os pés. Anos mais tarde, depois da estabilização do reino, Davi procurou beneficiar as pessoas da casa de Saul por amor de Jônatas. Ao inquirir se ainda havia alguém, o rei foi

informado sobre Mefibosete e o convidou para viver no palácio.

No encontro com Davi, Mefibosete, ciente de sua fragilidade, inclinou-se prostrando-se com o rosto em terra. Ao ouvir o rei pronunciar seu nome, Mefibosete respondeu: “Eis aqui teu servo”

(2 Sm 9:6). Davi então lhe disse: “Não temas, porque usarei de bondade para contigo, por amor de Jônatas, teu pai, e te restituirei todas as terras de Saul, teu pai, e tu comerás pão sempre a minha mesa” (2 Sm 9:7).

Sentindo-se miserável e inútil, Mefibosete respondeu: “Quem é teu servo, para teres olhado para um cão morto tal como eu?” (2 Sm 9:8). Com essa expressão, Mefibosete queria dizer ao rei que não valia a pena perder tempo com ele, dada sua insignificância. Mesmo assim, o filho de Jônatas passou a fazer suas refeições sempre à mesa do rei (2 Sm 9:13).

Foi uma atitude movida pela graça. Davi não tinha nenhuma obrigação de ajudar Mefibosete e nada lucraria ao fazê-lo. Além disso, Mefibosete não tinha nenhum direito àquele auxílio e nada a oferecer ao rei. Os benefícios da casa real chegaram-lhe por amor a Jônatas e nada mais. Não havia espaço para reivindicar ou exigir direitos. Ao contrário, o favorecido nem se considerou digno de receber tanta bênção e honra.

Assim também o cristão é agraciado continuamente, com bênçãos imerecidas, vindas do céu, por amor de Jesus.

Quando iniciei minha caminhada na fé evangélica, ouvi as crianças cantarem um corinho, e muitas vezes os adultos se juntavam a elas. A letra dizia:

Fazendo tudo pra Jesus gostar de mim,

Fazendo tudo pra Jesus gostar de mim,

Eu quero ser fiel até o fim,

Fazendo tudo pra Jesus gostar de mim.

Há muito tempo que não canto esse corinho e espero nunca mais fazê-lo. Hoje percebo que cantávamos uma inverdade. Não há nada que possamos fazer para Cristo nos amar mais do que nos ama. Ele nos amou mesmo quando ainda éramos rebeldes, inimigos de sua cruz e estávamos distanciados de seu Reino. É isso o que Paulo ensina: “Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm 5:8). Ele nos ama muito, e o seu amor é eterno e imutável.

AS BÊNÇÃOS DE DEUS

A maior prova do amor de Deus por nós está na cruz. A maioria dos evangélicos crê na salvação como fruto da graça de Deus por meio da fé em Cristo. Trata-se de dádiva, e não

consequência da prática de boas obras. Não há nada que o ser humano possa fazer para conquistar a salvação. Tudo já foi feito na cruz. É o que nos ensina o texto de Efésios 2:8-9: “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (grifos do autor).

Muitos evangélicos, porém, em especial os adeptos do neopentecostalismo, argumentam que, enquanto a graça de Deus para a salvação é imerecida, as bênçãos divinas dependem de certos quesitos. O fiel precisa exercitar a fé, fazer sacrifícios (financeiros), dar dízimos, levantar ofertas, corroborar a visão do líder, tomar uma atitude ou submeter-se a uma liderança profética ou à visão apostólica. A relação de requisitos é enorme.

Textos bíblicos, muitas vezes utilizados fora de contexto, são citados na tentativa de levar o ouvinte a cumprir a lista de exigências. Um exemplo está em Gênesis 22, que narra o sacrifício de Isaque. O argumento dos pregadores baseia-se no pedido de Deus a Abraão. O Senhor pediu a seu servo o que lhe era mais caro e mais difícil de entregar: seu filho Isaque. De acordo com esse raciocínio, declaram que Deus exige que seus fiéis entreguem o que lhes for mais difícil: um carro, um terreno, dinheiro da poupança, até a casa ou o apartamento.

A Bíblia nos mostra que, uma vez pronto para sacrificar Isaque, viu Deus a fé de Abraão e impediu-o de consumar o sacrifício. Em lugar do menino, Deus providenciou um

cordeiro para o holocausto. O mesmo, porém, não se dá com muitos pregadores de hoje. O exemplo bíblico é usado para coagir as pessoas a contribuírem financeiramente, mas o exemplo de Deus – de deter Abraão no momento exato do sacrifício – não é seguido por eles. Uma vez entregues chaves de carros e de imóveis, joias, cheques e outros pertences, tudo deveria ser devolvido, pois, como Abraão, os fiéis já teriam provado sua fé. Entretanto, isso nunca acontece.

Não é de hoje que o dinheiro e as bênçãos de Deus mantêm uma relação bastante estreita. O profeta Eliseu foi usado por Deus para curar da lepra o general sírio Naamã. Apesar da insistência do general, o profeta não aceitou nenhuma recompensa material pelo milagre ocorrido. Naamã não precisou fazer oferta de sacrifício nem dar o dízimo. A cura foi fruto da graça de Deus.

Depois que Geazi, servo de Eliseu, longe dos olhos do profeta, tentou tirar proveito financeiro da situação, foi acometido de lepra (v. 2 Rs 5).

Um dos exemplos mais claros nas Escrituras sobre a tentativa de obter as bênçãos de Deus pelo dinheiro é o de Simão, o mago, em Atos 8:9-24. Ao ver os prodígios efetuados pelos apóstolos, Simão ofereceu-lhes dinheiro visando a obter o mesmo poder. Pedro o repreendeu e disse-lhe que se arrependesse da pretensão de comprar o dom de Deus.

A GRAÇA NOS LÁBIOS DE JESUS

O salmo 45, messiânico (cf. Sl 45:6-7 com Hb 1:8-9), declara que a graça derramou-se nos lábios de Jesus (S1 45:2). O surpreendente é que Jesus nunca pronunciou tal palavra. Apesar disso, ela permeou todos os aspectos de sua vida e obra. Quando Jesus perdoou a mulher pecadora – dizendo-lhe que ele também não a condenaria, mas que fosse embora e não pecasse mais (Jo 8:3-11) –, a graça se lhe derramou dos lábios.

Depois de ter sido negado por Pedro, Jesus pediu ao apóstolo que apascentasse suas ovelhas. Mais uma expressão de graça (Jo 21:17). Ao olhar do alto da cruz para seus algozes, Jesus pediu ao Pai que os perdoasse. Era a graça que se lhe derramava dos lábios (Lc 23:34). Quando disse ao paralítico de Cafarnaum que seus pecados estavam perdoados, era mais uma manifestação da graça.

Mesmo no momento mais angustiante de sua vida, pregado à cruz, Jesus não pôde conter sua graça. O malfeitor crucificado ao lado de Cristo rogou-lhe que se lembrasse dele quando entrasse em seu Reino. Jesus prontamente lhe respondeu que naquele mesmo dia estaria com ele no paraíso (Lc 23:42-43). Quanta certeza de perdão e salvação para quem não deu dízimo nem ofertas; para quem não foi batizado nem praticou boas obras! A graça foi suficiente!

Jesus derramou sua graça ao contar a parábola do filho pródigo (v. Lc 15:11-22). O jovem rebelde afastou-se do pai levando na bagagem a herança reclamada para depois

desperdiçá-la longe de casa. Faminto e humilhado, fez o caminho de volta disposto a ser tratado pelo pai como um de seus empregados, pois não se considerava digno de ser recebido como filho. Todas as exigências acabaram.

O pai, no entanto, pensava diferente. A Bíblia diz que o rapaz dirigiu-se ao pai, e este correu para o filho tão logo o avistou. Isso mostra que os passos do arrependimento são vagarosos e difíceis, enquanto os passos da graça e do perdão são velozes. O filho encontrou o que nunca esperava nem merecia: abraços, beijos, boa comida, anel no dedo, roupa, sandálias e uma grande festa. Não houve censura nem cobrança por parte do pai. Em vez disso, ele ofereceu graça, em abundância.

A graça de Jesus se manifestou na cura de cegos, leprosos e aleijados, na libertação de vidas dominadas pelo mal, no tratamento com as crianças, com os fracos, os indefesos e os pobres. Cristo viveu a graça ao curar a orelha direita de Malco (Jo 18:10), servo do sumo sacerdote que integrava a multidão que se dirigiu ao jardim do Getsêmani para prendê-lo. Ferido com a espada de Pedro, o servo foi graciosamente socorrido pelo Senhor (Lc 22:50-51).

Houve graça na multiplicação dos pães, que alimentou uma grande multidão (Mc 6:41-44), na transformação da água em vinho no casamento em Caná da Galileia (Jo 2:1-11), na ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc 7:11-17) e na libertação da filha da mulher siro-fenícia (Mt 15:21-28). São incontáveis as pessoas que foram tocadas e transformadas

pela graça do Senhor durante seu ministério terreno.

GRAÇA SURPREENDENTE

Que bom seria se os cristãos vivessem uma vida totalmente agradável a Deus, que todos tivessem fé a ponto de transportar montanhas, que todos cultivassem uma vida pura, de completa obediência ao Senhor. Embora seja esse o ideal, não é o que a realidade reflete na experiência do dia a dia dos filhos de Deus, nem mesmo na Bíblia Sagrada.

As narrativas laudatórias sobre os heróis das Escrituras não escondem os defeitos dessas pessoas. Basta ler as biografias de Abraão, Moisés, Davi, Pedro e de muitos outros. Apesar de suas fraquezas, de seus pecados e de sua falta de fé, receberam o favor da graça de Deus. Isso nos mostra que o Senhor, de forma surpreendente, nos abençoa até mesmo quando as condições para sermos abençoados deixam a desejar. Isso é graça.

Larry Crabb nos ajuda a entender melhor ao afirmar que "nossa maldade não é um empecilho para a bênção, assim como nossa bondade não é uma condição para sermos abençoados".[196] É o que vemos na vida de Aarão. Enquanto ele liderava o povo na idolatria do bezerro de ouro, Deus dava instruções a Moisés sobre as vestes sacerdotais que Aarão usaria. É claro que Deus estava ciente das ações de Aarão. Entretanto, isso não impediu o irmão de Moisés de exercer seu ministério sacerdotal (Êx 28:4; 32:1-6). Aarão não

merecia, mas a graça prevaleceu.

Nabucodonosor fez uma estátua de ouro para que todos se curvassem diante dela em adoração. Três jovens hebreus cativos, Sadraque, Mesaque e Abedenego, recusaram-se a reverenciá-la. O rei, então, decidiu lançá-los em uma fornalha. Antes, porém, de aplicar o castigo, perguntou-lhes: “E quem é o deus que vos poderá livrar das minhas mãos?”. Os rapazes responderam: “Se o Senhor nosso Deus, a quem servimos, quiser livrar-nos, ele nos livrará da fornalha de fogo ardente, e das tuas mãos, ó rei. Se não, fica sabendo, ó rei, que

não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste” (Dn 3.) O intrigante nessa narrativa é que os três jovens admitiram a possibilidade de Deus não livrá-los. Apesar da declaração negativa, foram protegidos sobrenaturalmente por Deus.

O pai de um menino possesso pediu que Jesus libertasse o filho (Mc 9:17-29). Jesus respondeu: “Tudo é possível ao que crê”. O pai do menino, aflito, disse: “Eu creio, ajuda-me na minha falta de fé”. Ele começou afirmando que acreditava, mas terminou confessando sua falta de fé. Era como se ele dissesse: “Eu não consigo crer. Eu já sofri demais com meu filho e já tentei de tudo para ajudá-lo. O sofrimento, as decepções, as falsas esperanças dos quais fomos vítimas mataram minha fé. Jesus, não me peça para crer, pois não consigo fazê-lo, Ajuda-me na minha falta de fé”.

Que fez Jesus? Por acaso disse-lhe que o filho não seria liberto devido à falta de fé do pai? Não, não foi isso o que aconteceu. O menino foi liberto porque acima da falta de fé e da fraqueza espiritual daquele pai estavam a misericórdia, o amor e a graça do Senhor.

Para muitos adeptos do neopentecostalismo, as bênçãos materiais e físicas – como dinheiro, imóveis, saúde, automóveis, proposta de casamento – constituem sinais visíveis de uma pessoa agraciada por Deus. Entretanto, a graça de Deus também se manifesta no sofrimento de seus filhos. O apóstolo Paulo reclamava de um "espinho na carne" (não se sabe o que era). Por três vezes orou a Deus para que o livrasse daquele tormento. A resposta de Deus, porém, não foi a que Paulo esperava nem desejava: "A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza" (2 Co 12:7).

Paulo aprendeu que o espinho na carne tinha um propósito: impedir que ele caísse na soberba por causa da grandeza das revelações de Deus em sua vida. O apóstolo compreendeu que poderia viver contente com as fraquezas para que o poder de Cristo repousasse sobre ele. Por isso sentia alegria nas fraquezas, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, nas ofensas e nas calúnias, por amor a Cristo (2 Co 12:9-10).

Paulo não encostou Deus na parede, não determinou nem decretou nada. Não ficou revoltado nem declarou não aceitar aquele espinho na carne. Max Lucado oferece um proveitoso comentário sobre o espinho na carne de Paulo: "Veja bem, da

perspectiva celeste, a graça é suficiente. Se Deus não fizesse nada mais que nos salvar do inferno, poderia alguém reclamar? Se Deus nos salvasse a alma, e então nos deixasse viver leprosos numa ilha deserta, estaria sendo injusto? Uma vez que nos foi dada a vida eterna, atrevemo-nos a murmurar num corpo dolorido? Uma vez que nos foram dadas riquezas celestiais, ousamos lamentar a pobreza terrena?".[197]

Observe as palavras de Ariovaldo Ramos:

Todo ser humano sofre. É parte da condição humana. Porém, quem sabe o que fazer em relação ao sofrimento? Deus sabe! Entretanto, muitas vezes, parece que para Deus a questão não está em como solucionar o sofrimento, mas em entender que o sofrimento é a solução.[198]

Quando Paulo escreveu aos filipenses, disselhes que já havia aprendido a viver contente em qualquer situação, que podia suportar tudo naquele que o fortalecia, como ser humilhado ou honrado, ter fartura ou sentir fome, ter abundância ou escassez (Fp 4:11-13).

Este era o homem por meio de quem Deus fazia "milagres extraordinários" (At 19:11). Ao defender seu chamado e ministério, Paulo afirmou: "Eu sou o que sou pela graça de Deus" (1 Co 15:10).

Todas as epístolas do apóstolo Paulo começam com a graça sempre atrelada à paz e terminam com a graça. Quando falou

aos bispos de Éfeso, disselhes que havia recebido um ministério do Senhor Jesus, o de anunciar o evangelho da graça de Deus (At 20:24). Quando a graça de Deus se move em uma comunidade, não é preciso manipular pessoas para que contribuam. Elas o farão espontaneamente, como aconteceu com os cristãos da Macedônia, mesmo em meio à mais extrema pobreza (2 Co 8:1-5).

As manifestações da graça de Deus na Bíblia e na história da Igreja são constantes e têm trazido conforto para os cristãos de todas as épocas. A graça divina tem sido demonstrada no trabalho missionário da Igreja, na construção de asilos, orfanatos e hospitais, na recuperação de viciados, no cuidado de pessoas idosas e carentes e na pregação do evangelho.

Apesar de tudo isso, parece que muitos evangélicos hoje precisam redescobrir a verdadeira graça de Deus. Os fracos e os pecadores precisam saber que têm um lugar de refúgio junto ao trono da graça. Assim, o escritor de Hebreus nos convida para ali nos achegarmos, com confiança e ousadia, a fim de sermos ajudados em nossas fraquezas enquanto houver oportunidade (Hb 4:15-16).

Se vivermos pela graça como nos ensina a Bíblia, então não precisaremos de símbolos nem de amuletos – que se multiplicam e variam semana após semana – como meios de garantir as bênçãos de Deus em nossa vida. O cristão que conheceu a graça de Deus e por ela foi tocado não precisa temer encostos, maldições de antepassados, nem viver

obcecado com demônios ou preso em uma batalha espiritual sem base bíblica.

Tudo o que o cristão precisa é firmar-se apenas no sólido fundamento da Palavra de Deus. É preciso ter em mente que a vida espiritual não consiste de uma preocupação doentia com Satanás e com o mal, mas da contemplação constante da face do Senhor, como orientam as Escrituras em Hebreus 12:2: "Olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus". Ele que é "cheio de graça e verdade" (Jo 1:14).

9 Capítulo
O sofrimento e a esperança segundo as escrituras

A importância do tema "esperança" pode ser observada nos escritos do apóstolo Paulo. Ele a colocou ao lado da fé e do amor como ingredientes essenciais da vida cristã (1 Co 13:13). Há uma escassez de esperança no mundo. As catástrofes naturais ceifam vidas e provocam grandes perdas, muitas vezes provocadas pelo descaso com o meio ambiente. As epidemias dizimam multidões em toda parte – principalmente a de AIDS, em algumas regiões da África.

Ainda existem vários bolsões de tensão política em muitas partes do planeta. O terrorismo conseguiu tirar a paz até dos norte-americanos, que vivem em constante estado de alerta. Aqui no Brasil há o desemprego, a desigualdade social

provocada pela distribuição de renda injusta, uma rede hospitalar inoperante, violência e corrupção.

Em novembro de 2003 os intelectuais brasileiros manifestaram sua contrariedade com os rumos do governo Lula. Falavam de decepção e esperança. O cientista político Luiz Werneck Vianna desabafou: “Há muita desesperança no ar”. O economista Reinaldo Gonçalves afirmou não estar decepcionado, e explicou: “Só se decepciona quem tinha ilusão. Como eu não tinha ilusão, não me decepciono”.[199]

Onde encontrar esperança? E se puder ser encontrada, como pode ser mantida? Os teólogos Jürgen Moltmann e Casiano Floristán vão buscar nas Escrituras a base para a esperança cristã e para pastorear em um contexto hostil à esperança. Nenhum deles se concentra apenas nos problemas, nos desafios ou nas oportunidades presentes para a teologia no mundo atual, mas focam em um futuro promissor: “A Bíblia narra uma história de salvação e de libertação, aberta a um futuro promissor, com a preocupação de que se instaure, aqui e para sempre, um reino de justiça e de caridade, que é o Reino de Deus”.[200]

(…) os escritos veterotestamentários de Israel dão testemunho não apenas da experiência do Êxodo e da fé na Criação, mas também no âmbito da profecia, da esperança messiânica de um Êxodo novo e definitivo (…).

A visão messiânica do novo Êxodo recupera a lembrança do

primeiro, mas é-lhe superior em virtude da esperança. Os emigrantes não passarão sede nem fome (Is 48:21). O seu caminho será fácil, porque todos os obstáculos serão varridos (Is 49:11). A retirada não será às pressas, mas festiva, como em uma procissão, conduzida pelo próprio Deus (Is 52:12). A natureza participará da alegria da libertação final do povo de Deus, as montanhas prorromperão em aclamações e as árvores do campo aplaudirão (Is 49:13; 55:12). "Águas fluirão no deserto, e torrentes correrão sobre a terra árida" (Is 35:6). Todos os povos verão isso. Seus ídolos desaparecerão na sua

impotência (Is 41:11; 42:17; 45:24). Reconhecerão no Deus de Israel a sua salvação e a sua força (Is 45:14).[201]

A CONTRIBUIÇÃO DE JÜRGEN MOLTMANN

Conhecido como o "teólogo da esperança", Moltmann nasceu na Alemanha e cresceu longe da Igreja e da Bíblia. Foi influenciado pelos poetas e filósofos alemães Lessing, Goethe e Nietzche. Sua convocação pelo exército alemão para lutar na Segunda Guerra Mundial e sua trajetória de vida colocaram-no entre os maiores teólogos do século XX. Vários episódios de sua vida, principalmente os que foram vividos durante a guerra, contribuíram para forjar sua teologia. No livro A fonte da vida, Moltmann narra sua caminhada em direção à fé cristã:

Nossas almas estavam profundamente feridas quando

finalmente a guerra acabou; e depois dos anos em Norton Camp, muitos de nós disseram: “Minha alma sarou, pois vi a Deus”. Nos acampamentos de trabalho sobreveio-nos a noite do desespero total. Cada um a sua maneira, fomos vitimados por torturantes e penetrantes pensamentos noturnos. Quando fomos soltos, vimos que “o sol havia nascido”. E como forma de recordação permanente, cada um de nós “manca de uma coxa”, cicatrizes daquele tempo no corpo e na alma. Por isso escolhi esse relato bíblico [Gênesis 32:25-32] para, por meio dele e nele abrigado, narrar nossa história como a experimentei.[202]

Em julho de 1943 Moltmann foi ajudante da Força Aérea em uma bateria antiaérea no centro de Hamburgo e quase morreu em

um ataque da Royal Air Force denominado “Operação Gomorra”. Seu amigo, que operava ao lado no comando do equipamento, foi morto por uma bomba. Naquela noite, clamou pela primeira vez a Deus e passou a ser perseguido pela indagação: “Por que não estou morto também? Para que vivo? O que dá sentido à minha vida?”. Moltmann admite: “É provável que minha teologia tenha começado aquela noite, pois sou originário de uma família secularizada, e não conhecia a fé”.[203]

Livre da morte, mas prisioneiro de guerra, ele passou por vários acampamentos. O fim da guerra mostrou uma Alemanha com as cidades destruídas e doze milhões de

fugitivos da Prússia Oriental e da Silésia. Nas palavras de Moltmann: “Havíamos escapado, porém perdêramos qualquer esperança”.

Em setembro de 1945, fotos de Bergen-Belsen e Auschwitz, mostrando as montanhas de cadáveres, foram expostas. Pouco a pouco, Moltmann foi percebendo os erros do nazismo e a destruição de sua geração em favor da agenda de Hitler, e pensou em nunca mais voltar à Alemanha. Com o tempo, sentiu o dever de retornar ao seu país.

A “transformação imerecida” de Moltmann aconteceu pela leitura da Bíblia e por meio de encontros com pessoas. Enquanto estava no campo de trabalho da Escócia, ganhou uma Bíblia do capelão militar. Ficou fascinado com o salmo 39, de lamentação. Depois, leu a narrativa da paixão de Cristo e, quando leu o grito de Jesus ao morrer – “Meu Deus, por que me abandonaste?” –, teve a certeza de que ali estava o único que poderia compreendê-lo. Moltmann conta:

Comecei a compreender o Cristo atribulado, porque sentia que era compreendido por ele: o irmão divino na aflição, que leva consigo os cativos em seu caminho para a ressurreição. Recobrei o ânimo de viver. Fui tomado de uma grande esperança. Também tive paz quando outros foram repatriados, e eu não. Desde então, nunca mais se apartou de mim essa antiga comunhão com Jesus, o irmão no sofrimento e o redentor da culpa. Nunca tomei uma decisão por Cristo, como

muitas vezes se exigia. Contudo, tenho certeza de que, naquele tempo e naquele lugar, ele me encontrou no buraco negro da minha alma. O abandono de Cristo por Deus me mostrou onde Deus está, onde ele estava e onde estará comigo em minha vida.[204]

Outro fator que influenciou Moltmann em sua caminhada espiritual foi a gentileza demonstrada pelos escoceses e ingleses, antigos inimigos. Mais um acontecimento que, nas palavras de Moltmann, virou-o do avesso, foi o convite para participar da primeira conferência internacional da Student Christian Mission [Missão Cristã Universal], em Swanwick/Derby, no verão de 1947. Moltmann participou do evento com outros prisioneiros e ainda vestindo seu uniforme de guerra. Foi saudado como irmão em Cristo, comia, cantava, orava junto com outros jovens cristãos do mundo inteiro e às vezes não conseguia deter as lágrimas. As experiências vividas durante a guerra o marcaram para sempre. Para Moltmann, sofrimento e esperança caminham juntos, um corroborando o outro.

Moltmann acredita que a compaixão é o centro da vida cristã. Compaixão não é apenas uma maneira de fazer certas coisas em favor

de determinada comunidade. Ela está relacionada com o coração, uma forma de experimentar a vida de dentro para fora. Uma comunidade compassiva não se baseia em compatibilidade psicológica ou unanimidade teológica. Ser

compassivo é estar com alguém em seu sofrimento. Deus não se revelou em Jesus Cristo para tirar nossas dores, mas para compartilhá-las. Em Jesus, Deus revelou-se a nós como um Deus sofredor. Ele entrou em solidariedade com a humanidade.

Em Teologia da esperança, obra que o tornou conhecido como um dos grandes teólogos da atualidade, Moltmann produziu um projeto de teologia escatológica entendida como escatologia histórica, que desenvolveu como doutrina da esperança e da práxis da esperança. Ele acredita que a única certeza que se tem em relação ao futuro gravita em torno do Cristo crucificado e ressuscitado.

A esperança em Cristo não significa que o mal no mundo será ignorado ou evitado, mas ela é nutrida pela dor, pelo sofrimento e pela dificuldade. A base da esperança, entretanto, está relacionada com aquele que é maior que o sofrimento que enfrentamos.

Ao falar sobre o pecado do desespero, Moltmann adverte:

Deus elevou o homem e lhe concedeu perspectiva de liberdade e amplidão, mas o homem fica para trás e renuncia. Deus promete uma nova criação de todas as coisas em justiça e paz, mas o homem faz e age como se tudo permanecesse no velho e antigo. Deus o faz digno de suas promessas, mas o homem não confia naquilo que lhe é proposto. Este é o pecado que mais ameaça o crente – não o mal que ele faz,

mas o bem que deixa de fazer; acusam-no não as suas más ações, mas as suas omissões. Acusam-no de falta de esperança; pois os assim chamados pecados de omissão se fundamentam todos na desesperança e na pouca fé.[205]

A desesperança pode tomar duas formas: presunção ou desespero.[206] Ambas são formas de pecado contra a esperança. A presunção é uma preocupação inoportuna e arbitrária do cumprimento daquilo que se espera de Deus. Ambas as formas de desesperança, tanto a antecipação do cumprimento quanto a renúncia à esperança, destroem o caráter de peregrinar, de estar a caminho da esperança. Revoltam-se contra a paciência da esperança, que confia no Deus da promessa. Impacientes, querem "já, agora" o cumprimento, ou então "nunca mais" têm esperança. "Tanto no desespero quanto na presunção endurece-se e gela aquilo que é propriamente humano, e que só a esperança pode conservar pela livre tendência para a frente."[207]

Moltmann recorreu bastante às Escrituras para desenvolver sua teologia da esperança.[208] De fato, a Bíblia é, do começo ao fim, um livro impregnado de esperança. Nos dias de Esdras, quando todo o povo lamentava a transgressão dos filhos de Israel por estes terem se casado com mulheres heteias, Secanias confortou Esdras, dizendo: "Nós temos transgredido contra o nosso Deus, casando com mulheres estrangeiras, dos povos de outras terras, mas, no tocante a isto, ainda há esperança para Israel" (Ed 10:2). O salmista diz com confiança: "De fato, dos que em ti esperam, ninguém

será envergonhado” (Sl 25:3).

A fé implica a esperança: sem ela, a fé enfraquece. Já a fé em Cristo sem esperança produziria um conhecimento de Cristo

efêmero e infrutífero. Mas a esperança, por sua vez, implica a fé; sem fé, a esperança efetivamente se tornaria utopia, perdendo assim sua dimensão teológica.[209]

A QUESTÃO DO SOFRIMENTO

Independentemente de ser judeu, cristão, muçulmano ou ateu, qualquer um conhece o significado da dor. O sofrimento acompanha o ser humano de todas as épocas e atinge o mundo todo, ainda que em proporções desiguais. Embora haja regiões que sofrem mais que outras devido às guerras, calamidades naturais e epidemias, todas acabam recebendo sua porção de adversidade. Os cristãos sofrem não apenas porque estão em um mundo afetado pelo mal, mas pela sua identificação com Cristo.

Foi isso o que Paulo expressou ao revelar o desejo de conhecer mais a Cristo: “Para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte; para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos” (Fp 3:10-11). Paulo sabia que se identificar com Cristo é sofrer. Mas as coisas não param aí. Há uma esperança que o sustenta no meio da dor, isto é, a ressurreição dos mortos.

E é isso o que se vê em Moltmann: esperança, mesmo em meio ao sofrimento e à dor. Dor e esperança caminham juntas em direção ao futuro, ao cumprimento das promessas de Deus. Assim, Moltmann não é considerado apenas o teólogo da esperança, mas também do sofrimento. Ele o conheceu em primeira mão e sobre ele passou a falar e a escrever.

No centro da fé cristã encontramos um relato especial: a história da paixão (…). A história de Cristo é a história de uma grande paixão, de um amor apaixonante. E justamente por isso chegou a ser a história de uma agonia mortal (…). Viver sem paixão empobrece. Viver sem disposição para o sofrimento é miserável. Temos de superar tanto o medo de viver apaixonadamente como o medo de sofrer (…). O que sofre sem sentido, no primeiro momento, se considera abandonado por Deus. Aquele que, em sua agonia, clama por Deus, pode descobrir que está sintonizado com o grito mortal de Cristo. Descobre no Cristo que sofre o Deus compassivo, o Deus que o entende. Ao sentir isso, a pessoa se dá conta de que Deus não é aquele poder longínquo e frio do destino que alguém pode acusar, mas, melhor dizendo, é um Deus feito humano em Cristo, que grita junto com e dentro de nós, e quem luta por nós quando somos calados por nossas dores. [210]

Moltmann está ciente da visão distorcida do neopentecostalismo, que ele chama “movimento carismático”, e critica:

O que se relata sobre o movimento carismático é muitas vezes parecido com as "histórias de sucesso" (success-stories) americanas. Mas a "religião do sucesso" não encontra o mínimo sentido religioso nas dores, nos fracassos ou nas deficiências da vida. A teologia da cruz não combina nem com esta sociedade, oficialmente otimista, nem com sua religião civil.[211]

Moltmann usa as palavras de Paulo em 2 Coríntios 12:9-l0 para reforçar seu argumento. Nesse texto, Paulo pediu a Deus que removesse de si um espinho na carne, algum sofrimento físico, e recebeu a seguinte resposta a sua oração: "Então, ele me disse: A minha graça te basta; porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte".

"Ninguém é inútil e sem valor", argumenta Moltmann. Todos têm serventia e importância porque são semelhantes a Cristo. Além disso, o Corpo precisa de todos: fortes e fracos, e a estes Deus concede mais "honra e brilho" (1 Co 12:24) porque "o corpo de Cristo é o corpo do glorificado e do humilhado, o corpo do ressuscitado e do crucificado".[212]

Quando Moltmann afirma que "a esperança prontifica-se a carregar a cruz do presente" e que "ela pode suportar a morte e esperar pelo inesperado", não está dizendo que tal esperança

frustra a felicidade do ser humano, pois ela mesma é a felicidade do presente. A espera é benéfica, pois permite à pessoa aceitar seu presente "e bem-estar não só na felicidade, mas também na dor". A esperança é capaz de passar pela felicidade e pela dor porque avista o futuro, "o que morre e o que está morto, futuro que está nas promessas de Deus".[213]

Moltmann crê que no centro da fé cristã encontra-se a história de Cristo, e no centro da história de Cristo encontra-se a sua paixão e a
morte de cruz. Entretanto, os sofrimentos ao redor daquela paixão

são hoje colocados de lado. O alvo da sociedade moderna é alcançar a felicidade sem passar por sofrimentos. Isso, porém, é impossível. Então esquece as dores, elimina os sofrimentos e se priva da paixão pela vida. "Vida sem disposição para o sofrimento torna-se superficial. É preciso superar tanto o medo da paixão quanto o temor do sofrimento, se é que se quer realmente viver a vida e afirmá-la até a morte."[214]

Enquanto o neopentecostalismo considera a pobreza material maldição, castigo de Deus, falta de fé ou ataque de Satanás, Moltmann não apenas a encara de modo diferente, mas contribui com um ponto de vista equilibrado:

As lamentações contidas nos salmos do Antigo Testamento são desabafos de dor dos inocentes perseguidos e dos justos que sofrem. Uma dor que ultrapassa qualquer medida

imaginável de castigo, e que não deixa margem alguma para a busca de uma culpa escondida – tal fora também a dor de Jó. Em face da angústia pela perda dos filhos queridos, a questão da culpa é totalmente obsoleta. Um possível desejo de autopunição não tem condições de apaziguar tal aflição. Este desejo, na verdade, é totalmente sem sentido. Os tormentos de Caim ainda poderiam ser encarados como castigo pelo fratricídio. Mas os sofrimentos de Jó nada têm a ver com isso. Ocorre também que a expressão usual "sofrimento inocente" subentende que podemos defrontar-nos igualmente com um "sofrimento culpado". Mas, de qualquer maneira, a experiência da dor, na verdade, ultrapassa de muito a questão da culpa ou da

inocência, relegando-a a uma questão secundária.[215]

QUANDO A ORAÇÃO NÃO É ATENDIDA

Refletindo o triunfalismo da confissão positiva, Kenneth Hagin conta como aprendeu a orar: "Descobri que o modo mais eficaz de se orar é aquele pelo qual você requer os seus direitos. É assim que eu oro: 'Exijo os meus direitos!'".[216]

Seguindo a mesma linha de Hagin, R. R. Soares ensina que "usar a frase 'Se for a tua vontade' em oração pode parecer espiritual, ou demonstrar atitude piedosa de quem é submisso à vontade do Senhor, mas além de não adiantar nada, destrói a própria oração".[217]

Em seu livro Como ser dirigido pelo Espírito de Deus, Kenneth Hagin declara jamais ter estado no vale, mas apenas no cume da montanha. Mesmo em provações, ele afirma ter se mantido no cume gritando pela vitória, vivendo acima dos problemas.[218]

Como vimos, muitos filhos do neopentecostalismo vivem hoje vagueando em busca de acolhimento, de uma igreja à qual possam pertencer, de um espaço onde possam curar suas feridas. Suas experiências destoam daquilo que Soares e Hagin afirmam viver e receitam para outros. Mais que isso. As Escrituras mostram que as orações nem sempre são respondidas como as pessoas desejam. Moisés pediu a Deus para entrar na terra prometida e isso não aconteceu (Dt 3:23-27). Paulo suplicou a Deus que lhe retirasse um espinho da carne, e Deus não o fez (2 Co 12:7-10). O próprio Jesus orou ao Pai pedindo que, se fosse possível, o cálice do sofrimento fosse afastado dele, mas foi à cruz e morreu (Mt 26:39).

Mas não é assim que muitos cristãos têm orado:

Cada vez mais oramos por motivos egoístas e consumistas, e não por virtudes e vitória sobre a tentação. Embora o problema venha desde os tempos apostólicos, todos estamos enxergando a generalização e o agravamento da questão. Pregadores de grandes auditórios e uma boa quantidade de livros estimulam essa prática, enquanto Tiago afirma categoricamente: “Quando [vocês] pedem, não recebem porque pedem mal, pedem coisas para usá-las para os seus

próprios prazeres" (Tg 4:3, BLH) (…). Não pedimos a Deus coisas que nos fariam luz do mundo e sal da Terra, como amor, paciência, espírito de perdão, sabedoria, humildade, pureza, ousadia, generosidade, mansidão, fé e poder espiritual. Essas são, na verdade, as nossas maiores necessidades. E além do lucro pessoal, essas virtudes ajudam a trazer o Reino de Deus à Terra.[219]

Moltmann também enfatiza a vontade de Deus na resposta à oração ao mencionar o Getsêmani e a súplica de Jesus: "Quando a oração de Jesus não foi atendida no Getsemâni, seus discípulos caíram num sono profundo [Mt 26:40]. Também essa é uma reação comum a uma condição absolutamente inconsolável. Quando nossas orações não são atendidas e não sentimos nada além do silêncio total ao nosso redor, é bom lembrar o Getsemâni e participar mentalmente da apaixonada oração de Jesus a seu Pai celestial, bem como do abandono que sentiu por parte de Deus. Jesus não foi poupado desse cálice do abandono, por cuja passagem ele rogara tanto. Não foi a sua vontade, mas a vontade de Deus que aconteceu, a qual ele não queria".[220]

Quando as orações, não são atendidas, o ser humano questiona sua confiança em Deus, sua sobrevivência diante do "silêncio" do Pai: Senhor, por quê? Por que eu? Não raro, a pessoa cessa de orar, pois a oração, segundo sua ótica, não obteve resultado. Alguns chegam mesmo a abandonar a fé ou a rebelar-se contra Deus, como ocorreu com a mulher de Jó (cf. Jó 2:9).[221]

Quem dentre nós reencontra seu próprio abandono de Deus na solidão de Jesus ora sem ser atendido, ingressa numa experiência com Deus que os místicos cristãos mais tarde chamaram de "noite escura da alma". Nós nos resignaríamos ou, como que anestesiados, endureceríamos por dentro se não conquistássemos a força de vigiar nessa noite de Deus. Vigiar significa aperceber-se, de olhos abertos e com todos os sentidos atentos, desse eclipse de Deus. No Novo Testamento não nos é dito simplesmente: "Orai!", mas sempre de novo: "'Vigiai e orai!". Aprendemos esse "vigiar" na comunhão com Jesus, quando Deus está distante de nós. É um vigiar e esperar no Espírito Santo, que está conosco e intercede por nós quando perdemos Deus de vista e a última centelha de fé se apaga.[222]

Ao discorrer sobre a esperança, Moltmann se baseia em sua experiência de vida, e não apenas na teoria. Os anos passados no campo de concentração, vivendo na fronteira entre a vida e a morte, as constantes adversidades e o senso de abandono, quando o céu parecia fechado e mouco, fizeram dele um sobrevivente. Moltmann encontrou forças e esperança no sofrimento de Cristo, em sua morte e ressurreição, temas fundamentais do Novo Testamento. Foi nas Escrituras, principalmente nos salmos de lamento do Antigo Testamento e nos escritos de Paulo, que Moltmann e muitos como ele ao longo da história encontraram alento e renovaram a esperança.

UMA PASTORAL DE ESPERANÇA À LUZ DA PRIMEIRA EPÍSTOLA DE PEDRO

Os receptores da carta de Pedro são estrangeiros e filhos da diáspora, palavra que significa “dispersão” e que aparece logo no primeiro versículo da epístola. Luis Mosconi afirma que “o autor sagrado deseja ajudar os destinatários a se situarem na história e a não perderem o rumo certo. Passa convicções capazes de sustentá-los na difícil travessia da vida. Escreve a carta em função disso”. Pedro queria transmitir:

- Coragem e firmeza para quem está passando momentos difíceis: “Permaneçam firmes na graça de Deus” (5:12).
- Alegria para quem anda abatido: “Se sofrem por causa da justiça, felizes de vocês” (3:14).
- Pés no chão e olhar para a frente. Esta caminhada tem futuro: “Estejam sempre prontos a dar a razão de sua esperança” (3:15).
- Seguir o exemplo de Jesus, Servo sofredor e vencedor: “Cristo sofreu por vocês, deixando-lhes exemplo para que sigam os passos dele” (2:21).[223]

Os leitores de Pedro precisam de esperança, e isso não lhes faltará. Logo no terceiro versículo da carta, Pedro fala de uma “viva esperança”, possível por causa da misericórdia de Deus e com base no Cristo morto e ressuscitado. Ao mencionar misericórdia e esperança em

uma carta endereçada a leitores que estão passando por adversidades, Pedro faz lembrar Jeremias em seu livro de Lamentações, depois da queda de Jerusalém diante dos babilônios. Em meio ao caos, o profeta declara:

Quero trazer à memória o que me pode dar esperança. As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade. A minha porção é o Senhor; diz a minha alma; portanto, esperarei nele. Bom é o Senhor para os que esperam por ele, para a alma que o busca (Lm 3:21-25).

A Bíblia de Estudo de Genebra comenta: "Uma palavra-chave nesta carta é 'esperança' (1:13, 21; 3:15). Na Bíblia, esperança não é incerteza ou expressão de desejo, mas uma expectativa confiante de futura bênção, baseada em fatos e promessas. "Viva" indica o caráter imortal e permanente dessa esperança".[224]

O salmista expressa a mesma confiança: "Com tremendos feitos nos respondes em tua justiça, ó Deus, Salvador nosso, esperança de todos os confins da terra e dos mares longínquos" (Sl 65:5). O sábio no livro de Provérbios também manifesta sua esperança: "Pela sua malícia é derribado o perverso, mas o justo, ainda morrendo, tem esperança" (14:32). Isaías é enfático: "Os que esperam no Senhor renovam as suas forças" (40:31). "Saberás que eu sou o Senhor, e que os que esperam em mim não serão envergonhados" (49:23).

Se a esperança tem um espaço assegurado no Antigo Testamento, no Novo isso também é bastante nítido. Muito do que se esperou no

Antigo Testamento foi concretizado no Novo. Sobre Jesus, Mateus declara: “E, no seu nome, esperarão os gentios” (12:21). Simeão, um homem justo e piedoso que vivia em Jerusalém, esperava ver o Messias, o que ele chamou “a consolação de Israel”, e isso aconteceu (Lc 2:25-32).

Paulo afirmou que estava preso por causa da “esperança de Israel” (At 28:20). Ele recomenda aos romanos que se alegrem na esperança, sejam pacientes e perseverantes (v. Rm 12:12). O apóstolo menciona as três características na ordem apropriada: a esperança é essencial para ter paciência no sofrimento e esta para perseverar na oração. Para o apóstolo, “a esperança não confunde” (Rm 5:5).

ESPERANÇA E RESSURREIÇÃO

Pedro reconhece que a regeneração do cristão para a viva esperança só é possível mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos. A morte e a ressurreição de Cristo tornaram-se o tema central da pregação apostólica. É o que afirma Paulo quando escreve à comunidade de Corinto:

Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras (…). E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã a vossa fé (…). E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados (…) Se a nossa

esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens (1 Co 15:3, 14, 17, 19).

Moltmann está sempre ocupado com a morte e a ressurreição de Cristo, fonte de sua esperança:

(...) o cristianismo fica de pé ou cai com a realidade da ressurreição de Jesus dentre os mortos, por obra de Deus. No Novo Testamento não existe fé que não se baseie a priori na ressurreição de Jesus. Uma fé cristã que não é fé na ressurreição não pode, por isso, ser chamada nem "cristã" nem "fé". A realidade da ressurreição, o testemunho e a esperança escatológica estão ligados entre si no querigma pascal.[225]

Por isso, é lamentável que existam cristãos que, na verdade, creem em Deus, mas rejeitam a ressurreição de Cristo. Para eles, Jesus se reduz a uma grande personalidade histórica que, através da jornada da história, se funde cada vez mais com o passado. Desta redução liberal de Jesus falta apenas um passo até o islamismo. "Deus, sim; Jesus, não" não traduz uma possibilidade cristã.[226]

A REALIDADE NO SOFRIMENTO

Ao contrário do que prega a teologia da prosperidade, Pedro diz em sua primeira carta que o sofrimento é necessário (1:6). Embora o sofrimento seja contrário à vontade original de Deus, ele pode ser uma experiência na vida de muitos cristãos,

mesmo contra sua vontade. Salmos 91:15 expressa algo parecido: “Ele me invocará, e eu lhe responderei; na angústia eu estarei com ele, livrá-lo-ei e o glorificarei”. Apesar da oração respondida, da presença de Deus e de sua promessa, haverá angústia.

Um dos textos bíblicos mais usados pelos pregadores da teologia da prosperidade é o capítulo 11 de Hebreus, onde a ênfase do autor

é a fé. Logo no início do capítulo, ele apresenta uma definição da fé e passa a relatar como muitos personagens importantes do Antigo Testamento realizaram grandes feitos por meio da fé. Sua lista é considerável: Abel, Enoque, Noé, Abraão, Sara, Isaque, Jacó, Moisés, Raabe, Gideão, Baraque, Sansão, Jefté, Davi e Samuel.

Os versículos 33 a 35 têm sido enfaticamente usados pela confissão positiva para estimular as pessoas a desenvolverem a fé, a contribuírem financeiramente, a viverem uma vida de saúde e abastada. No entanto, curiosamente, a pregação neopentecostal evita os versículos 36 a 38, que tratam daqueles que sofreram pela fé:

Alguns foram torturados, não aceitando o seu resgate, para obterem superior ressurreição; outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos ao fio da espada; andaram peregrinos, vestidos de

peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados (homens dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra.

Há dois grupos de pessoas no capítulo 11 de Hebreus, sendo que todos viveram e agiram pela fé. O primeiro grupo arrasou pela fé. O segundo foi arrasado pela fé. A expressão que aparece no versículo 38, “homens dos quais o mundo não era digno”, é uma referência ao segundo grupo, que sofreu pela fé.

O cristão sofre por causa de sua identidade como discípulo de Jesus Cristo, que o chama para, a cada dia, tomar a sua cruz e segui-lo (Lc 9:23). Paulo sabia disso e declarou: “Se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados” (Rm 8:17). Seu desejo era conhecer a Cristo, estar intimamente ligado a ele em todos os aspectos de seu ser, ainda que isso significasse sofrimento (v. Fp 3:10-11).

Sempre que foi preciso, Paulo sofreu por amor a Cristo. Em 2 Coríntios 11:23-28, quando defende seu ministério, ele apresenta uma lista de seus sofrimentos:

São ministros de Cristo? (Falo como fora de mim.) Eu ainda mais: em trabalhos, muito mais; muito mais em prisões; em açoites, sem medida; em perigos de morte, muitas vezes. Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um; fui três vezes fustigado com varas; uma vez

apedrejado; em naufrágio, três vezes; uma noite e um dia passei na voragem do mar; em jornadas, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios, em perigos entre os gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias, muitas vezes; em fome e sede, em jejuns, muitas vezes; em frio e nudez. Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas.

Em seu livro Por que Deus não me cura? Ron Dunn conta que a pesquisa para o livro começou quando sua fé colidiu subitamente com a enfermidade, o sofrimento e a morte na família.[227]

Sua mãe morreu de câncer, apesar das muitas orações feitas por ele e pela igreja. Seu filho também não foi curado de distúrbio maníaco-depressivo e suicidou-se aos dezoito anos de idade. Seu sogro morreu de câncer aos 62 anos, apesar das muitas orações e declarações de cura.

No início dos anos 1980, o próprio Ron teve sérios problemas de saúde. De 1976 a 1986 lutou contra uma profunda depressão e só melhorou quando passou a consultar um psiquiatra. Na mesma época, estava escrevendo um livro sobre o poder da oração, o que se tornou um paradoxo em sua vida. Apesar de tudo, Ron manteve a fé e a esperança, e seu livro tem ajudado muitas pessoas ao redor do mundo.

RESPONDENDO COM AMOR

A esperança cristã, principalmente quando mesclada com o sofrimento, causa admiração e questionamento. Em 1 Pedro 3:15 o apóstolo instrui seus leitores a responderem às pessoas que perguntarem sobre o motivo da esperança que possuem. Como conseguem, em meio às lutas e adversidades, manter a esperança?

O verbo "responder", no texto grego, é apologia, que significa "fazer uma defesa verbal" e pode referir-se a uma inquirição formal (At 25:16; 26:2; 2 Tm 4:16) ou a um questionamento informal.[228] Daí surgiu o termo "apologética", uma disciplina da teologia cuja tarefa é explicar e defender a fé cristã. Paulo usa o mesmo termo em Filipenses 1:16 ao afirmar: "Estou incumbido da defesa do Evangelho".

Pedro ensina que a resposta aos inquiridores deve ser dada com mansidão ou gentileza (o mesmo termo aparece em 1 Pedro 3:4). A fé não pode ser forçada sobre alguém, e o profeta o expressou muito bem: "Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos" (Zc 4:6). A ênfase deve ser colocada sobre a

pessoa, e não sobre o argumento. Em outras palavras, não adianta vencer o argumento e perder a pessoa.

Não é possível eliminar o sofrimento da teologia bíblica nem da experiência humana. Suas marcas são contínuas e estão em

toda a parte: nas guerras, nos hospitais, nas prisões, na vida daqueles que vivem abaixo da linha de pobreza e, muitas vezes, na vida dos idosos, viúvas, órfãos e deficientes físicos. À luz da Bíblia, o fato de uma pessoa sofrer não significa que Deus a abandonou. Jó é um exemplo nítido de alguém que teve uma vida íntegra envolvida pelas adversidades. Os que leem a Bíblia sabem por que Jó sofreu. Porém, ele mesmo nunca o soube, o que realça ainda mais seu testemunho de fé em Deus.

De igual modo, afirmar que alguém está vivendo de forma agradável a Deus por causa dos bens acumulados não reflete uma interpretação correta da Bíblia. O jovem que se recusou a seguir a Cristo era muito rico (cf. Lc 18:18-23). Há muitas pessoas no mundo que, embora riquíssimas, são indiferentes à mensagem do evangelho. Outras que vivem na opulência são inimigas da cruz de Cristo,

As Escrituras oferecem um ponto de equilíbrio para tais questões. “Duas coisas te peço; não as negues, antes que eu morra: Afasta de mim a falsidade e a mentira; não me dês nem a pobreza nem a riqueza; dá-me o pão que me for necessário; para não suceder que, estando eu farto, te negue e diga: quem é o Senhor? Ou que, empobrecido, não venha a furtar, e profane o nome de Deus” (Pv 30:7-9).

O apóstolo Paulo acrescenta: “… porque aprendi a viver contente em qualquer situação. Tanto sei estar humilhado, como também ser honrado; de tudo e em todas as

circunstâncias já tenho experiência, tanto de fartura, como de fome; assim de abundância, como de escassez. Tudo posso naquele que me fortalece" (Fp 4:11-13; v. tb. Hc 3:17-18).

10 Capítulo
A ação pastoral
da igreja

A discussão sobre teologia prática e teologia pastoral é extensa. Poderíamos citar muitas definições de vários teólogos respeitados, mas não é este nosso propósito. Nosso principal objetivo é formular uma proposta pastoral de acolhimento aos cristãos em trânsito, muitos dos quais passaram pelo movimento neopentecostal.

Casiano Floristán busca na Bíblia Sagrada a base para a teoria e a prática pastoral. A vida de Jesus, sua obra e seus ensinos e a Igreja de Atos dos Apóstolos constituem fonte de modelos e pistas para sua teologia prática.

As Escrituras, em seu conjunto, e os quatro evangelhos, em particular, são livros que fixam, de forma escrita, as ações de Deus e as experiências religiosas para que permaneçam sem alterações e possam ser comunicadas (…). O homem bíblico considera primordial a Palavra de Deus dirigida ao homem, cristalizada num livro e pronunciada solenemente na assembleia (…). As Escrituras são a base da vida cristã e da

reflexão dos crentes. O ouvinte da palavra, ao ouvir os ensinos apostólicos, coloca-se em contato com o conhecimento dos ministérios de Deus. Pela fé, aceita o ato central da pessoa de Jesus, de suas obras e palavras, sem mais reflexão do que a necessária para que se transforme o seu modo de viver e de pensar (…). A base da teologia cristã é o testemunho de fé em Cristo. A revelação bíblica é para o crente a norma suprema. [229]

A CONTRIBUIÇÃO DE CASIANO FLORISTÁN

Floristán "divide a teologia prática em duas partes: teologia prática geral e teologia prática especial. Na teologia prática geral, aborda as raízes bíblicas, a história, a teoria da teologia prática como teologia da ação pastoral e a questão dos agentes na pastoral. Na teologia prática especial, apresenta a ação da Igreja sob cinco ângulos: kerigma (missão), didaskalia (ensino), leitourgia (liturgia, homilética), koinonía (comunidade) e diakonía (serviço)".[230]

MISSÃO – KERIGMA

Ao tratar da missão da Igreja (kerigma), Floristán é categórico: "A missão é um envio da Igreja ao mundo". Assim, a razão histórica de a Igreja existir é fundamentalmente a evangelização, pois sem ela a comunidade cristã não existe. Floristán observa que o processo evangelizador de Jesus incluía três aspectos: um caminhar com os pés, um olhar sobre a multidão e o toque das mãos. Jesus não apenas fala,

mas age (cf. Mt 9:5-38).[231]

Floristán argumenta que “o objetivo da evangelização é a conversão, que produz ao mesmo tempo uma mudança no cristão, na Igreja e na sociedade. A evangelização suscita fé e conversão pessoais,

eclesiais e sociais. Ela pretende dar sentido e direção cristã à totalidade da existência”.[232]

A ação evangelizadora de Floristán não esquece os fracos e defende que o evangelho ou o Reino de Deus é para todos, mas preferencialmente para os pobres, os marginalizados. Se a evangelização ocorre dentro de um contexto de exclusão, deve levar em conta o clamor dos pobres pela justiça e a iniquidade das estruturas sociais injustas. Há aqui uma identificação com a teologia da libertação. A preocupação é construir um mundo mais humano e mais justo.[233]

O neopentecostalismo brasileiro caminha na contramão da proposta pastoral de Casiano Floristán. Primeiro, porque não mantém agenda de evangelização para os pobres. Como vimos, a ênfase da terceira onda do movimento pentecostal brasileiro (neopentecostalismo) está no dinheiro, no consumismo e nos bens materiais. Por isso, sua ação evangelizadora é dirigida às classes mais altas da sociedade.

Um exemplo de evangelização voltada apenas para os ricos é o da Associação de Homens de Negócios do Evangelho Pleno (ADHONEP), organização paraeclesiástica evangélica. Seus eventos são realizados em hotéis e restaurantes de luxo, e os convidados geralmente são juízes, médicos, advogados, engenheiros, os famosos do mundo das artes, do esporte e similares.

A segunda razão por que o movimento neopentecostal brasileiro caminha na contramão da proposta pastoral de Floristán é porque nem ele nem o pentecostalismo têm tradição em defender os

oprimidos, lutar contra as injustiças sociais ou os regimes opressores. Fizeram exatamente o contrário: durante todo o período da ditadura militar no Brasil, iniciada em 1964, viveram na omissão. Nos últimos anos, quase nada mudou. São movimentos alienados dos problemas da nação, elegendo seus candidatos para defender os próprios interesses, e não os da comunidade como um todo.[234]

ENSINO – DIDASKALIA

Na ação pastoral, Floristán coloca o ensino logo após a evangelização, pois entende ser ela uma tarefa importante para a Igreja, já que se refere à educação da fé e à formação dos cristãos. Floristán busca na Bíblia seus conceitos de didaskalia:

Cristo proclamou a Boa Nova e ensinou nas sinagogas, no tempo e ao ar livre. Com frequência, foi chamado “mestre” (didaskolos, que é a tradução do hebraico rabi) (…). O sermão das bem-aventuranças e as instruções que deu aos seus discípulos constituem o núcleo do ensino cristão (cf. Mt 5, 6, 7) (…). A missão do evangelizador consiste em suscitar a fé; o ofício do catequista pretende desenvolvê-la e amadurecê-la. Segundo o Novo Testamento, a catequese desenvolve o conteúdo kerigmático da ação missionária e introduz os novos convertidos na comunidade cristã, para que amadureçam a sua fé e a mantenham viva.[235]

A didaskalia nunca foi um ponto forte do neopentecostalismo, mesmo porque seus adeptos são mais dados à emoção que à reflexão,

mais inclinados à experiência que à compreensão do texto bíblico. O teólogo anglicano Carlos Eduardo Calvani[236] revela a crise doutrinária existente em muitas igrejas do neopentecostalismo. Os seminários têm vivido momentos difíceis no que se refere à vocação dos alunos, que “refletem a pobreza e a mediocridade teológica que tomaram conta de nossas igrejas evangélicas”. Muitos procuram os seminários porque não passaram em nenhum exame vestibular.

Segundo Calvani, a maior parte dos novos vocacionados chega aos seminários influenciada pelos modismos difundidos no meio evangélico. São “levitas”, “apóstolos” e tantos outros. Muitos demonstram pouco conhecimento dos grandes

nomes do cristianismo.

Ao contrário do que vem ocorrendo na Igreja de hoje, o Novo Testamento apresenta constante preocupação com o ensino. O livro de Atos informa que os cristãos perseveravam na doutrina dos apóstolos. Paulo fez muitos alertas sobre a importância da doutrina (At 20:28-31; 1 Tm 4:1; 2 Tm 4:2-4), assim como Pedro (v. 2 Pe 2:1-3).

LITURGIA/HOMILÉTICA – LEITOURGIA

Floristán comenta as mudanças provocadas pelo Concílio Vaticano II, principalmente na liturgia da Igreja de Roma. No entanto, é possível traçar um paralelo com as mudanças inseridas em nossas igrejas evangélicas.

Entre as mudanças, Floristán aponta a maior participação do povo no culto e a diminuição do tempo reservado à liturgia. Floristán coloca a Palavra de Deus como um dos elementos fundamentais dela:

A palavra pode ser lida, comentada, recitada ou cantada. É o que ele chama “polo auditivo”, em que intervêm dois sentidos: a boca e o ouvido. Em segundo lugar, o símbolo é realidade dinâmica: gesto, movimento corporal, ação; é o “polo visual”, o que se vê, se experimenta, se apalpa. Desse modo, na liturgia intervêm os cinco sentidos (…). Importância especial tem a boca, por meio da qual falamos (respondemos a Deus com a oração), beijamos (damos entre os irmãos o

ósculo da paz) e comemos (participamos na comunhão de Cristo). Somos criaturas de Deus, nos colocamos em contato com ele com todo nosso ser (espírito e corpo), feito à semelhança de Deus mesmo.[237]

A liturgia deve ser tratada com seriedade; por isso precisa ser previamente preparada. Floristán sugere que a equipe litúrgica seja formada por um grupo reduzido e relativamente homogêneo de pessoas para que possa trabalhar com unanimidade.

Para preparar bem a liturgia, é necessário ter presente o mistério que se celebra (o amor de Deus tem muitas facetas), as leituras que se proclamam (principalmente o evangelho) e a situação do povo (importância para o social). Devem-se dividir as tarefas e organizar todo o trabalho: a recepção, a despedida do povo, as orações, a música e os cantos, a coleta e a preparação do lugar em geral.[238]

Embora não seja aconselhável generalizar, a liturgia das igrejas neopentecostais pode ser dividida, em geral, em duas partes: a primeira voltada para o mal, para o exorcismo e para a batalha espiritual. De

acordo com os pregadores, as pessoas sofrem devido aos ataques do maligno, das maldições, e tudo isso precisa ser quebrado ou destruído. Os males e os demônios que os causam precisam ser identificados e expulsos. Em muitos cultos, gasta-se cerca de uma hora com essa parte da liturgia.

Um segundo momento da reunião é investido na arrecadação de fundos. Isso pode durar também cerca de uma hora. Em muitos círculos neopentecostais, a oferta e o dízimo concretizam a bênção.[239]

James Farris também constatou que em muitas igrejas pentecostais ou neopentecostais o modelo pastoral predominante se caracteriza pela guerra espiritual, que "parece relatar, de modo fechado, os modelos e cosmologias do período pós-Reforma, do final do século XIX e início do século XX na Europa e na América do Norte".[240]

Na primeira carta que escreveu à comunidade de Corinto, Paulo tratou da liturgia do culto (cf. 1 Co 14:26-33). Ele cuida para que os espaços sejam divididos de forma equilibrada entre os diferentes dons. Certa ministração não deve exercer tirania sobre as outras. Por exemplo, não se pode fazer um culto com espaço apenas para a doutrina ou pregação, descartando a música e o canto. Como também não é recomendável que todo o espaço seja ocupado pela música, sem que haja oportunidade para a exposição da Palavra, a ministração aos enfermos e a oração. Tudo deve ser feito para promover o bem comum, a edificação do Corpo, e não apenas de um ou de alguns.

COMUNIDADE – KOINONÍA

Floristán observa que o desejo de comunhão com a divindade é natural em qualquer religião e se deve à sede que o ser

humano possui do infinito. O crente bíblico reconhece que, por esforço próprio, não pode alcançar a comunhão com Deus. É necessário que o Senhor venha e o visite.[241]

A encarnação de Cristo é destacada por Floristán como garantia da comunhão entre o ser humano e Deus. Quando o Verbo se fez carne, participou da fraqueza humana, comungou com o cosmos e com a humanidade. Comungou com pecadores. Sentou-se à mesa com publicanos.

A última ceia foi o ápice da comunhão de Jesus com os seus. Agora, a Igreja, a serviço do mundo, realiza a comunhão na fé, no Espírito de Deus e na esperança. A comunhão, que significa a participação com outros em uma mesma realidade, interage com a diakonia e a leitourgia.[242]

A comunhão entre os adeptos é uma das dificuldades do neopentecostalismo, como vimos nos capítulos anteriores. Se na horizontal já se torna difícil desenvolver a koinonía, na vertical é tarefa impossível. O líder neopentecostal ama a multidão, mas demonstra ter aversão pelo indivíduo. O emprego exaustivo da televisão e do rádio o mantém cada vez mais distante das pessoas. Ele é visto por muitos, mas não vê ninguém. É ouvido por muitos, mas quase não ouve ninguém. É sempre procurado por uma multidão em busca de aproximação (comunhão), mas dificilmente encontrado. Ricardo

Barbosa faz uma crítica à profissionalização do pastorado nos

dias atuais:

O pastor/líder de hoje é um profissional. Tende a ser mais impessoal e funcional. Seus relacionamentos são determinados pelos projetos e planos que tem. Ama o que faz e se realiza no seu trabalho. As pessoas são amigas à medida que apoiam e se envolvem com sua visão e seus ideais. Seu rebanho é constituído daqueles que o bajulam. Suas amizades são superficiais, suas conversas geralmente giram em torno do trabalho, orçamento, planos, programas e estatísticas. Sua percepção do ser humano é limitada e utilitária, fala muito pouco de si, está mais preocupado com sua imagem pública do que com relacionamentos pessoais e íntimos.[243]

SERVIÇO – DIAKONÍA

Floristán define diakonía como "serviço ou ajuda de umas pessoas às outras (…). Originariamente, diácono era aquele que servia a mesa, função do criado ou do escravo, não do homem livre. Recordemos que, entre os gregos, o serviço era ofício das classes sociais humildes; por este motivo, era desprestigiado. Naturalmente, servir sem liberdade não é diaconia, senão escravidão (douleia)".

Os pagãos admiravam-se com a atitude dos cristãos de ajuda mútua e de sustento de pobres, órfãos e desafortunados. Desde o início a diaconia cristã privilegiava os pobres e marginalizados por serem considerados "herdeiros do Reino" (Mt 5:3) e "irmãos" do Filho do homem que julgará o mundo

(Mt 25).[244]

A diakonía de Floristán reflete a teologia da libertação ao olhar com carinho para os pobres, tornando-os os alvos principais das boas novas do evangelho. Ele defende a igualdade de todos os seres humanos e acredita que a pobreza não é permissão nem castigo de Deus, mas uma condição humana e, quase sempre, abuso dos ricos.[245]

Na Bíblia, Jesus é o grande modelo do servo. Paulo diz que ele tomou a forma de servo (Fp 2:7) e não apenas falou sobre o servir, mas praticou-o ao lavar os pés dos discípulos (v. Jo 13:12-15). Ao comentar sobre os governadores e maiorais que exercem autoridade sobre as pessoas, Jesus admoesta: “Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo; tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20:25-28).

Ao profetizar sobre o Senhor Jesus, Isaías o apresenta como servo (v. Is 42:1-9). Nos capítulos 50 e 53, o profeta Isaías o apresenta como o servo sofredor, modelo bem distante daquele que existe hoje em muitas igrejas:

O Pastor de Isaías sofre porque carrega sobre si as dores e angústias de suas ovelhas. O modelo de liderança que temos hoje, fortemente influenciado pelos modelos gerenciais de resultado da empresa secular, preocupado com o crescimento

e sucesso, rejeita o modelo do “Servo Sofredor” de Isaías. Carregar as dores, as angústias, as dúvidas e o desespero requer paciência, compaixão, espera. Quem se ocupa com o sucesso não tem tempo para socorrer, estender a mão, acompanhar e cuidar

daqueles que não têm mais forças para caminhar. Líderes cujas vidas e ministérios são orientados e definidos por projetos pessoais e não pelo rebanho de Cristo, aprendem mais cedo do que pensam, a usar as pessoas e não a amá-las e, facilmente, descartam as que não são mais úteis.[246]

Os diferentes aspectos do ministério sugeridos por Floristán são essenciais para a ação pastoral eficaz. Em uma época em que a pregação está em crise, há uma necessidade urgente de se voltar à Bíblia. Quando os valores materiais sobrepujam os espirituais, quando organizações e projetos ganham mais importância que o ser humano, a Igreja (e isso é tarefa exclusivamente dela) precisa redescobrir e proclamar (kerigma) a pregação genuína e simples do evangelho, desenvolvendo, em seguida, o discipulado e a comunhão na comunidade cristã.

Paulo demonstrou ter esse cuidado quando disse aos bispos de Éfeso que ensinava publicamente e de casa em casa, anunciando, tanto a judeus quanto a gregos, o arrependimento para com Deus, a conversão e a fé em Jesus (v. At 20:19-21). Uma admoestação útil para a tarefa pastoral em todos os tempos do cristianismo.

CAMINHOS PARA UMA AÇÃO PASTORAL DE RESTAURAÇÃO E ACOLHIMENTO

Ao longo deste livro falamos sobre esperanças e frustrações produzidas pela pregação de muitas igrejas neopentecostais. Não temos a pretensão de apresentar soluções para os decepcionados. O que desejamos é discutir caminhos para uma pastoral de restauração e acolhimento desses cristãos com o movimento neopentecostal.

Em "Pistas polêmicas para uma pastoral no final do milênio", Dennis A. Smith oferece ideias que podem ser úteis no desenvolvimento da ação pastoral. Smith conta que vários pastoralistas de diferentes países latino-americanos fizeram uma reflexão sobre o sentimento religioso das pessoas, especialmente das maiorias excluídas, e chegaram às seguintes conclusões:

- Gostam de se sentir parte de uma comunidade.
- Gostam de ter um propósito para a vida. Pelo menos, chamam a atenção aqueles pregadores que oferecem às pessoas a disciplina de que necessitam para conseguir sobreviver na atual conjuntura econômico-social. Chamam a atenção aqueles que anunciam ter autoridade para superar o alcoolismo, a falta de honradez e a violência doméstica.
- A violência e a agressividade tomaram conta das relações pessoais.
- As pessoas se sentem esgotadas, ultralimitadas, vazias,

agoniadas.
- Na esfera pessoal, sentem falta de carinho e de ternura.
- Gostam do lúdico, um espírito celebrativo.
- Gostam de sentir o perdão.
- Talvez não saibam como se expressar. Mas, de alguma maneira, desejam uma experiência mística, uma experiência pessoal com Deus, até mesmo entregar-se a Deus e converter-se em canal do mistério, da graça divina.
- No contexto urbano, muitas pessoas querem consumir bens religiosos, mas sem perder o anonimato, sem arriscar a se descobrirem.

- Existe uma reação contra as estruturas religiosas e contra o negócio da religião organizada.[247]

Os pastoralistas latino-americanos encerraram aquele encontro levantando pistas que podem ajudar no desenvolvimento de possíveis estratégias pastorais. Vejamos algumas delas:

- É urgente que articulemos estratégias pastorais (e até mesmo estabelecer horários para reuniões e cultos!) a partir das necessidades do grande número de pessoas que formam as configurações familiares não tradicionais: mães solteiras, famílias de divorciados, avós que assumiram a responsabilidade de cuidar dos netos, viúvas e órfãos, crianças de rua *etc.*
- Urge resgatar o lúdico, e não nos perdermos no racionalismo. Urge desenvolver uma liturgia

contextualizada, coerente e celebrativa, equilibrando forma e conteúdo. Ela surgirá como resultado de um permanente diálogo entre as igrejas pentecostais e as históricas. Não é suficiente a pentecostalização das liturgias históricas.

- A principal fonte de valores, sonhos e expectativas em nosso mundo são os meios de comunicação, especialmente a televisão. A essa altura, qualquer programa de ensino ou educação cristã deve, necessariamente, incluir critérios e metodologias que fomentem uma percepção crítica desses meios.
- A pregação está em crise. Temos de capacitar pregadores para uma pregação simples, criativa, contextualizada, profética, humana, terna.

- Muitos saem pela porta traseira das igrejas neopentecostais decepcionados, defraudados, enganados. E também de nossas igrejas.
- Precisamos retomar a teologia em um mundo pluralista. Que contribuição a fé cristã pode dar à reflexão sobre a condição humana neste momento?[248]

Os pastoralistas se mostraram preocupados com "os que saem pela porta de trás das igrejas neopentecostais" decepcionados, defraudados e enganados. Ron Dunn mostra como a mensagem da teologia da prosperidade é perigosa e produz falsas esperanças:

Anos atrás, um pastor amigo morreu desnecessariamente

porque caiu nesse falso ensino e recusou o tratamento médico. Sua doença era tratável e curável, mas ele faleceu enquanto amigos que criam da mesma maneira permaneciam ajoelhados ao redor da cama, louvando a Deus por sua cura (…). Depois que os promotores das campanhas de cura já partiram para outra cidade e os pregadores da TV já saíram do ar, muitos pastores ficam com a tarefa de erguer a vida de membros da igreja doentes, cuja fé foi abalada pelas falsas esperanças da garantia da cura.[249]

Wade Boggs entende que o dano espiritual causado pela doutrina da teologia da prosperidade é pior que o dano físico:

Provavelmente, essa tragédia espiritual e mental supera a tragédia física, pois nenhum desapontamento se iguala à perda da fé nas promessas de Deus. É algo muito sério dar esperanças a

uma multidão de pessoas enfermas, dando-lhes garantias de que Deus sempre recompensará a verdadeira fé com cura, e depois deixar a grande maioria na desilusão e no desespero (grifo do autor).[250]

A PROCLAMAÇÃO DA PALAVRA – KERIGMA

A pastoral da Palavra para o contexto brasileiro deve incluir dois elementos: fidelidade bíblica e sintonia com a realidade econômica e social de suas ovelhas.

Fidelidade bíblica: A teologia da cruz e do sofrimento são indispensáveis na proclamação da Palavra. A doença e a pobreza na vida do cristão não significam falta de fé, vida em pecado ou estar sob o poder de Satanás. Tais afirmações contrariam muitos textos das Escrituras. O Novo Testamento mostra que muitos santos da Igreja Primitiva foram pobres e sofreram, e não por falta de fé ou devido a algum fracasso espiritual ou moral (v. Lc 6:20; Rm 15:26; 1 Co 1:26; 2 Co 6:10; G1 2:10).

A Bíblia diz que Deus faz o sol brilhar sobre os justos e os injustos – e isso, na teologia, chama-se "graça comum" (Mt 5:45). Timóteo sofria de uma enfermidade no estômago, e por causa disso Paulo sugeriu-lhe que tomasse um pouco de vinho (1 Tm 5:23). Paulo nunca insinuou que Timóteo tivesse algum problema moral ou falta de fé.

Quanto à prosperidade financeira, as Escrituras sempre apontam para o equilíbrio, como se pode observar no livro de Provérbios 30:7-8: "Duas coisas te peço; não mas negues, antes que eu morra: afasta de mim a falsidade e a mentira; não me dês nem a pobreza nem a riqueza; dá-me o pão que me for necessário". O profeta também

não se constrange quando afirma: "Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia eu me alegro no Senhor, exulto no Deus da minha salvação" (Hc

3:17-18).

Segundo McConnell, muitos pregadores neopentecostais falham em distinguir entre necessidade, desejo e cobiça ou ganância.[251] De fato, a Bíblia afirma que Deus supre as necessidades de seus filhos (v. Mt 6:25-33). Deus pode também cumprir o desejo do coração de seus filhos (v. S1 37:4). Entretanto, não há nenhuma garantia nas Escrituras de que Deus vai cumprir todos os desejos do coração.

Jesus reduziu a necessidade humana a três elementos: comer, beber e vestir (Mt 6:25). Paulo a reduziu a dois elementos: comer e vestir (l Tm 6:8). Quanto à cobiça, a promessa da Bíblia é de crucificá-la (v. Gl 5:24).

A teologia da prosperidade surgiu no seio da nação mais rica e poderosa do globo, com um sistema de governo democraticamente consolidado. Ali ela encontrou facilidades para se expandir e convencer a muitos. A situação é muito diferente em um país de Terceiro Mundo, que enfrenta enormes problemas de saneamento básico, desnutrição, injustiça social provocada pela má distribuição de renda, desemprego e outros.

O neopentecostalismo está certo quando prega uma mensagem que estimula a autoestima de seus adeptos, mas não pode se esquecer de prepará-los para as adversidades, e isso não tem sido feito. Por

isso, dentro da pastoral da Palavra, é preciso introduzir o conceito de edificar e reedificar a fé:

A finalidade que caracteriza a evangelização, seja como função específica, seja como dimensão que deveria estar presente em cada uma das funções realizadas na igreja, é sempre a de "edificar e reedificar a fé". Ela edifica a fé quando atinge uma pessoa que escuta pela primeira vez o anúncio de Cristo Salvador; ela reedifica a fé quando provoca uma vida cristã mais intensa numa pessoa que perdeu a fé, ou que jamais chegou à fé consciente, responsável, viva.[252]

ESTILO DE VIDA

A mídia brasileira já explorou bastante o estilo de vida de muitos líderes neopentecostais: o magnetismo, carros importados, mansões e um estilo de vida que contrasta com a realidade de suas ovelhas. A maioria delas vive de cestas básicas, usa o transporte público para locomover-se e enfrenta pressões financeiras, até para entregar o dizimo.

O estilo de vida de muitos pastores neopentecostais – lugares que frequentam, como se vestem – distancia-os de seu rebanho. O distanciamento recrudesce quando esses pastores chegam às suas igrejas ostentando um status que, segundo eles, representa a bênção de Deus em sua vida e na de sua família.

IGREJA ACOLHEDORA

A Igreja tem de ser uma comunidade acolhedora, pois “quem aprende a acolher deixa para trás um modelo e passa para um novo
paradigma que lida com a diferença, perde a arrogância de dono, se faz servidor”.[253]

O acolhimento traz consigo a ideia de aconchego e aceitação. Promove gestos, como acolher e abraçar.[254] Outros podem ser acrescentados, como beijar, tocar, falar e ouvir. Essa reflexão se torna importante já que no neopentecostalismo a ação pastoral de muitos líderes é impessoal e a distância. A ovelha não tem nome e falta-lhe um ombro ou “um colo”. A advertência bíblica é severa e está presente desde o Antigo Testamento:

Filho do homem, profetiza contra os pastores de Israel; profetiza e dize-lhes: Assim diz a Senhor Deus: Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastares as ovelhas? Comeis a gordura, vestivos da lã e degolais a cevada; mas não apascentais as ovelhas. A fraca não fortalecestes, a doente não curastes, a quebrada não ligastes, a desgarrada não tornastes a trazer e a perdida não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor e dureza. Assim, se espalharam, por não haver pastor, e se tornaram pasto para todas as feras do campo. As minhas ovelhas andam desgarradas por todos os montes e por todo elevado outeiro; as minhas ovelhas andam espalhadas por toda a terra,

sem haver quem as procure e quem as busque. Portanto, ó pastores, ouvi a palavra

do Senhor: Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, visto que as minhas ovelhas foram entregues à rapina e se tornaram pasto para todas as feras do campo, por não haver pastor, e que os meus pastores não procuram as minhas ovelhas, pois se apascentam a si mesmos e não apascentam as minhas ovelhas – portanto, ó pastores, ouvi a palavra do Senhor: Assim diz o Senhor Deus: Eis que eu estou contra os pastores e deles demandarei as minhas ovelhas; porei termo no seu pastoreio, e não se apascentarão mais a si mesmos; livrarei as minhas ovelhas da sua boca, para que já não lhes sirvam de pasto
(Ez 34:2-10).

O Novo Testamento apresenta a pastoral do acolhimento, do toque, e Jesus é seu modelo principal. Tocar foi um gesto constante no ministério de Jesus. Ele tocou a sogra de Pedro para curá-la da febre (Mt 8:15). Curou cegos tocando-lhes os olhos (Mt 9:29-30; 20:34). Ao ressuscitar a filha de Jairo, ele a pegou pela mão (Lc 8:54). Os pais traziam suas crianças para que Jesus lhes tocasse. Ele fazia mais que isso. Jesus as tomava nos braços (Mc 10:13-20).

Jesus não apenas tocou nas pessoas, mas permitiu ser tocado por elas. A mulher hemorrágica tocou-lhe as vestes (Mc 5:27); Simeão o segurou nos braços (Lc 2:28); João escreveu que suas mãos haviam tocado no Verbo da vida (l Jo 1:1). Quando

Jesus convida: “Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados” (Mt 11:28), reafirma seu acolhimento .

O modelo de Jesus foi seguido por seus discípulos na Igreja Primitiva. Pedro tomou o paralítico pela mão direita no momento da cura (At 3:7). Ananias impôs as mãos sobre Paulo depois de sua conversão na estrada de Damasco (At 9:17). Pedro estava próximo de Dorcas o suficiente para levantá-la pela mão depois de ser ressuscitada (At 9:41). A pastoral do toque é nítida na despedida de Paulo em Mileto, quando houve pranto, abraços e ósculos (At 20:37). Os gestos de acolhimento estão presentes no ósculo santo (2 Co 13:12), na hospitalidade (Rm 12:13; Hb 13:2) e na solidariedade (Rm 12:13, 15). Assim, acolher significa cuidar.

Júlio Zabatiero oferece algumas sugestões aos pastores para o cuidado de suas comunidades:

- Permitindo eles mesmos serem cuidados.
- Ouvindo as pessoas participantes da sua comunidade. Ora, o ouvir pressupõe que a comunidade tenha voz, que seus membros possam apresentar publicamente seus interesses, desejos, projetos *etc.*
- Lembrando-se das pessoas de quem cuidam, ou com quem convivem; rememorando e considerando suas alegrias e tristezas, seus projetos de vida, seus nomes (enquanto expressão linguística de suas identidades pessoais).
- Ajudando as pessoas de sua comunidade a permanecer

unidas no amoroso vínculo da paz, o que se manifesta em interações sociais de cunho comunicativo, e não estratégico.
- Permitindo a cada membro da comunidade liberdade e espaço para viver sua vida, cometer seus erros, realizar seus projetos.[255]

Esses itens são importantes para compor uma pastoral de repatriamento dos decepcionados do neopentecostalismo. Primeiro, os pastores. Como um cego não pode dirigir outro cego (Lc 6:39),

um doente não consegue cuidar de outro. As duas últimas décadas mostraram, com nitidez, como muitos pastores são tão vulneráveis e frágeis como a maioria de suas ovelhas. Uma teologia pastoral que falha em ajudar os pastores nas questões éticas, morais e espirituais não cumpriu sua missão.

Raramente os ajuntamentos de pastores tratam das questões interiores e dos conflitos íntimos com os quais os pastores convivem. Os médicos também adoecem e precisam de tratamento e remédio. Assim é também com os pastores.

O segundo item mencionado por Zabatiero refere-se ao ouvir. Ouvir interesses, desejos, projetos e histórias de decepções. Na maioria das igrejas neopentecostais não há espaço para o lamento, para o fracasso ou para a dor. Em geral uma história de fracasso só tem espaço se desembocar em um testemunho de sucesso. Aqui, à ação pastoral pode aplicar-se o princípio

bíblico de “levar as cargas uns dos outros” (Gl 6:2). Ouvir implica parar e dar tempo àquele que fala, em contraste com a agitação da vida urbana.

O terceiro ponto fala do convívio, que será uma experiência nova para muitos dissidentes do neopentecostalismo. Quem integra a multidão de uma megaigreja não tem rosto nem nome para ser lembrado, principalmente com a abolição do rol de membros em muitas igrejas neopentecostais. O convívio foi um dos destaques do modus vivendi da Igreja Primitiva (At 2:44-46). Nesse modelo não há distância entre a ovelha e o pastor, pois este lidera junto com a comunidade, e não acima dela.[256]

O quarto ponto da ação pastoral deve promover o convívio amoroso por meio da paz. Na comunidade cristã o amor não é opção, mas mandamento. Jesus disse: “O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei (…) isto vos mando: que vos ameis uns aos outros (Jo 15:12, 17).

O apóstolo João também entende o amar como mandamento de Deus: “E agora, senhora, peço-te, não como se escrevesse mandamento novo, senão o que tivemos desde o princípio: que nos amemos uns aos outros. E o amor é este: que andemos segundo os seus mandamentos. Este mandamento, como ouvistes desde o princípio, é que andeis nesse amor” (2 Jo 5, 6).

O último item apontado por Zabatiero mostra que a ação pastoral deve prover espaço para acolher quem foi decepcionado, espaço até para cometer erros. Errar faz parte da humanidade, como perdoar e ser perdoado. Um espaço para realizar projetos. Até então, o decepcionado ajudara a financiar os projetos e os sonhos de um líder, os únicos legítimos e aprovados por Deus, segundo aprendeu. Agora, ele tem um novo espaço para compartilhar os próprios sonhos e projetos. Na nova comunidade que o acolheu, ele vai ajudar, mas também será ajudado. Vai dar, mas também receber. Vai continuar ouvindo, mas também será ouvido, em um contexto de amor e esperança.

Além dos pontos mencionados por Zabatiero, o cuidado na ação pastoral deve incluir também a instrução ou, na expressão de Casiano Floristán, a didaskalia. Muitos decepcionados do neopentecostalismo trazem consigo uma visão distorcida sobre o mal, sentem-se culpados pelas dificuldades em que vivem e acreditam ser sempre perseguidos por demônios.

Outros chegam sem conhecer a graça de Deus, pois foram ensinados a se esforçar para merecer e receber as dádivas dos céus. A fé foi desenvolvida mais no âmbito da emoção que no da razão. Outros, ainda, sentem-se amedrontados, pois há líderes religiosos que usam de intimidação para manter ou ampliar o rebanho.[257]

A ação pastoral poderá, portanto, levá-los à reflexão

doutrinária e ética na busca da espiritualidade bíblica.

Ao falar sobre a acolhida na pastoral urbana, Clóvis Pinto de Castro destaca a relevância da hospitalidade e da solidariedade de ir ao encontro do próximo, de conhecer sua realidade vital. Muitas pessoas vindas do interior vivem no anonimato nas cidades, onde sonham com uma vida melhor. Em seu local de origem, apesar da pobreza, eram integradas à sociedade local, onde conheceram de perto a hospitalidade e a solidariedade, características fortemente presentes nas camadas mais pobres da população brasileira.[258]

É um desafio constante às igrejas locais criar um clima de acolhida. Estar aberta, como comunidade, e não como gueto, àqueles que chegam. O espírito evangélico do serviço, da hospitalidade, da solidariedade deve marcar a vivência comunitária das comunidades, como frutos da graça de Deus. O "próximo" busca nas comunidades cristãs, e isso quando estão com suas portas abertas, um lugar onde possa ser amado de forma incondicional – sem condições pré-estabelecidas. Ele espera ser aceito por aquilo que ele é, e não por aquilo que ele tem. Aceitação incondicional é uma manifestação da graça divina que deve ser refletida no testemunho da Igreja.[259]

Eugene Peterson[260] alerta sobre as várias práticas empresariais que passaram a reger a ação pastoral de muitos pastores da atualidade, o que os levou a abandonar seus postos e desviar-se de modo alarmante. Não se trata de

abandono da igreja para serem contratados por alguma empresa. Eles ainda são sustentados por suas congregações, onde atuam semanalmente.

Peterson refere-se ao abandono do chamado: “Aquilo que fazem e alegam ser ministério pastoral não tem a menor relação com as atitudes dos pastores que fizeram a história nos últimos vinte séculos”. Ele sustenta que esses pastores mais se assemelham a gerentes comerciais na direção da igreja. “As preocupações são as mesmas dos gerentes: como manter os clientes felizes, como atraí-los para que não vão às lojas concorrentes que ficam na mesma rua, como embalar os produtos de forma que os consumidores gastem mais dinheiro com eles”.

Segundo Peterson, o desempenho de alguns desses pastores é ótimo, uma vez que conseguem atrair muitos “consumidores”, levantar altas quantias monetárias e desenvolver excelente reputação. No entanto, isso não passa de gerenciamento de loja, diz ele, ainda que religiosa. As estratégias assemelham-se às de franquias de fast-food. Sonham com o sucesso que atrai a mídia.

A verdade bíblica é que não existem igrejas cheias de sucesso. Pelo contrário, o que há são comunidades de pecadores, reunidos semana após semana perante Deus em cidades e vilarejos por todo o mundo. O Espírito Santo os reúne e trabalha neles. Nessas comunidades de pecadores, um é chamado pastor e se

torna responsável por manter todos atentos a Deus. E é esta responsabilidade que tem sido completamente abandonada. [261]

CONTÍNUA CELEBRAÇÃO DA ESPERANÇA

Conta-se que uma cidade estava condenada a desaparecer por causa da construção de uma usina hidrelétrica. Vários meses antes da inundação, a decadência podia ser vista em toda parte. Ninguém mais consertava a calçada, cortava a grama, pintava o muro ou construía alguma coisa. Para quê? Dentro de algum tempo, tudo estaria debaixo d'água. Não valia mais a pena manter as coisas bonitas nem funcionando. Sem um futuro, ela se tornou uma cidade-fantasma onde não há esperança, não há força nem poder no presente.

Como entender e interpretar a pessoa (…) e sua esperança no horizonte da realidade atual? Num mundo de luzes e sombras, de tanto progresso e profundas crises, como distinguir esperança de uma mera e vazia ilusão? Como pensar com confiança e entusiasmo o presente e o futuro pessoal e coletivo? A esperança cristã tem fundamento sólido e é realmente fonte de novas perspectivas para a vida presente e futura.[262]

Blank e Vilhena mostram ainda que, nestes tempos de agitação, a esperança é como uma joia preciosa cujo brilho foi ofuscado por projetos fracassados e pela poeira do desânimo.

Poderosa, quase mágica, mais que nunca ela tem de ser polida cuidadosamente de modo a voltar a resplandecer seu brilho. É um presente de Deus para a humanidade, pois é capaz de estimular as pessoas à ação. É o Senhor

que nos garante a autenticidade dessa joia e é ele que nos ensina a limpá-la e lustrá-la, a fim de fazer "ressaltar e brilhar cada detalhe, cada reentrância".[263]

Há escritores do Novo Testamento que colocam a esperança bem próxima do sofrimento. O apóstolo Paulo recomenda: "Regozijei-vos na esperança, sede pacientes na tribulação" (Rm 12:12). Ele ensina que a esperança assegura a alegria, a despeito das tribulações.

Pedro fala de uma esperança viva (1 Pe 1:3) para pessoas sofredoras. Logo, o sofrimento não aniquila a esperança. Ao mencionar as três principais virtudes da vida cristã, Paulo coloca a esperança entre a fé e o amor (l Co 13:13). Assim, a esperança caminha ao lado da fé, como também observou Moltmann.[264]

O Deus da Bíblia é um Deus de esperança para fazer que o ser humano seja rico desta virtude (Rm 15: 13). A fé e a esperança apontam firmemente para o futuro. Fé e esperança deram a Jó o respaldo necessário no período da provação: "Embora ele me mate, ainda assim esperarei nele" (Jó 13:15, NVI). Se alguém não for curado agora, sê-lo-á no futuro, na ressurreição da carne, com um corpo incorruptível (l Co

15:52-54). A fé e a esperança aguardam a promessa bíblica de "novos céus e nova terra, nos quais habita justiça" (2 Pe 3:13).

Considerações finais

O neopentecostalismo brasileiro continuará sendo uma atração e um desafio para os pesquisadores de religião. Como dissemos, isso talvez se deva a sua vastidão e a muitas e rápidas transformações que acontecem no movimento. Pesquisar o neopentecostalismo significa sair da rotina e descobrir coisas novas.

Desde que a pesquisa que gerou este livro teve início, a Igreja Universal do Reino de Deus intensificou seu apelo, introduzindo a "Sessão do descarrego". David Miranda inaugurou, na cidade de São Paulo, um dos maiores templos do Brasil. R. R. Soares chegou ao horário nobre da televisão, adquiriu uma concessão de TV e já exportou seus programas até para o mundo árabe. Kenneth Hagin, considerado o pai da teologia da prosperidade, faleceu (em 2003) e novas igrejas despertaram a atenção da mídia, como a Igreja Bola de Neve.

Os depoimentos constantes da Parte 2 mostram como muitas igrejas neopentecostais enfatizam a multidão, em detrimento do indivíduo. Assim, pode-se notar uma ação evangelizadora vigorosa, pois ela garante o agrupamento das pessoas, mas uma ação discipuladora frágil.

O movimento neopentecostal não apresenta, por enquanto, sinais de mudança. Muitas igrejas continuam com seus projetos de crescimento e de construção de grandes templos. O interesse pela aquisição de retransmissoras de TV é outro fator preponderante. Muitas outras regiões do planeta serão atingidas com a voz de seus líderes. Tudo isso, aliado à prática não incomum em muitas igrejas do movimento dos frequentes revezamentos de pastores, acaba tolhendo a ação pastoral de cuidado e acolhimento para o indivíduo.

A pregação triunfalista sustentada nos testemunhos – transmitidos pelo rádio, pela televisão, pelos jornais, pelas revistas e pela internet – de cura e prosperidade de seus adeptos é vital para atrair novos membros e dar autenticidade à mensagem.

Há também decepções, perdas, lutos e lágrimas no movimento. Os que passaram por experiências negativas começam a fazer parte de uma minoria silenciosa, pois no movimento neopentecostal só tem voz quem tem uma história de sucesso para contar.

Apesar disso, propusemo-nos a manter o foco na fé, na esperança e no amor. Ações pastorais foram sugeridas para quem por elas quiser caminhar em direção aos decepcionados do neopentecostalismo com a mensagem de esperança.

Como Igreja de Cristo, precisamos atentar para os herdeiros do trânsito religioso. Há muitas famílias hoje circulando,

todos os domingos, de igreja em igreja, levando consigo os filhos menores ou adolescentes. Qual será a identidade religiosa desses herdeiros do trânsito? Que fé abraçarão? Como e com quem desenvolvem seus relacionamentos? Como usam o tempo disponível?

Pode-se observar no judaísmo e no islamismo, por exemplo, a transmissão de valores éticos, sociais e espirituais de uma geração a outra. Mas parece que a preocupação com a transmissão de tais valores ou herança é ausente no neopentecostalismo. Pode-se perguntar ainda: o trânsito religioso beneficia ou prejudica a missão evangelizadora da Igreja?

O trânsito religioso revela também o perfil de muitos crentes da atualidade:

Vivemos numa sociedade do entretenimento em que a diversão, o imediatismo e a superficialidade são os fios condutores de uma espiritualidade fácil, instantânea e medíocre. Tudo é movido por uma busca ansiosa por qualificação imediata e sensações cada vez mais intensas. A própria vida espiritual virou projeto de entretenimento. No passado, buscava-se a salvação, a vida em comunhão com os irmãos na fé; hoje, busca-se um projeto de "boa vida", em que Deus se transforma num mero garçom e o Evangelho, em moeda de troca para se alcançar o bem-estar (…). O fast-food gospel nos leva a uma espiritualidade sem compromissos, a não ser apenas com nossas paixões e impulsos, em que são

descartados atos significativos do Evangelho autêntico, tais como compartilhamento e camaradagem entre os irmãos. Somos levados por uma cultura de massa. Estamos deixando de ser sal da terra e luz do mundo.[265]

Em um movimento que prega o triunfalismo não há espaço para os idosos. Quase todos os pastores televisivos do neopentecostalismo são jovens na faixa de vinte a trinta anos de idade. Os que fogem à regra são, geralmente, os líderes principais das igrejas, como Edir Macedo e R. R. Soares. Moltmann expressa preocupações semelhantes. Ao criticar a sociedade moderna, como ela tenta reprimir a ideia da morte, do luto, e não consegue parar a fim de esperar os mais fracos:

As doenças, as deficiências e o envelhecer são tratados de modo semelhante. Se a vida moderna só tem sentido quando o ser humano cumpre os seus propósitos, então ele tem que ser saudável. Nesta sociedade de produção e consumo, saúde é igual a "capacidade para o trabalho e a fruição". Qualquer prejuízo causado a essas capacidades é encarado como sofrimento e percebido como absurdo. Apesar de todos os bons movimentos de protesto e de todas as tentativas de humanização, há uma tendência na sociedade moderna de arredar as pessoas portadoras de deficiência para lares para deficientes, cuidar dos doentes em hospitais e acomodar os velhos em lares para idosos. Quem não consegue acompanhar o ritmo desta sociedade da concorrência é empurrado para baixo ou para a margem. Ele "não conseguiu".[266]

O tema do poder no neopentecostalismo ainda precisa ser estudado sob a ótica da teologia. Em termos de governo, o neopentecostalismo verticalizou a Igreja. O líder forte no topo da pirâmide, que não presta contas a ninguém, que toma decisões sozinho em questões financeiras e doutrinárias, acaba tirando das pessoas a oportunidade de funcionar como um corpo. Em tais circunstâncias, os abusos se multiplicam. Alguns líderes religiosos têm dificuldade de administrar o poder.

A multiplicação de títulos como "apóstolo" (já são dezenas deles no Brasil), as construções de megatemplos e o estilo de vida que muitos líderes do neopentecostalismo ostentam revelam a dificuldade que têm de administrar o poder. Em janeiro de 2004 David Miranda

inaugurou um dos maiores templos do Brasil. R. R. Soares prepara-se também para construir o seu. Outros estão a caminho.

Um dos fenômenos mais intrigantes na religiosidade brasileira é a invisibilidade das igrejas evangélicas tradicionais. Os neopentecostais monopolizaram a mídia. São vistos, ouvidos e formam opinião. Para muita gente na sociedade brasileira, os pregadores neopentecostais são o único referencial de pregação e ética evangélica. E aqui cabem algumas questões: por que as igrejas históricas e similares não investem ou não têm interesse na mídia? Por que seus líderes ou pregadores não têm interesse em causar um impacto maior na sociedade

brasileira com uma ação evangelizadora? Por que não oferecer à sociedade uma proposta evangelizadora que venha, pelos menos, reduzir as suspeitas em relação às intenções da Igreja evangélica brasileira?

A ética do movimento neopentecostal reflete praticamente a mesma do pentecostalismo no Brasil, que, ao longo das décadas, enfatizou mais o carisma que o caráter. Para muitos, o mais importante era a manifestação de poderes sobrenaturais – poderes para exorcizar demônios, para operar milagres, para pregar e mobilizar as massas. O neopentecostalismo também foi infectado pela mesma postura e ainda não conseguiu reverter esse quadro. Tanto a mídia religiosa quanto a mídia secular estão sempre relatando os resultados de uma ética rarefeita no arraial evangélico.

A crise doutrinária tem sido também uma das características do neopentecostalismo. Muitos ensinos da teologia da prosperidade já refutados nos Estados Unidos são abraçados no Brasil sem nenhum questionamento. Muitas vezes, não se questiona nem mesmo as credenciais do autor. R. R. Soares continua ensinando o que aprendeu com Kenneth Hagin. Por isso, há milhares de pessoas no Brasil que estão exigindo e determinando o que querem de Deus, baseados em uma informação que não foi adequadamente analisada. Soares torna-se vulnerável ao confiar em Hagin, que nunca teve treinamento teológico formal.

A teologia pensa sobre Cristo, enquanto a missão

evangelizadora da Igreja fala de Cristo. Portanto, para falar de Cristo é preciso primeiro pensar sobre ele. R. R. Soares não é o único. Com a multiplicação das ordenações de pastores e bispos nos últimos anos, o contingente de pessoas bem-intencionadas, mas biblicamente mal informadas, que tem acesso aos púlpitos acentua a crise da pastoral da palavra na Igreja de hoje.

É impossível vaticinar sobre o movimento neopentecostal nos próximos anos ou nas próximas décadas. Com o desaparecimento de seus líderes principais, pode haver uma fragmentação em cadeia dentro de seus segmentos mais expressivos. Outros grupos e líderes surgirão, como também novas formas de culto e práticas.

São muitos os desafios que aguardam a Igreja em sua caminhada em direção ao futuro. Em todos eles, como diz Moltmann, é necessário manter a fé e a esperança no Cristo morto e ressuscitado, que inaugurará o seu Reino escatológico, um Reino de paz e de justiça, livre de decepções e desapontamentos. Este é o anseio de toda a Criação, de acordo com Paulo:

Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo. Porque, na esperança, fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê,

como o espera? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos (Rm 8:22-25).

Bibliografia

ALBANEZ, Miguel A. Introdução à história do movimento pentecostal no Brasil. Dissertação de Mestrado. Pasadena: Fuller Theological Seminary, 1996, não publicada.

ALMEIDA, Abraão de (org.). História das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

ANDERSON, Allan H. e HOLLENWEGER, Walter J. (ed.). Pentecostals after a century: Global perspective on a movement in transition. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999.

ANTONIAZZI, Alberto et alii. Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

ASSIS, Aldair Dutra de. Igreja Universal do Reino de Deus: Sua teologia e sua prática. São Paulo: Cultura Cristã, 1997.

ASSMAN, Hugo. A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina. Petrópolis: Vozes, 1986.

AZZI, Riolando. Razão e fé: O discurso da dominação

colonial. São Paulo: Paulinas, 2001.

BARBOSA, Sérgio Carlos F. Religião e comunicação: A igreja eletrônica em tempos de globalização gospel. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: Umesp, 1997.

BARCLAY, William. “The letters of James and Peter”, in The daily study Bible series. Filadélfia: The Westminster Press, 1976.

BARRON, Bruce. The health and wealth gospel. Downers Grove: InterVarsity, 1987.

BAUER, Johannes B. Dicionário de teologia prática. São Paulo: Loyola, 1973.

BECKER, Jonas Rodrigo. Trânsito religioso: Uma leitura crítica a partir da teologia prática: desafios e perspectivas. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: Umesp, 2002.

BENNER, David G. (ed.). Baker encyclopedia of psychology. Grand Rapids: Baker Book, 1985.

Bíblia de Estudo de Genebra. São Paulo: Cultura Cristã; Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.

BLANK, Renold J. e VILHENA, M. Ângela. Esperança além

da esperança. Valença: Siquem Ediciones, 2001.

BLOCH, Ernest. El principio esperanza. Madri: Aguilar, 1977.

BOFF, Clodovis. Teoria do método teológico. São Paulo: Vozes, 1999.

BONFATTI, Paulo. A expressão popular do sagrado: Uma análise psicoantropológica da Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo: Paulinas, 2000.

BOUDON, Raymond e BOURRICAUD, François. Dicionário crítico de sociologia. São Paulo: Ática, 1993.

BOWMANN Jr., Robert M. The word: Faith controversy: Understanding the health and wealth gospel. Grand Rapids: Baker Book, 2001.

BROWN, Colin (ed. geral). O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1989. v. II.

BUENO, Francisco da Silveira. Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa. Santos: Editora Brasília, 1974.

BURGESS, Stanley M. e MCGEE, Gary B. Dictionary of pentecostal and charismatic movements. Grand Rapids: Zondervan, 1988.

CALIMAN, Cleto (org.). A sedução do sagrado: O fenômeno religioso na virada do milênio. Petrópolis: Vozes, 1999.

CALVANI, Carlos E. Teologia e MPB. São Paulo: Loyola/Umesp, 1998.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Templo, teatro e mercado. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio; São Bernardo do Campo: Umesp, 1997.

CAMPOS Jr., Luís de Castro. Pentecostalismo: Sentido da palavra divina. São Paulo: Ática, 1995.

CASTELLANOS, César. Sonha e ganharás o mundo. São Paulo: Palavra da Fé Produções, 1999.

CASTRO, Clóvis Pinto de. "Dos desafios do mundo urbano à pastoral da igreja", in Pastoral e mística. Cadernos de Pós-Graduação de Ciências da Religião, edição nº. 8. São Bernardo do Campo: Imes, 1995.

CHAMPLIN, Russell N. e BENTES, João M. Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. São Paulo: Candeia, 1997. v. II.

CRABB, Larry. Sonhos despedaçados. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

CÉSAR, Waldo e SHAULL, Richard. Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1999.

CONDE, Emílio. História das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

COSTA, Jefferson Magno (ed.). Enviado por Deus: Memórias de Daniel Berg. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

DAYTON, Donald W. Theological roots of pentecostalism. Peabody: Hendrickson, 1987.

DESROCHE, Henri. Dicionário de messianismos e milenarismos. São Bernardo do Campo: Umesp, 2000.

DIAS, Arlindo Pereira. Domingão do cristão: Estratégias de comunicação da Igreja Católica. São Paulo: Salesiana, 2001.

DOLGHIE, Jacqueline Ziroldo. A Renascer em Cristo e o mercado de música gospel no Brasil. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Umesp, 2002.

DOUGLAS, J. D. (ed). The new international dictionary of the christian church. Grand Rapids: Zondervan, 1978.

_____. O novo dicionário da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1991.

DUNN, Ron. Por que Deus não me cura? São Paulo: Mundo Cristão, 1997.

EDDY, Mary Baker. Ciência e saúde com a chave das

Escrituras. Boston: The First Church, Scientist.

ELLIOT, John H. Um lar para quem não tem casa: Interpretação sociológica da primeira carta de Pedro. São Paulo: Paulinas, 1985.

ELWELL, Walter A. (ed.). Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã. São Paulo: Vida Nova, 1990. v. II.

FARRIS, James Reaves. “Intervenção na crise: perspectivas teológicas e implicações práticas”, in Estudos da religião. São Bernardo do Campo: Umesp, ano XI, nº. 12, dezembro de 1996.

FEE, Gordon D. e STUART, Douglas. Entendes o que lês? Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 1986.

FLORISTÁN, Casiano. Teología de la acción pastoral. Madri: BAC, 1968.

_____. Conceptos fundamentales de pastoral. Madri: Cristiandad, 1983.

_____. Teología práctica. Teoría y práxis de la acción pastoral. Salamanca: Sígueme, 2002.

_____ e TAMAYO, Juan José. Diccionario abreviado de pastoral. Navarra: Verbo Divino, 1988.

FURUCHO, Natal. Como ser um dizimista fiel. Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001.

GAEBELEIN, Frank E. The expositor's Bible commentary. Grand Rapids: Zondervan, 1981.

GEE, Donald. Acerca dos dons espirituais. Pindamonhangaba: IBAD – Instituto Bíblico das Assembleias de Deus, 1985.

GIBELLINI, Rosino. A teologia do século XX. São Paulo: Loyola, 1998.

GREEN, Michael. I believe in Satan's downfall. Grand Rapids: Baker Book, 1981.

GRUDEM, Wayne. Teologia sistemática. São Paulo: Vida Nova, 1999.

GUEDES, Marson. O caminho de Jeremias. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

GUTIÉRREZ, Benjamin F. e CAMPOS, Leonildo Silveira. Na força do Espírito – Os pentecostais na América Latina: Um desafio às igrejas históricas. São Bernardo do Campo: Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Ciências da Religião, 1996.

HAGIN, Kenneth E. A autoridade do crente. Rio de Janeiro: Graça, s.d.

_____. A fé para remover montanhas. Rio de Janeiro: Graça, s.d.

_____. A oração que prevalece para a paz. Rio de Janeiro: Graça, s.d.

_____. A respeito dos dons espirituais. Rio de Janeiro: Graça, s.d.

_____. Como ser dirigido pelo Espírito de Deus. Rio de Janeiro: Graça, s.d.

_____. Crescendo espiritualmente. Rio de Janeiro: Graça, s.d.

_____. Ele concedeu dons aos homens: Uma perspectiva bíblica dos apóstolos, profetas e pastores. Rio de Janeiro: Graça, s.d.

_____. Novos limiares da fé. Rio de Janeiro: Graça, s.d.

_____. O extraordinário crescimento da fé. Rio de Janeiro: Graça, s.d.

_____. O nome de Jesus. Rio de Janeiro: Graça, s.d.

_____. Seguindo o plano de Deus. Rio de Janeiro: Graça, s.d.

_____. Sermões clássicos. Rio de Janeiro: Graça, s.d.

_____. Uma nova unção. Rio de Janeiro: Graça, s.d.

_____. Zoe: a própria vida de Deus. Rio de Janeiro: Graça, s.d.

_____. O que fazer quando a fé parece fraca e a vitória perdida. Rio de Janeiro: Graça, 1987.

_____. É necessário que os cristãos sofram? Rio de Janeiro: Graça, 1990.

_____. O espírito humano. Rio de Janeiro: Graça, 1990.

_____. Redimidos da miséria, da enfermidade e da morte. Rio de Janeiro: Graça, 1990.

_____. Eu creio em visões. Rio de Janeiro: Graça, 1996.

_____. Jesus, a porta aberta. Rio de Janeiro: Graça, 2000.

_____. Pensamento certo ou errado. Rio de Janeiro: Graça, 2000.

_____. Chaves bíblicas para a prosperidade financeira. Rio de
Janeiro: Graça, 2001.

_____. Impossibilidade humana, possibilidade divina. Rio de Janeiro: Graça, 2001.

HARRIS, Laird R. et alii. Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HEITZENRATER, R. P. Wesley e o povo chamado metodista. São Bernardo do Campo: Editeo, 1996.

HINN, Benny. Bom dia, Espírito Santo. São Paulo: Bompastor, s.d.

HOCH, Lothar Carlos. "O lugar da teologia prática como disciplina teológica", in SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (org.). Teologia prática no contexto da América Latina. São Leopoldo: Aste/Sinodal, 1998.

HOLLENWEGER, Walter J. Pentecostalism: Origins and developments worldwide. Peabody: Hendrickson, 1997.

JUSTINO, Mário. Nos bastidores do Reino: A vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo: Geração, 1995.

KYDD, Ronald A. N. Charismatic gifts in the early church. Peabody: Hendrickson, 1984.

LAKATOS, Eva M. e MARCONI, Marina A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 1991.

LIBÂNIO, João Batista. O que é pastoral. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. Utopia e esperança cristã. São Paulo: Loyola, 1989.

_____. A religião no início do milênio. São Paulo: Loyola, 2002.

LINDSAY, Gordon. Os fatos sobre o sétimo dia. Rio de Janeiro: Graça, s.d.

LUCADO, Max. Nas garras da graça. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

MACEDO, Edir. O avivamento do Espírito de Deus. Rio de Janeiro: Universal, 1986.

_____. O caráter de Deus. Rio de Janeiro: Universal, 1986.

_____. O perfeito sacrifício. Rio de Janeiro: Universal, 2001.

_____. O poder sobrenatural da fé. Rio de Janeiro: Universal, 1989.

MACEDO, Edir. Vida com abundância. Rio de Janeiro: Universal, 1990.

_____. A libertação da teologia. Rio de Janeiro: Universal, 1997.

_____. Como fazer a obra de Deus. Rio de Janeiro: Universal, 2000.

_____. Nos passos de Jesus. Rio de Janeiro: Universal, 1999.

_____. Como receber a cura. Rio de Janeiro: Graça, s.d.

MACEDO, Edir. Mensagens. Rio de Janeiro: Universal, 2000.

_____. Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus. Rio de Janeiro: Universal, Volumes 1 (2002), 2 (2001) e 3 (2000).

_____. Orixás, caboclos e guias: Deuses ou demônios? Rio de Janeiro: Universal, 2001.

MANZANARES, César Vidal. Dicionário de patrística. Aparecida do Norte: Santuário, 1995.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil. Tese de doutorado em Sociologia apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2001.

MATHER, George e NICHOLS, Larry A. Dicionário de religiões, crenças e ocultismo. São Paulo: Vida, 2000.

MATOS, Alderi Souza et alii. Fé cristã e misticismo: Uma avaliação bíblica de tendências doutrinárias atuais. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

MCALISTER, Robert. Dinheiro: Um assunto altamente

espiritual. Rio de Janeiro: Carisma, 1981.

MCCONNELL, D. R. A different gospel – A historical and biblical analysis of the modern faith movement. Peabody: Hendrickson, 1988.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa e VELASQUES FILHO, Prócoro. Introdução ao protestantismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1990.

_____. O celeste porvir. São Paulo: Paulinas, 1984.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa e VELASQUES FILHO, Prócoro. Protestantes, pentecostais e ecumênicos. São Bernardo do Campo: Umesp, 1997.

MENZIES, William W. e ROBERT, P. Spirit and power: Foundations of pentecostal experience. Grand Rapids: Zondervan, 2000.

MICKELSEN, A. Berkeley. Interpreting the Bible. Grand Rapids: Eerdmans, 1979.

MILHOMENS, Valnice. Plano estratégico para redenção da nação. São Paulo: Palavra da Fé, 1999.

MOLTMANN, Jürgen. Esperanza y planificación del futuro: Perspectivas teológicas. Salamanca: Sígueme, 1971.

_____. El hombre: Antropología cristiana en los conflictos

del presente. Salamanca: Sígueme, 1973.

_____. El Dios crucificado: La cruz de Cristo como base y crítica de toda la teología cristiana. Salamanca: Sígueme, 1975.

_____. Sufrimiento de Dios: Esperanza del mundo. Manágua: CIEETS, 1992.

_____. Deus na criação – Doutrina ecológica da criação. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. O caminho de Jesus Cristo – Cristologia em dimensões messiânicas. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. O Espírito da vida – Uma pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. Trindade e Reino de Deus. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. A vinda de Deus: Escatologia cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

_____. Teologia da esperança: Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Teológica, 2003.

MORIARTY, Michael G. The new charismatics: A concerned voice responds to a dangerous new trend. Grand Rapids: Zondervan, 1992.

MOSCONI, Luis. As duas cartas de Pedro. São Paulo: Paulinas, 2002.

MUELLER, Ênio R. I Pedro: Introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão/Vida Nova, 1991.

NELSON, Reed Eliott. “Modelos organizacionais, crescimento e conflito no protestantismo brasileiro: Uma perspectiva semiótica”, in Estudos da religião. São Bernardo do Campo: Umesp, nº. 17, dezembro de 1999.

NÚÑEZ, Emilio A. e TAYLOR, William D. Crisis in Latin America: An evangelical perspective. Chicago: Moody Press, 1989.

OLSON, Roger. História das controvérsias na teologia cristã. São Paulo: Vida, 2004.

OSBORN, T. L. Curai enfermos e expulsai demônios. Rio de Janeiro: Coleção Graça de Deus, 1980.

_____. A cura de Cristo: Como recebê-la. Rio de Janeiro: Graça, 1990.

ORO, Ari Pedro. Avanço pentecostal e reação católica. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____ et alii (org.). Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003.

PARKER, Larry e TANNER, Don. We let our son die. Irvine: Harvest, 1980.

PETERSON, Eugene. Um pastor segundo o coração de Deus. Rio de Janeiro: Textus, 2000.

PIERATT, Alan. O evangelho da prosperidade: Análise e respostas. São Paulo: Vida Nova, 1993.

PORTO, Humberto e SCHLESINGER, Hugo. Dicionário enciclopédico das religiões. Petrópolis: Vozes, 1995. v. 1.

PRANDI, Reginaldo. Um sopro do Espírito. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1997.

RANAGHAN, Kevin e Dorothy. Católicos pentecostais. Pindamonhangaba: O. S. Boyer, 1972.

REILY, Duncan A. História documental do protestantismo no Brasil. São Paulo: Aste, 1993.

RIVERA, Paulo Barrera. Tradição, transmissão e emoção religiosa: Sociologia do protestantismo contemporâneo na América Latina. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

RODOVALHO, Robson. Quebrando as maldições hereditárias. Brasília: Koinonia, 1994.

ROLIM, Francisco Cartaxo (org.). Pentecostais no Brasil: Uma interpretação sócio-religiosa. Petrópolis: Vozes, 1985.

ROLIM, Francisco Cartaxo. A religião numa sociedade em transformação. Petrópolis: Vozes, 1997.

ROMEIRO, Paulo. Supercrentes: O Evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.

_____. Evangélicos em crise: Decadência doutrinária na igreja brasileira. São Paulo: Mundo Cristão, 1995.

_____. Esperanças e decepções: Uma análise crítica da prática pastoral do neopentecostalismo na Igreja Internacional da Graça de Deus sob a perspectiva da práxis religiosa. Tese de doutorado apresentada na Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), sob orientação do Prof. Dr. Geoval Jacinto da Silva, em maio de 2004.

ROSA, Ronaldo Sathler. "Ação pastoral em tempo pós-moderno: Uma perspectiva brasileira", in Estudos de religião. São Bernardo do Campo: Umesp, ano XI, nº. 12, dezembro de 1996.

RUNYON, T. A nova criação: A teologia de João Wesley hoje. São Bernardo do Campo: Editeo, 2002.

SANTIDRIÁN, Pedro R. Breve dicionário de pensadores cristãos. Aparecida do Norte: Santuário, 1998.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (org.). Teologia

prática no contexto da América Latina. São Paulo: Aste; São Leopoldo: Sinodal, 1998.

SCHÜLER, Arnaldo. Dicionário enciclopédico de teologia. Canoas: Ulbra, 2002.

SHAKARIAN, Demos. O povo mais feliz da terra. Rio de Janeiro: Adhonep, 1998.

SHERRILL, John L. Eles falam em outras línguas. São Paulo: Sociedade Evangélica Betânia, 1969.

SILVA, Geoval Jacinto da. "Ideias fundamentais para o estudo da teologia prática: uma abordagem a partir da questão do método", in Estudos de religião. São Bernardo do Campo: Umesp, ano XV, n°. 21, dezembro de 2001.

SILVEIRA, Jerônimo Onofre da. Os exterminadores de riquezas. Belo Horizonte: s.e., 1993.

_____. Provisão e riquezas. Belo Horizonte: s.e., 1993.

SMITH, Dennis A. "Pistas polêmicas para uma pastoral no final do milênio", in GUTIERREZ, Benjamin F. e CAMPOS, Leonildo Silveira. Na força do Espírito. São Bernardo do Campo: Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Ciências da Religião, 1996.

SOARES, Órris. Dicionário de filosofia. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde – Instituto Nacional do Livro,

1952. v. 1.

SOARES, R. R A sua saúde depende do que você fala. Rio de Janeiro: Graça, s.d.

_____. O direito de desfrutar saúde. Rio de Janeiro: Graça, s.d.

_____. Os três estágios da bênção. Rio de Janeiro: Graça, s.d.

_____. Os falsos profetas. Rio de Janeiro: Graça, 1985.

_____. Como tomar posse da bênção. Rio de Janeiro: Graça, 1997.

_____. As bênçãos que enriquecem. Rio de Janeiro: Graça, 1998.

_____. Exija seus direitos. Rio de Janeiro: Graça, 2000.

_____. Onde está o Deus que me fez? Rio de Janeiro: Graça, 2000.

_____. Presente: A dádiva que abençoa a quem o dá. Rio de Janeiro: Graça, 2000.

_____. Curso Fé: 12 lições com perguntas e respostas. Rio de Janeiro: Graça, 2001.

_____. Espiritismo, a magia do engano. Rio de Janeiro: Graça, 2001.

_____. Os segredos para a vitória. Rio de Janeiro: Graça, 2001.

SOUZA, Beatriz M. A experiência da salvação: Pentecostais em São Paulo. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

SOUZA, Sandra Duarte de. Trânsito religioso e construções simbólicas temporárias: Uma bricolagem contínua. São Bernardo do Campo: Umesp, 2001.

SPENER, Phillip Jacob. Mudança para o futuro – Pia Desideria. Curitiba: Encontrão; São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 1975.

SWINDOLL, Charles R. O despertar da graça. São Paulo: Eclésia, 2003.

SYNAN, Vinson. The twentieth-century pentecostal explosion: The exciting growth of pentecostal churches and charismatic renewal movements. Altamonte Springs: Creation House, 1987.

SZÉKELY, L. C. Béla. Diccionario Enciclopédico de la Psique. Buenos Aires: Claridad, 1975.

SZENTMÁRTONI, Mihály. Introdução à teologia pastoral. São Paulo: Loyola, 1999.

TADEU, Jorge. Cura divina: Como receber e manter. Lisboa: Igreja Maná, s.d.

TILLICH, Paul. História do pensamento cristão. São Paulo: Aste, 1988.

VINE, W. E. An expository dictionary of biblical words. Nashville: Thomas Nelson, 1984.

VINGREN, Ivar. Diário do pioneiro Gunnar Vingren. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

WALKER, Williston. História da igreja cristã. São Paulo: Aste, 1967. v. I.

WEBER, Max. Ensaios de sociologia. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

YAMABUCHI, Alberto Kenji. Cura e poder na teologia de R. R. Soares: Uma análise crítica à luz da teologia prática. Dissertação de Mestrado pela Umesp. São Bernardo do Campo, 2002.

YANCEY, Philip. Maravilhosa graça. São Paulo: Vida, 2003.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares e BARRO, Jorge Henrique (org.). Práxis Evangélica – Revista de teologia prática latino-americana. Londrina: Faculdade Teológica Sul-Americana, nº. 1 (novembro de 2002), nº. 2 (abril de 2003) e nº. 3 (agosto de 2003).

_____. “As dimensões da ação: Construindo o referencial teórico da teologia prática”, in Práxis evangélica – Revista de teologia prática latino-americana. Londrina: Faculdade Teológica Sul-Americana,
nº. 2, abril de 2003.

Sobre o autor

PAULO ROMEIRO é bacharel em Jornalismo, mestre em Teologia pelo Gordon-Conwell Theological Seminary, em Boston, doutor (Ph.D.) em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e desenvolveu trabalhos evangelísticos em diferentes países como Nigéria, México, Guatemala, El Salvador, Estados Unidos e em países europeus. É fundador e diretor da AGIR – Agência de Informações Religiosas, entidade que pesquisa os novos movimentos religiosos (www.agirbrasil.com).

A partir de 1989, passou a ter interesse por um movimento importado dos Estados Unidos denominado Teologia da Prosperidade, que se espalhava rapidamente pelo Brasil. Assim, surgiu seu primeiro livro, intitulado Supercrentes: O evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade, que se tornaria um best-seller no mundo evangélico. Em 1995 publicou Evangélicos em crise: Decadência doutrinária na igreja brasileira.

Tem realizado simpósios sobre religiões e discernimento

bíblico em igrejas e instituições teológicas desde 1983, no Brasil e no exterior, além de seminários para líderes de diferentes denominações sobre discernimento doutrinário. Além disso, tem colaborado com a mídia secular nacional e internacional (como a rádio e TV BBC de Londres), fornecendo informações para os principais jornais e revistas sobre os novos movimentos religiosos.

Ele é fundador e pastor da Igreja Cristã da Trindade, em São Paulo. É casado com Simone e pai de dois filhos, Alyne e Adryel.

[1]Ari Pedro Oro, Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé, p. 32,33. V. tb. entrevista sobre o mesmo tema na revista Eclésia, dezembro de 2003, p. 18.

[2]Para obter detalhes sobre a teologia da prosperidade e suas consequências, v. Paulo Romeiro, Supercrentes e Evangélicos em Crise.

[3]Dennis A. Smith, Pistas polêmicas para uma pastoral no final do milênio in Benjamin F. Gutiérrez e Leonildo S. Campos, Na força do Espírito – Os pentecostais na América Latina: Um desafio às igrejas históricas, p. 286.

[4] Atos 2:1-4.

[5] J. D. Douglas, O novo dicionário da Bíblia, p. 1265.

[6]2:17-21.

[7] V. análise de documentos da Igreja Primitiva e dos escritos dos pais da Igreja em Ronald A. N. Kydd, Charismatic gifts in the early church.

[8] Antonio G. Mendonça, Protestantes pentecostais e ecumênicos, p. 151-152.

[9] Walter A. Elwell, Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã, p. 87.

[10]Williston Walker, História da igreja cristã, p. 87.

[11]Dicionário de messianismos e milenarismos, p. 343.

[12]Paul Tillich, História do pensamento cristão, p. 51.

[13]Donald Gee, Acerca dos dons espirituais, p. 60.

[14]Paulo B. Rivera, Tradição, transmissão e emoção religiosa, p. 234.

[15]Pedro R. Santidrián, Breve dicionário de pensadores cristãos, p. 462-464.

[16]"Mudança para o futuro" in Pia desideria, p. 16-18.

[17]O celeste porvir, p. 74.

[18]O celeste porvir, p. 226-8.

[19]Para mais informações sobre Wesley, v. R. P. Heitzenrater, Wesley e o povo chamado metodista, e T. Runyon, A nova criação – A teologia de João Wesley hoje.

[20]J. D. Douglas, The new international dictionary of the christian church, p. 1034.

[21]Miguel Albanez, Introdução à história do movimento pentecostal no Brasil, p. 13.

[22]Michel Moriarty, The news charismatics, p. 246.

[23]William W. Menzies e P. Robert, Spirit and Power: Foundations of pentecostal experience, p. 17-18.

[24]Theological roots of pentecostalism, p. 63-65.

[25]Kevin e Dorothy Ranaghan, Católicos pentecostais, p. 319.

[26]Walter J. Hollenweger, Pentecostalism — Origins and developments worldwide, p. 20.

[27]Idem.

[28]Stanley M. Burgess e Gary B. McGee, Dictionary of pentecostal and charismatic movements, p. 53-54.

[29]Folha de S. Paulo, 9 de maio de 2002, caderno especial.

[30]Eclésia, fevereiro de 2003, p. 33.

[31]Folha de S. Paulo, 21 de dezembro de 2002, p. C1.

[32]Os dados foram relatados pelo próprio fundador in Congregação Cristã no Brasil — Histórico da obra de Deus revelada pelo Espírito Santo no século atual, 4ª. ed., São Paulo, 1977.

[33]Idem, p. 23.

[34]Os dados narrados sobre a vida de Vingren foram extraídos de Ivar Vingren, Diário do pioneiro – Gunnar Vingren.

[35]Emílio Conde, História das Assembleias de Deus no Brasil, p. 26.

[36]Mensageiro da paz, março de 2002, p. 9.

[37]Idem, agosto de 1991, p. 4-5.

[38]Vinson Synan, The twentieth-century pentecostal explosion, p. 100-101.

[39]Stanley M. Burgess e Gary B. McGee, op. cit., p. 461.

[40]Vinson Synan, op. cit., p. 99.

[41]Luís de Castro Campos Jr., Pentecostalismo: Sentido da palavra divina, p. 36.

[42]Ducan A. Reily, História documental do protestantismo no Brasil, p. 380.

[43]Eclésia, fevereiro de 2003, p. 33.

[44]Igreja Pentecostal Deus é Amor: histórico, Disponível em www.ipda.com.br/historico.asp.

[45]Folha de S. Paulo, 11 de maio de 2000, p. C4, e O Dia, 17 de maio de 2000, p. 9.

[46]Site da Igreja de Nova Vida, histórico. Disponível em www.novavida.org.br/histo.php.

[47]Página 69.

[48]V. Edir Macedo, Orixás, caboclos e guias —Deuses ou demônios?, e R. R. Soares, Espiritismo, a magia do engano.

[49]Raymond Boudon e François Bourricaud, p. 372-380.

[50]Arnaldo Schüler, Dicionário enciclopédico de teologia, p. 155.

[51]V. Ricardo Mariano, Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil, p. 13; Luís de Castro Campos Jr., op. cit., p. 145; Leonildo S. Campos, Templo, teatro e

mercado, p. 380-391; A. G. Mendonça, Protestantes, pentecostais e ecumênicos, p. 152, 157; Duncan A. Reily, op. cit., p. 367-368, e F. C. Rolim, Pentecostais no Brasil: Uma interpretação sócio-religiosa, p. 68.

[52]Paulo B. Rivera, Tradição, transmissão e emoção religiosa – Sociologia do protestantismo contemporâneo na América Latina.

[53]Antonio G. Mendonça e P. Velasques Filho, Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 256.

[54]Op. cit., p. 28-33.

[55]Op. cit., p. 33.

[56]Leonildo S. Campos, op. cit., p. 50.

[57]Idem.

[58]IstoÉ, “100 fatos que marcaram o século”, 29 de dezembro de 1999.

[59]Paulo Bonfatti, A expressão popular do sagrado, p. 22.

[60]V. site da igreja: www.igrejauniversal.org.br.

[61]Ricardo Mariano, op. cit., p. 55-56.

[62]Veja, 1°. de outubro de 2003.

[63]Folha universal, 10 a 16 de agosto de 2003.

[64]Veja, 25 de outubro de 1995, p. 98.

[65]Idem, 29 de janeiro de 2003, p. 105.

[66]Folha de S. Paulo, 15 de junho de 2000, p. A10.

[67]Veja, 19 de março de 2003, p. 111.

[68]JacqueIine Dolghie, A Renascer em Cristo e o mercado de música gospel no Brasil.

[69]Veja, 21 de fevereiro de 2001, p. 79.

[70]Veja, 21 de fevereiro de 2001, p. 80.

[71]V. revista Época, de 20 de maio de 2002, p. 51-9.

[72]Cópia da carta original com autor.

[73]Ricardo Mariano, op. cit., p. 104.

[74]Para mais detalhes sobre Valnice Milhomens e seu ministério, v. Paulo Romeiro, Evangélicos em crise.

[75]Paulo Romeiro, Supercrentes, p. 21-22.

[76]Movimento que propõe o crescimento das igrejas através de células, com reuniões nos lares. As pessoas são

evangelizadas nas células, nas reuniões na igreja ou em eventos evangelísticos. Depois de evangelizadas, começa o processo de consolidação. Uma vez consolidada a célula, começa a formação do grupo de doze para discipulado. Consolidado esse grupo, ele estimula cada um a formar o próprio grupo de doze. Surge então o líder de 144, numa equação exponencial. Para mais informações sobre o movimento, v. Valnice Milhomens, Plano estratégico para redenção da nação, e César Castellanos, Sonha e ganharás o mundo.

[77]Veja, 17 de janeiro de 2001, p. 22.

[78]V. Jornal da Tarde, 6 de janeiro de 2003, p. B4, e revista Época, 28 de julho de 2003, p. 64-67.

[79]V. site da igreja: www.boladeneve.com. V. tb. Jornal da Tarde, 6 de janeiro de 2003, p. B4, e revista Época, 28 de julho de 2003, p. 64, 67.

[80]Estudos da religião, ed. 17, p. 41, 43.

[81]Gênesis 20:1-13 e 1 Samuel 24:6. Nas Escrituras, o uso da expressão não se refere a questionamento ético ou doutrinário, mas ao atentado contra a integridade física da pessoa. Para mais detalhes, v. Evangélicos em crise, p. 40, 42.

[82]Nos bastidores do Reino, p. 9.

[83]Dados fornecidos em entrevista concedida ao autor por Eber Cocareli, assessor de R. R. Soares para assuntos doutrinários há quase sete anos.

[84]V. “A igreja que assusta – o bispo Edir Macedo já tem mais de três milhões de seguidores”, Veja, 25 de outubro de 1995, p. 96-105. V. tb. as obras de Paulo

Bonfatti, Leonildo Silveira Campos e Ricardo Mariano.

[85]Ensaios de sociologia, p. 340.

[86]I believe in Satan’s downfall, p. 158.

[87]Ari Oro, Avanço pentecostal e reação católica, p. 54.

[88]Waldo Cesar e Richard Shaull, Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs, p. 74-75.

[89]V. revista Veja, de 16 de maio de 1990, p. 46, e de 25 de dezembro de 1991, p. 31-8, e revista Ultimato, setembro/outubro de 2002, p. 24.

[90]Ricardo Mariano, Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil.

[91]Folha de S. Paulo, 26 de julho de 1996, p. 1-10.

[92] Idem, 16 de julho de 1997, p. 1-13.

[93]Manchete, 26 de outubro de 1996, p. 44.

[94] Veja, 23 de março de 1988, p. 64.

[95]Reginaldo Prandi, Um sopro do Espírito, p. 125.

[96]Arlindo Pereira Dias, Domingão do cristão, p. 22.

[97]A igreja eletrônica e o seu impacto na América Latina, p. 18-22.

[98]"Guerra santa", Veja, 29 de janeiro de 2003, p. 105.

[99]Site da igreja: www.ongrace.com.

[100]Antonio G. Mendonça, Protestantes, pentecostais e ecumênicos, p. 160.

[101]Ricardo Mariano, Neopentecostais…, p. 44.

[102]Stanley M. Burgess e Gary B. McGee, op. cit., p. 718.

[103]A different gospel, p. 30.

[104] V. Mary Baker Eddy, Ciência e saúde com a chave das Escrituras, p. 113-114, 123, 129.

[105]The word – Faith controversy, p. 37.

[106]George Mather e Larry A. Nichols, Dicionário de

religiões, crenças e ocultismo.

[107]Para mais detalhes, v. a autobiografia de Hagin, Eu creio em visões, p. 12-20.

[108]Idem, p. 32.

[109] Eu creio em visões, p. 3-5.

[110] Idem, p. 36.

[111]Kenneth E. Hagin, Pensamento certo ou errado, p. 7-8.

[112] Site da Kenneth Hagin Ministries: www.rhema.org/worldwide/outreach.cfm.

[113]Entre os controversos ensinos de Benny Hinn estão: o Espírito Santo possui corpo, Eva foi criada para dar à luz pelos lados, Adão foi um ser sobre-humano, podendo voar à Lua ou nadar debaixo d'água sem precisar respirar, e sua declaração autodenominando-se Deus-homem. Há vários outros nomes ligados à confissão positiva, como Kenneth e Gloria Copeland, Frederick Price, Charles Capps, Robert Schüller, Robert Tilton, John Avanzini, Paul (David) Yonggi Cho e Ulf Ekman. Mais informações sobre esses assuntos estão em Paulo Romeiro, Supercrentes.

[114]Para obter mais detalhes sobre esse grupo, v. George Mather e Larry A. Nichols, op. cit., p. 48-52.

[115]Stanley M. Burgess e Gary B. McGee, op. cit., p. 95-96.

[116] Idem, p. 655-656.

[117] Carta viva do missionário R. R. Soares, fevereiro de 2000, nº. 51, p. 8-9.

[118]Kenneth E. Hagin, Sermões clássicos, p. 222-225.

[119]T. L. Osborn, Curai enfermos e expulsai demônios, p. 45-47.

[120]É necessário que os cristãos sofram?, p. 8, 27.

[121]Redimidos da miséria, da enfermidade e da morte, p. 19.

[122]O nome de Jesus, p. 124.

[123]R. R. Soares, Exija seus direitos, p. 122-123.

[124]Idem, O direito de desfrutar saúde, p. 7-8, 17.

[125]Jorge Tadeu, Cura divina: Como receber e manter, p. 12.

[126]Citado em T. L. Osborn, A cura de Cristo: Como recebê-la, p. 21-22.

[127]R. R. Soares, Espiritismo, a magia do engano, p. 102-4.

[128]R. R. Soares, Exija seus direitos, p. 27-35.

[129]Carta viva do missionário R. R. Soares, nº. 60, novembro de 2000, p. 33.

[130]Idem, nº. 44, junho de 1999, p. 3-4.

[131]Jorge Tadeu, op. cit., p. 36-37, 48-49.

[132]A religião no início do milênio, p. 155-156.

[133]O perfeito sacrifício, p. 19.

[134]Novos limiares da fé, p. 63.

[135]Jerônimo Onofre da Silveira, Provisão e riquezas, p. 3, 7. O texto original apresenta incorreções gramaticais.

[136]Folha universal, 30 de maio a 5 de junho de 1999, p. 12A.

[137]Razão e fé: O discurso da dominação colonial, p. 261-284.

[138]Carta viva do missionário R. R. Soares, nº. 62, janeiro de 2001, p. 34.

[139]Eclésia, nº. 67, junho de 2001, p. 26.

[140]Cura interior é a crença de que os traumas passados da infância, juventude ou mesmo antes do nascimento (neste caso, rejeição ou tentativa de aborto) – devem ser resolvidos

com seções de libertação, exorcismo e regressões até o útero. Neuza Itioka, ex-missionária da SEPAL (Servindo aos Pastores e Líderes), Jesher Cardoso (Missão Shekinah) e Valnice Milhomens estão entre os muitos que difundem esse ensino no Brasil.

[141]Um dos principais proponentes dessa doutrina é Robson Rodovalho, fundador e líder da Comunidade Sara Nossa Terra. Rodovalho escreveu um livro sobre o assunto intitulado Quebrando as maldições hereditárias. Outro livro sobre o tema e muito difundido no mercado evangélico é o de Marilyn Hickey, com o título Quebre a cadeia da maldição hereditária, traduzido e publicado pela Associação dos Homens de Negócio do Evangelho Pleno (ADHONEP).

[142]Edir Macedo, Orixás, caboclos e guias: Deuses ou demônios?, p. 93-94.

[143]A Folha universal publica constantemente matérias hostis ao catolicismo romano e aos cultos afros.

[144]A razão, segundo alguns pentecostais, está no texto de 2 Coríntios 3:6: “Ele nos capacitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do Espírito; pois a letra mata, mas o Espírito vivifica”. Eles desconsideram o versículo seguinte, que explica que a letra a que Paulo se refere é a lei gravada nas tábuas de pedra, e não o conhecimento da Bíblia ou de qualquer outro ramo da ciência.

[145]Edir Macedo, A libertação da teologia, p. 17.

[146]A. Berkeley Mickelsen, Interpreting the Bible, p. 3, 20. O livro de Mickelsen é recomendado para o estudo da hermenêutica por Gordon D. Fee e Douglas Stuart, autores de Entendes o que lês?, p. 9.

[147]Allan H. Anderson e Walter J. Hollenweger (eds.), Pentecostals after a century.

[148] Walter J. Hollenweger, Pentecostalism: Origins and developments worldswide, p. 307.

[149]Pentecostalism, p. 313.

[150]Edir Macedo, A libertação da teologia, p. 69.

[151]Alderi Souza de Matos et alii, Fé cristã e misticismo, p. 58.

[152] Emilio Antonio Nuñes e William D. Taylor, Crisis in Latin America – An evangelical perspective, p. 297.

[153]Op. cit., p. 368.

[154]Folha universal, 17 a 23 de agosto de 2003, p. 6B.

[155]Disponível em www.renascerfloripa.com.br.

[156]Dos 116 boletins publicados de 1991 a 1994, 79 trataram

de temas do Antigo Testamento e apenas 37 do Novo Testamento.

[157]Ricardo Mariano, Neopentecostais…, p. 133-135.

[158]Dados extraídos principalmente de folhetos distribuídos pela Igreja do Evangelho Quadrangular de Juiz de Fora. Existe grande variedade dessas propagandas em forma de folhetos, distribuídos semanalmente.

[159]Paul Freston in Alberto Antoniazzi et aIii, Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo, p. 138.

[160]Edir Macedo, Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus, v. 2, p. 101-102.

[161]Carta viva do missionário R. R. Soares, nº. 69, agosto de 2001, p. 36.

[162]Aldair Dutra de Assis (ed.), Igreja Universal do Reino de Deus: Sua teologia e sua prática, p. 30-31.

[163]Op. cit., p. 82.

[164]Jacqueline Z. Dolghie, op. cit., p. 53.

[165]Para informações detalhadas sobre o modelo G-12, v. Valnice Milhomens, Plano estratégico para redenção da nação, e César Castellanos, Sonha e ganharás o mundo.

[166]Para obter mais detalhes, v. Evangélicos em crise.

[167]The new carismatics, p. 41-42.

[168]V. Bíblia de estudo pentecostal, p. 1757.

[169]Está acontecendo, ano 1, nº. 9, julho de 2001.

[170]Larry Parker e Don Tannert, We let our son die.

[171]Tal & Qual, 30 de agosto a 5 de setembro de 1991.

[172]Nos bastidores do Reino, p. 64-65.

[173]29 de dezembro, p. 3A.

[174]Carta viva do missionário R. R. Soares, nº. 75, fevereiro de 2002, p. 34.

[175]Idem, nº. 48, novembro de 1999, p. 15.

[176]Edir Macedo, O poder sobrenatural da fé, p. 19-20.

[177]Edição de 20 de maio de 2002, p. 18.

[178]Ricardo Mariano, Neopentecostais…, p. 176.

[179]Waldo César e Richard Shaull, op. cit, p. 80.

[180]Op. cit., p. 369, 374.

[181]Entrevista gravada em novembro de 2003, em São Paulo.

[182]Entrevista realizada em 2003. Os nomes foram alterados para preservar os envolvidos.

[183]Entrevista realizada em 2003. O nome foi alterado para preservar o envolvido.

[184]Sandra D. Souza, Trânsito religioso e construções simbólicas temporárias: Uma bricolagem contínua, p. 164-165.

[185]Folha de S. Paulo, 14 de dezembro de 2003, p. C1.

[186]Trânsito religioso – Uma leitura crítica a partir da teologia prática: Desafios e perspectivas, p. 99-100.

[187]Roger Olson, História das controvérsias na teologia cristã p. 379-387.

[188]Walter A. Elwell (ed.), Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã, v. 2, p. 216.

[189]R. Laird Harris et aIii, p. 694-695.

[190]Colin Brown, O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento, v. II, p. 137.

[191]Idem, p. 316.

[192]Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia, v. II, p. 953.

[193]O despertar da graça, p. 19.

[194]Maravilhosa graça, p. 71.

[195]Charles R. Swindoll, O despertar da graça, p. 36.

[196]Sonhos despedaçados, p. 7.

[197]Nas garras da graça, p. 127.

[198]Citado em Marson Guedes, O caminho de Jeremias, p. 15.

[199]Folha de S. Paulo, “Esquerda no divã – Contrariados com os rumos do governo, intelectuais oscilam entre a decepção aberta e a ponta de esperança”, 30 de novembro de 2003, p. A9.

[200]Casiano Floristán, Teología práctica. Teoría y práxis de Ia acción pastoral, p. 120.

[201]Jürgen Moltmann, Trindade e Reino de Deus, p. 112.

[202]Página 10.

[203]Idem, ibidem.

[204]Idem, p. 12.

[205]Teologia da esperança, p. 29-30.

[206]Joseph Piper citado em Jürgen Moltmann, p. 30.

[207]Teologia da esperança, p. 51.

[208]Idem, p. 175. V. exemplo.

[209]Rosino Gibellini, A teologia do século XX, p. 282.

[210]Sufrimiento de Dios: Esperanza del mundo, p. 44-45, 60.

[211]O Espírito da vida, p. 184.

[212]Idem, p. 184-185.

[213]Teologia da esperança, p. 39-40.

[214]O caminho de Jesus Cristo, p. 208-209.

[215]Trindade e Reino de Deus, p. 65.

[216]A autoridade do crente, p. 30.

[217]O direito de desfrutar saúde, p. 11.

[218]Páginas 73-74.

[219]Ultimato, janeiro/fevereiro de 1990, p. 3.

[220]A fonte da vida, p. 113-114.

[221]Idem.

[222]A fonte da vida, p. 113-114.

[223]As duas cartas de Pedro, p. 34.

[224]Página 1494.

[225]Teologia da esperança, p. 197-198.

[226]Idem, p. 64-65.

[227]Páginas 20-21.

[228]Frank E. Gaebelein, The expositor's Bible commentary, p. 240.

[229]Teología práctica, p. 119, 121, 122, 359.

[230]Christoph Schneider-Harpprecht (org.), Teologia prática no contexto da América Latina, p. 54.

[231]Op. cit., p. 399-400, 404.

[232]Teología práctica, p. 405.

[233]Idem, p. 402, 409.

[234]Leonildo Silveira Campos, op. cit., p. 456-459.

[235]Teología práctica, p. 466-467.

[236]"Sobre levitas, apóstolos e outros modismos; desabafo

de um professor de teologia", disponível em www.ejesus.com.br.

[237]Teología práctica, p. 552.

[238]Idem, p. 576-577.

[239]V. Jerônimo Onofre da Silveira, Os exterminadores de riquezas, p. 24-25.

[240]"Intervenção na crise: perspectivas teológicas e implicações práticas", in Estudos da religião, p. 101.

[241]Op. cit., p. 628-629.

[242]Teología práctica, p. 630-632.

[243]"Peneirando líderes, formando pastores", disponível em www.salus.psc.br.

[244]Teología práctica, p. 709-710.

[245]Idem, p. 711.

[246]"Peneirando líderes, formando pastores", disponível em www.salus.psc.br.

[247]Benjamim F. Gutiérrez e Leonildo Silveira Campos, op. cit., p. 281-282.

[248]Idem, p. 284-286.

[249]Por que Deus não me cura?, p. 150-151.

[250]Citado em Ron Dunn, op. cit., p. 151.

[251]D. R. McConnell, A different gospel, p. 176-177.

[252]Mihály Szentmártoni, Introdução à teologia pastoral, p. 30.

[253]Dalton Barros de Almeida, "A pastoral na virada do milênio", in Cleto Caliman, A sedução do sagrado: O fenômeno religioso na virada do milênio, p. 176.

[254]Idem, p. 176-177.

[255] "As estruturas da ação: Construindo o referencial teórico da teologia prática", Práxis evangélica, nº. 3, p. 99-100.

[256]Idem, p. 102.

[257]V. Leonildo Silveira Campos, op. cit., p. 302.

[258]"Dos desafios do mundo urbano à pastoral da Igreja", in Pastoral e mística, p. 41-43.

[259]Idem.

[260]Um pastor segundo o coração de Deus, p. 1-2.

[261]Idem, ibidem.

[262]Renold J. Blank e M. Ângela Vilhena, Esperança além da esperança, introdução.

[263]Idem.

[264]Teologia da esperança, p. 26-27.

[265] Lourenço Stelio Rega, “Fast food gospel”, Eclésia nº. 45, p. 45.

[266]A vinda de Deus: Escatologia cristã, p. 72-73.

PARTE

A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO NEOPENTECOSTALISMO

1

2

3

Pesquisa para o Leitor

Livro: Decepcionados com a graça

Estamos constantemente preocupados com a qualidade de nossos livros. Uma de nossas ferramentas para melhorar isso é a sua resposta a este questionário.

Nome:_____

e-mail:_____

1. O que achou do livro que acabou de ler?

_____

2. Como classifica a qualidade de impressão deste livro?

( )ruim ( )aceitável ( )boa ( )ótima
sugestão:_____

3. Qual o assunto que você gostaria de ver publicado?

_____

Seviço de atendimento ao Leitor (S.A.L.) Editora Candeia

Rua João da Rocha, 200 loja 01
CEP: 04437-030 - São Paulo - SP

(11) 3477-1616

www.candeia.com.br

Table of Contents

projeto decepcionados
- Dedicatória
- Agradecimentos
- Prefácio
- Introdução
- 1 Capítulo A origem pentecostal
- 2 Capítulo O surgimento do neopentecostalismo
- 3 Capítulo Fatores de crescimento do neopentecostalismo
- PARTE ASPECTOS TEOLÓGICOS DO NEOPENTECOSTALISMO BRASILEIRO
  - 4 Capítulo A influência da confissão positiva
  - 5 CapítuloA hermenêutica
  - 6 Capítulo A liturgia
  - 7 Capítulo Esperanças e decepções
- PARTE A PRÁTICA PASTORAL NO CONTEXTO DA GRAÇA
  - 8 Capítulo Redescobrindo a graça
  - 9 CapítuloO sofrimento e a esperança segundo as escrituras
  - 10 CapítuloA ação pastoral da igreja
  - Considerações finais
  - Bibliografia
  - Sobre o autor

PARTE A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO NEOPENTECOSTALISMO
2